

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO**  
**Mestrado em Ciências Humanas**

**Baltasar Gomez Ruiz Júnior**

**“GANHAR OU PERDER, MAS SEMPRE COM DEMOCRACIA”:  
A GAVIÕES DA FIEL E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO  
BRASILEIRA**

**São Paulo**

**2023**

**Baltasar Gomez Ruiz Júnior**

**“GANHAR OU PERDER, MAS SEMPRE COM DEMOCRACIA”:  
A GAVIÕES DA FIEL E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO  
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Santo Amaro — UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Dias.

**São Paulo**

**2023**

G619g Gomez Ruiz Jr., Baltasar.

“Ganhar ou perder, mas com democracia”: a Gaviões da Fiel e o processo de redemocratização da sociedade brasileira / Baltasar Gomez Ruiz Jr. — São Paulo, 2023.

114 p.: il., color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) —  
Universidade Santo Amaro, 2023.

Orientador: Prof. Me. Dr. Luiz Antonio Dias.

1. Democracia. 2. Interdisciplinaridade. 3. Torcidas organizadas. I.  
Dias, Luiz Antonio, orient. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

**Baltasar Gomez Ruiz Júnior**

**“GANHAR OU PERDER, MAS SEMPRE COM DEMOCRACIA”:  
A GAVIÕES DA FIEL E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO  
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Santo Amaro — UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Dias.

São Paulo, 16 de fevereiro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Patrícia M. F. Coelho

---

Prof. Dr. Rafael Lopes de Souza

---

Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto

Conceito final

---

## AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas.

Inicio os agradecimentos com o meu orientador, Professor Doutor Luiz Antonio Dias, por toda a paciência, confiança, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e em todas as disciplinas que lecionou com o Professor Doutor Rafael Lopes de Souza durante os seminários do mestrado. Muito obrigado por me ter corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar.

Quero neste espaço agradecer também a diretora da escola que trabalho, Simone Luiza Hübner, pela forma humana de encarar o tempo.

Desejo igualmente agradecer a minha amiga Erica Ambiel Julian que foi um pilar na construção desta dissertação com suas intervenções, revisões e indicações bibliográficas. Sem palavras.

Não posso esquecer de agradecer do apoio da Professora Juliana Figueira da Hora que compartilhou o seu tempo para esclarecer dúvidas e orientar caminhos mais viáveis no momento que eu estava perdido no processo de pesquisa da minha dissertação. Suas palavras foram fundamentais para eu sair da zona de conforto.

Agradeço a Roberto Daga pela entrevista, Chico Malfitani (um dos fundadores da Gaviões da Fiel) por conceder uma preciosa entrevista e Júlio César de Toledo (terceiro presidente da Gaviões da Fiel) que proporcionou uma entrevista esclarecedora e incorporada nesta dissertação.

Outra referência é Wagner Reis (Waguinho) de Duque de Caxias, falar de torcida organizada é falar de Waguinho.

Agradeço aos funcionários da biblioteca do campus Adolfo Pinheiros que foram sempre solícitos nos dias em que eu cumpria os horários destinados a bolsa de estudo e a pesquisa. Proporcionaram minhas quartas e sábados mais leves.

Finalizo, agradecendo à minha família e amigos, mas destaco a minha mãe por ser a referência de vida. Lembro de Sader e os novos movimentos sociais (mamãe é uma guerreira), meu pai Silvio por sua preocupação e os meus filhos Milena T. Gomez Ruiz e Elder T. Gomez Ruiz, inspiração para a minha vida.

## RESUMO

A presente dissertação apresenta a participação política do grêmio Gaviões da Fiel no período da redemocratização política brasileira, incluindo o olhar sobre o processo de democratização interna na gestão do clube, ocorrida na mesma época. Entender a Democracia Corinthiana, no bojo da redemocratização da sociedade brasileira, implica enfrentar os modos pelos quais esse processo foi habitualmente analisado pela historiografia, assim passamos a focar nos sujeitos envolvidos. Essa aproximação com o viés das subjetividades demonstra que tal democracia no clube surgiu a partir de outras mobilizações existentes nas arquibancadas do Corinthians, fortemente atreladas aos novos movimentos sociais dos anos 1970 e 1980, ligados à luta por direitos básicos. Portanto, a reflexão se apoia em eventos que envolveram a torcida do Corinthians principalmente a Gaviões da Fiel, como a abertura da faixa pela Anistia Política em um jogo, em 1979. A metodologia se baseia na pesquisa documental em periódicos, das décadas de 1970 e 1980, e no conjunto de narrativas dos que viveram o período, de jogadores a torcedores e funcionários anônimos, dialogando com um referencial teórico que contempla a nova historiografia, além da revisão bibliográfica dos estudos relacionados ao episódio em questão. Assim, a pesquisa faz uma análise sócio-histórica com uma abordagem interdisciplinar ancorada na ciência antropológica, sociológica com viés historiográfico da sociedade brasileira do período em tela.

**Palavras-chave:** redemocratização; interdisciplinaridade; torcidas organizadas.

## ABSTRACT

This master thesis presents the political participation of the Gaviões da Fiel supporters' association during the period of Brazilian political re-democratization, including a look at the process of internal democratization in the organization of the club, which took place at the same time. To understand the Corinthian Democracy in the context of the re-democratization of the Brazilian society implies confronting the ways in which this process was usually analyzed by historiography, thus we will focus on the subjects involved. This approach to subjectivities shows that such democracy in the club emerged from other existing mobilizations in the bleachers of Corinthians, strongly linked to the new social movements of the 1970s and 1980s, related to the fight for basic rights. Therefore, the reflection is based on events that involved Corinthians supporters, especially Gaviões da Fiel, such as the opening of the banner for Political Amnesty in a match in 1979. The methodology is oriented by documentary research in periodicals from the 1970s and 1980s, and by the narratives of those who lived through the period, from players to fans and anonymous employees, discussing them with a theoretical referential that contemplates the new historiography, besides the bibliographic review of studies related to the episode in question. Thus, the research makes a social-historical analysis with an interdisciplinary approach based on anthropological and sociological science with a historiographical bias of the Brazilian society of the period in question.

**Keywords:** redemocratization; interdisciplinarity; soccer supporters.

## Lista de Siglas

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
AI-5	Ato Institucional número 5
ALESP	Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
ATOESP	Associação das Torcidas Organizadas dos Estado de São Paulo
BBC	British Broadcasting Corporation
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CMTC	Companhia Municipal de Transportes Coletivos
CBA	Comitês Brasileiros de Anistias
CBA	Comitês Brasileiros pela Anistia
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DEOPS	Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo
DOI-CODI	Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna
FAAP	Fundação Armando Álvares Penteado
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FPF	Federação Paulista de Futebol
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
GRES	Grêmio Recreativo, Esportivo e Social
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexo e Assexual
LHP	Lealdade, humildade e procedimento
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MFPA	Movimento Feminino pela Anistia
MST	Movimento dos Trabalhadores sem Terra
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PDS	Partido Democrático Social

PM	Polícia Militar
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PPR	Partido Progressista Reformador
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SNI	Serviço Nacional de Informações
SP	São Paulo
TUSP	Torcida Uniformizada do São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

## Lista de Figuras

Figura 1 - Violência no jogo entre Corinthians e Santos em 1979.....	62
Figura 2 - Manifestação sobre a faixa na mídia, 1979 .....	65
Figura 3 - Mateus, procure um novo técnico! .....	71
Figura 4 - A torcida reclama; a polícia explica”, 1975.....	85
Figura 5 - Quadra da Gaviões 2016 .....	98
Figura 6 - Fala em quadra da Gaviões da Fiel .....	99
Figura 7 - Fala na quadra da Gaviões da Fiel (2).....	99
Figura 8 - Democracia na quadra da Gaviões.....	100
Figura 9 - Fala na quadra da Gaviões da Fiel (3).....	100
Figura 10 - Fala na quadra da Gaviões da Fiel (4).....	101

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	11
<b>1 A Gaviões da Fiel no fio da história</b> .....	23
1.1 A Gaviões da Fiel: origem e composição .....	24
1.2 A Gaviões da Fiel como movimento social (1969–1979) .....	35
1.3 A Formação das Torcidas Jovens .....	42
<b>2 A faixa da anistia e a Gaviões da Fiel na luta contra a ditadura</b> .....	48
2.1 Futebol e política na década de 1970 .....	51
2.2 A anistia .....	56
2.3 A história da faixa .....	60
<b>3 A ATOESP e as personagens da Gaviões</b> .....	77
3.1 Flávio La Selva, Fundador da Gaviões e presidente da ATOESP .....	78
3.2 As atividades na ATOESP.....	83
3.3 A vocação democrática e as Diretas Já .....	94
3.4 Reflexões sobre a vocação democrática da Gaviões da Fiel.....	101
<b>Considerações finais</b> .....	107
<b>Referências</b> .....	113

## INTRODUÇÃO

No dia 14 de dezembro de 1983, quando se disputaria no estádio do Morumbi a final do campeonato paulista de futebol, uma surpresa marcou a entrada em campo do time do Corinthians. Ao saírem do túnel para fazer a tradicional saudação à torcida, seus jogadores empunhavam uma faixa com os seguintes dizeres: “ganhar ou perder, mas com democracia”. De modo surpreendente, um time que entrava em campo para disputar o título firmava posição em defesa de manifestação política e assim deixava evidenciado para o público que o exercício da cidadania tinha a “mesma importância” que a eventual vitória de um campeonato de futebol. O escrete, de maneira evidente, anunciava seus esforços na luta pela liberdade civil e equiparava sua importância com a possível conquista do título regional. Conforme Regis (2004) em entrevista a Victor Martins, Juca Kfourri relata como aquela atitude (a exposição da faixa) impactou a ele e a outros expectadores.

O Momento que a mim mais cala e que deixa a opinião pública mais perplexa, ‘Pô esses caras não estão para brincadeira.’, é quando o Corinthians entra em campo para o jogo decisivo com a faixa ‘Ganhar ou perder, mas com democracia’. O time estava dizendo: ‘A gente está ganhando sim, nós podemos até perder, não importa. O que importa é o método’. Não fica me cobrando pelo resultado em campo, mas tem uma ideia mais importante, subjacente à nossa atitude.’ Eles estão ganhando e tão dizendo que não é o ganhar, o mais importante é a democracia (REGIS, 2004).

O entusiasmo de Juca Kfourri não era ocasional. Os dizeres da faixa externavam o anseio de grande parte da sociedade civil pela abertura política. Neste sentido, Juca Kfourri nos ajuda a entender a importância que aquela manifestação teve por explicitar uma tomada de posição política por parte do time, o que, além de estar longe de ser usual, solapava a visão do senso comum que relacionava jogadores a indivíduos passivos politicamente. Este evento demonstrou ao grande público a possibilidade de atletas se tornarem cidadãos pensantes e entrarem na arena política, utilizando o seu espaço para pleitear mudanças no percurso da história. (REGIS, 2004).

A novidade da faixa exibida pelos jogadores em 1983 se explica pelo advento, naquele momento, de um movimento político desenvolvido no âmbito do Sport Club

Corinthians Paulista, um dos clubes mais populares do Brasil <sup>1</sup>, entre os anos de 1982 e 1984: a chamada *Democracia Corinthiana* (DIAS; FARINA, 2016; FLORENZANO, 2009; NEGRELLO, 2008; REGIS, 2004; SOCRÁTES; GOZZI, 2003). Trata-se de um movimento que teve como uma de suas marcas principais a afirmação do direito de participação de todos os jogadores, da comissão técnica e da diretoria nas questões relacionadas ao futebol do clube. Essa participação ia desde as questões mais corriqueiras, como a parada ou não do ônibus no trajeto do clube ao estádio, até questões mais complexas e mais delicadas, como a contratação de um técnico ou de um jogador. Tudo era decidido no voto direto. A votação era incentivada e paritária, o que fazia com que o voto de um roupeiro tivesse o mesmo peso que o de um treinador (FLORENZANO, 2003).

A manifestação, vinda da arquibancada do Corinthians tem uma significação maior do que se ocorresse em uma torcida de um time “menor”. Com sede na Capital Paulista, o Corinthians já representava uma das maiores equipes brasileiras da época, a visibilidade dos seus jogos alcançava para o país inteiro. Hoje, 112 anos de história do clube, muitas conquistas marcam sua trajetória. O time da Zona Leste paulistana ocupa o Parque São Jorge, onde funciona a sede e reduto corinthiano. Se estabeleceu como o time que mais conquistou títulos no Brasil, com trinta campeonatos paulistas, três Copas do Brasil, sete Campeonatos Brasileiros, uma Copa Libertadores e dois Mundiais de Clubes FIFA, mais cinco Torneios Rio–São Paulo e uma Recopa Sul-Americana. Com esse histórico de vitórias em grandes campeonatos, o time mobilizava uma torcida que já apontava como uma das maiores do Brasil. O rádio e a televisão transmitiam sempre os seus jogos e a mídia impressa estava atenta as ações que envolvessem o Corinthians. Portanto, a exibição da faixa teve uma repercussão maior por conta do tamanho do clube. A discussão sobre a importância do Corinthians será retomada nos próximos capítulos.

Os jogadores podiam e participavam das decisões como sócios beneméritos e conselheiros, tendo direitos a votos para a presidência do clube. A participação dos atletas através do debate e do voto resultou em conquistas importantes para eles, como o fim da concentração obrigatória dos jogadores casados. Nem as torcidas organizadas foram excluídas do processo democrático que surgira no Parque São

---

<sup>1</sup> Para mais informações, ver em <https://www.corinthians.com.br/noticias/time-do-povo-corinthians-completa-111-anos-de-historia-de-glorias-e-marcas-historicas>.

Jorge, pois participaram do Conselho Deliberativo do clube dois integrantes de cada uniformizada corinthiana (FLORENZANO, 2003).

Embora instaurado com a finalidade primeira de transformar as relações trabalhistas no clube, a Democracia Corinthiana resultara num movimento pela democratização das relações humanas e sociais do Corinthians. Vivia-se e/ou experimentava-se sonhos de torcedores de todos os clubes do país. Na primeira metade da década de 1980 o anseio geral era pelo fim da ditadura militar e a Democracia Corinthiana canalizava com sua irreverência no jogar, na proposta da autogestão, nas entrevistas contestatórias do doutor Sócrates e nas mensagens políticas nas camisetas.

O movimento iniciado naquele momento no Parque São Jorge mostrava, porém, ter uma clara interface com questões mais amplas. Não por acaso, o movimento ganhava corpo em meio ao processo de redemocratização brasileira, que começava a apontar para a falência do modelo político inaugurado com o golpe de 1964. Se desde aquele momento a realidade política brasileira havia sido marcada pela restrição dos direitos dos cidadãos pelo controle dos veículos de comunicação, e pela negação dos princípios democráticos, a distensão do regime iniciada no governo do General Ernest Geisel mostrava a progressiva falência desse modelo (SKIDMORE, 1988).

Era em meio ao anseio mais amplo por liberdade e democracia que se explicava o movimento ocorrido no clube. Não por acaso, personalidades ligadas à *Democracia Corinthiana*, como Adílson Monteiro Alves, Sócrates, Juninho, Casa Grande, Luís Fernando e Ataliba, participaram de manifestações cívicas como os comícios que pediam as “*Diretas Já*”. De certa forma, o clube autorizava a participação dos atletas, uma vez que o próprio diretor de futebol também o fazia (LOURENÇO, 1992).

Nem só dos jogadores e as lideranças se fez o movimento. Faixas como a pendurada pela torcida em 1979 remetendo-se ao movimento de luta pela anistia de presos políticos do regime militar indicavam que a *Democracia Corinthiana* não estava restrita aos jogadores, embora tenha sido em torno deles que se concentraram a maior parte das análises sobre o fenômeno (LOURENÇO, 1992).

Para tentarmos compreender a participação e as experiências dos “novos sujeitos” do mundo esportivo no processo político dos anos 1980, pretendemos privilegiar, além dos jogadores, o testemunho de alguns participantes anônimos do movimento: os membros das torcidas organizadas. Junto com os próprios atletas, foram estes que ajudaram a dar uma forma ao movimento, expressando um diálogo direto entre campo e arquibancada. Pretende-se fazer a análise das estratégias de parte da torcida organizada para disseminar valores democráticos: através de faixas com dizeres cívicos-políticos, da participação de manifestações políticas, como no caso dos comícios das *Diretas Já*, da interação com outros movimentos políticos, sociais e culturais; e com a *Democracia Corinthiana*. Com isso, acredita-se contemplar estes personagens na arena política da redemocratização brasileira. (LOURENÇO, 1992).

A opção em analisar o processo de disseminação dos ideais durante o processo de abertura política brasileira através de torcedores de futebol se liga às mudanças ocorridas no âmbito da historiografia nas últimas cinco décadas. Neste período, aconteceram fissuras na hegemonia do paradigma tradicional historiográfico, que enfocava prioritariamente os aspectos políticos ligados essencialmente ao Estado. O modelo predominante de se fazer história estava voltado para questões nacionais e/ou internacionais, sendo o local ou regional deixado em segundo plano.

Após entrar em contato com a bibliografia que aborda a *Democracia Corinthiana*, é perceptível que os autores praticamente não citavam a participação dos torcedores neste processo. Diante disso nos colocamos a seguinte questão: Será que os torcedores estavam imunes a esta participação política? Ao iniciar a pesquisa, foi buscado nos arquivos do DEOPS, jornais da época e documentos, que nos permitiram verificar que, segundo essas fontes, em momentos importantes do período da redemocratização, a Gaviões da Fiel ou parte de seus membros teve participação relevante. Parte das arquibancadas ganharam funções que extrapolaram sua finalidade primordial, isto é, a de empurrar seu time e impulsioná-lo à vitória. (FLORENZANO, 2003).

Uma das evidências foi a exposição de uma faixa para um público de mais de 100 mil torcedores com os dizeres: “*Anistia ampla, geral e irrestrita*” no início de 1979. Após aproximadamente cinco anos a Gaviões da Fiel se faz também presente nos comícios das *Diretas Já*. Dados retirados do DEOPS mostram a participação da

torcida e do time, no início do movimento, sendo influenciado não só no estado de São Paulo, mas em contingente Nacional, explicando assim, a necessidade acerca da participação popular. Os documentos apontados da relação do Corinthians com essas manifestações, tais como entrevistas e registros, mostram a importância política e social do time. (FLORENZANO, 2003). No arquivo do Estado de São Paulo (local onde fica armazenado o acervo do DEOPS), encontramos três fichas/registros acerca da Gaviões da Fiel.

Metodologicamente os preceitos da História Oral buscam dar visibilidade histórica de sujeitos cujos testemunhos não chegaram a ficar registrados em outros tipos de fonte. Aliado aos depoimentos, serão usadas reportagens jornalísticas para complementar e contrapor os testemunhos. É o caso dos torcedores comuns: se os jogadores e os diretores das torcidas organizadas tiveram seu testemunho registrados em notícias, entrevistas ou livros de memória, esse não é o caso da maior parte dos torcedores anônimos das arquibancadas. O uso da história oral pode trazer ao palco da história participantes jamais reconhecidos como agentes ou parte ativa da história. Sendo assim, a importância da repercussão oral se dá pela visibilidade do período, quando o clube influenciou em um período ditatorial, de modo que, muitos registros físicos não foram executados, compreende-se assim que, as entrevistas e via oral é uma maneira de se especificar os registros do período (SEBE, 2005).

A produção de documentos a partir de fontes orais possibilita que as histórias de vida de cada um dos envolvidos nos ofereça uma visão mais ampla sobre o fenômeno que, embora narrado de forma individual, foi vivido coletivamente. As narrativas são compostas pelas experiências vividas e apresentam os sujeitos que fizeram parte do processo. As experiências apresentadas por esse trabalho de pesquisa registrada por meio de memória desses sujeitos históricos podem nos ajudar a compreender um pouco mais as relações entre a torcida Gaviões da Fiel, no que tange a ala combativa de jogadores do clube que compõem a chamada *Democracia Corinthiana*, a direção do clube e as relações políticas que contextualizam o período em questão.

Trata-se também de trazer à tona as histórias de pessoas que estavam inseridas nesse contexto dos novos sujeitos e espaços e, no entanto, nunca foram ouvidos e não possuem registro historiográfico. Essas entrevistas serão anexadas na

íntegra ao trabalho visando possibilitar que outros leitores possam ter acesso a essas narrativas. (SEBE, 2005).

Assim, inferimos que o mundo das arquibancadas não esteve fora do ambiente político que marcou as décadas de 1970 e 1980. Pensando o surgimento desse novo espaço de atuação política e, conseqüentemente, de novos agentes que passam a atuar de forma diferenciada nos estádios, nos atemos ao conceito de *novos sujeitos* e dos *novos espaços* no contexto de reorganização dos movimentos sociais que marcam os anos 1970 e 1980 (SADER, 1988).

Para a melhor compreensão dessa participação ativa e contestatória, pretende-se discutir, no contexto de redemocratização e ressurgimento dos *novos movimentos sociais*. Dessa forma, pretende-se analisar o percurso historiográfico sobre a abordagem dos movimentos sociais, discutindo a partir novas concepções que emergem do surgimento —para a sociologia— de novos sujeitos históricos no contexto político da redemocratização.

Para tanto, será utilizado como base da discussão o trabalho de Sader (1988) que propõe o debate acerca dos espaços e sujeitos que atuam politicamente a partir de variadas demandas. Dessa forma, o autor busca estender o campo de visão da análise e contemplar pessoas e temas até não inseridos na discussão acadêmica. Além disso, será trabalhado com outros autores que auxiliem na compreensão desses fenômenos e suas múltiplas facetas e singularidades como Paoli (1995) em texto incluído no trabalho intitulado “*Movimentos Sociais e Democracia no Brasil*”. Nessa perspectiva, a autora busca retomar o conceito de movimentos sociais e os significados e rupturas apresentados pela concepção proposta de *novos movimentos sociais*. Isso porque sua preocupação reflete uma busca mais ampla pela realidade que, por ser nova e diversificada, não pode mais ser enquadrada nos paradigmas conceituais tradicionais. Segundo a autora ao se referir aos novos movimentos:

O Termo começou a ser usado para referir-se fundamentalmente ao aparecimento político de autores sociais organizados que não se referenciavam diretamente às estruturas institucionais de poder e representação políticas - partidos, governos, Estado -, nem aos atores clássicos do sistema social - grupos de interesses e classe sociais. Sua originalidade residia no fato de organizarem-se para expressar o desejo de integrar-se a uma outra esfera de poder, aquela que pertence à ordem da cidadania e dos direitos e que é rígida, portanto, por aquilo que hoje, anos mais tarde está sendo enunciado como própria da esfera de uma sociedade revitalizada (PAOLI, 1995, p. 50).

Esse novo modelo interpretativo é compartilhado por diversos autores como Gohn (2004), Telles (1987), Singer (1982) e Chauí (1980). É direcionado através dessa premissa teórica, procurando analisar o papel da torcida organizada Gaviões da Fiel no processo de redemocratização sob a ótica dos novos integrantes e espaços políticos que emergem nesse processo, como a arquibancada e a quadra. Como nos apresenta Hollanda (2008, p.132), a torcida amplia sua participação por meio da reivindicação e dos protestos:

Fruto do crescimento e da disputa pelo poder de influência nos clubes, as torcidas organizadas desencadeiam fissuras nas formas de torcer, com a abolição do apoio incondicional como único designo associativo a contestação, o protesto e a pressão figuram como novas formas de intervenção de grupos que passam a apresentar de maneira progressiva um perfil ativo majoritário em suas fileiras.

Essa nova postura ativa do torcer permite que a arquibancada ganhe a visibilidade de um novo espaço de atuação política do qual emergem sujeitos e demandas que se relacionam ao contexto mais amplo vivido pela sociedade civil. Desta forma, acredita-se que esta pesquisa pode contribuir para mostrar como o “mundo do lúdico” do campo e da arquibancada, podem ser geradores de símbolos e ações que podem ser canalizados para outras esferas como a política ou outras dimensões possíveis. Comparar o atual futebol da elite brasileira tutelada pela lógica do mercado, pelo conservadorismo e pela padronização hierárquica profissional, talvez, possa levar a esquecer que já tivemos uma experiência viva de autogestão com conquistas. Do outro lado, as arquibancadas corinthianas ora aplaudia, ora exigia liberdade com responsabilidade. O grito de liberdade com responsabilidade ocorre porque, em 1984, Sócrates sofre um acidente que o impede de jogar em uma partida decisiva <sup>2</sup>.

Tudo deveria acontecer de acordo com os resultados em campos, mas houve apoio. Nossa contribuição é a partir do futebol, ou melhor, das arquibancadas, para analisar de outro ângulo um período já bastante pesquisado, isto é, o processo final

---

<sup>2</sup> Era comum quando o Corinthians perdesse, membros da Gaviões exibissem faixa com os dizeres *Liberdade com responsabilidade*, ou seja, a conduta da cervejinha ou da ausência da concentração para os casados poderia ser motivo de a torcida relacionar a derrota a tais atitudes. Neste sentido, frisamos que a relação da Gaviões com a Democracia Corinthiana fora marcada pela ambiguidade sendo o resultado em campo um termômetro para aproximação/concórdia/aproximação ou cobrança e confronto.

da ditadura e a redemocratização. No entanto, incluir narrativas de torcedores organizados comuns ou de destaques, podem auxiliar a compreender as possíveis engrenagens sociais da maior torcida organizada do Sport Clube Paulista, e, quiçá, traçar um panorama geral do seu DNA social, sendo esta uma jornada que devemos trilhar.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar como se articulou o ideal democrático nas torcidas organizadas do Sport Clube Corinthians Paulista, da Democracia Corinthiana ao movimento *Diretas Já*, considerando um viés que costuma ser pouco estudado nas pesquisas acadêmicas sobre os movimentos sociais nesse processo, que é, justamente, a participação dos torcedores na redemocratização do Brasil. Aliados a esse objetivo, pretende-se incluir os novos torcedores-cidadãos e jogadores-cidadãos na arena do debate acadêmico; apresentar a tessitura deste jogo político e simbólico na criação de novas estratégias de disseminação do ideal democrático para além do núcleo original; pensar como sujeitos aparentemente distantes do mundo da política podiam ter no lazer (e no futebol, em particular) um meio de articular seu anseio coletivo por mudanças; analisar o surgimento de identidade a partir de uma cultura futebolística com costumes em comum, que divide e/ou compartilha um legado de sofrimento social que extrapola a rivalidade clubística; e, por fim, compreender a atuação do movimento no processo da redemocratização brasileira.

A pesquisa usa a análise dos acontecimentos relacionados à atuação política das torcidas organizadas, usando como foco a Gaviões da Fiel, para entender as questões aqui colocadas. Como os personagens dessa história não são tão acessíveis (parte deles se recusam a fornecer entrevista ou não respondem às tentativas de contato), a base para a coleta de dados são as notícias e reportagens que retrataram os acontecimentos à época, publicados em jornais e revistas.

Dentro dessa proposta, analisaremos a participação da torcida no movimento da *Democracia Corinthiana* através de testemunhos diversos, que serão buscados, de modo especial, no âmbito da imprensa escrita, que conferiu grande destaque ao movimento, e através do recurso à chamada “história oral”, aqui entendida como um método de pesquisa (AMADO; FERREIRA, 2005).

O recurso à imprensa, principalmente a jornais e revistas esportivas, tem por fim oferecer uma fonte para a compreensão do fenômeno social analisado. Dessa

forma, o estudo proposto será realizado por meio de pesquisa documental, que, segundo Pádua (1997), é:

Aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências (PÁDUA, 1997, p. 62).

Ainda, de acordo com Gil (2002, p. 46), a pesquisa documental possui várias vantagens, dentre as quais, ser fonte rica e estável de dados, possuir um custo baixo e possibilitar uma leitura aprofundada de fontes, diferenciando-se da pesquisa bibliográfica em virtude da natureza das fontes, sendo essas aquelas que ainda não receberam um tratamento analítico ou, caso o tenham, ainda possa ser reelaborado segundo os objetivos da pesquisa.

A fonte da mídia impressa usadas é a Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. Essas informações são colocadas na pesquisa dentro do contexto político nacional e relacionando os eventos à história da torcida organizada. Buscando obter a maior quantidade de dados, foi escolhido um escopo amplo de edições de jornais impressos disponível pela Fundação Biblioteca Nacional, que oferece a Hemeroteca Digital Brasileira <sup>3</sup>, que é um portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas. O acervo conta com número crescente de periódicos, lançada em 2006. A base de dados integra coleções que desde 2001 vinham sendo digitalizadas no contexto de exposições e de projetos temáticos, em parceria com instituições nacionais e internacionais. Entre jornais e revistas, os exemplares mais antigos datam de meados do século XVIII. O site não divulga quantos documentos integram a base de dados.

No site, foi feita a busca pelo termo “Gaviões da Fiel”. Todas as ocorrências foram lidas e analisadas. Muitas ocorrências se deviam à violência nos estádios e à atuação de pressão da torcida na diretoria do Grêmio Corinthians. Notícias sobre troca de jogadores e como os técnicos conduziam o time também têm menção à torcida, sempre nesse contexto de pressão dos torcedores no time e diretoria.

---

<sup>3</sup> O site para consulta é o <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Através da pesquisa documental em vários periódicos, pretende-se tanto entender melhor as bases do movimento quanto observar o modo pelo qual jornalistas e cronistas diversos analisaram o fenômeno da Democracia Corinthiana, de modo a ajudar a construir certa imagem para o movimento democrático do Parque São Jorge. Além disso, ainda pode-se confrontar tais imagens com as eventuais entrevistas e depoimentos de jogadores e torcedores de destaque, cujas opiniões costumavam figurar nas páginas de tais órgãos. Será aproveitado o fácil acesso que o pesquisador desta dissertação tem aos arquivos da Gaviões, como as atas e diversos documentos e fontes iconográficas, sem falar dos exemplares do jornal *O Gavião*.

No artigo de Dias e Farina (2016), os autores falam da íntima relação entre a cidade de São Paulo e o futebol, e como a mídia impressa retrata o futebol na cidade pelas notícias retratadas sobre o Sport Club Corinthians Paulista. A questão discutida é se há uma abordagem tendenciosa do jornal Folha de São Paulo nos textos e reportagens sobre o clube, visto que as influências do contexto histórico podem enviesar a forma como a torcida e o time são retratados, pelo caráter popular da agremiação. A ideia é que não sejam tomadas as informações como verdades absolutas e o pesquisador deve ter um olhar relativista e se atentar às opiniões tendenciosas da mídia. Manipular as fontes e os dados têm, geralmente, o objetivo de justificar e produzir uma realidade que legitima o discurso hegemônico.

As notícias e narrativas trazidas nos jornais não podem, pois, serem tomadas como verdade absoluta, uma vez que estão diretamente relacionadas aos interesses econômicos e ao alinhamento ideológico de seus mantenedores. Em outras palavras, a narrativa jornalística é uma construção histórica que carrega os sentimentos, desejos e interesses da linha editorial do jornal (DIAS; FARINA, 2016, p. 3).

Mesmo se há a questão do editorial enviesado das mídias impressas, da mesma forma é construída uma linha narrativa dos acontecimentos, ao longo da história, pelo conjunto de notícias sobre o tema, organizadas cronologicamente, formando uma história da sequência dos acontecimentos. Essa história contada pelos fatos, embora possa ter um viés orientado, elabora uma narrativa dos acontecimentos e é ancorada na realidade.

Se a imprensa se mostra de grande importância, a fonte privilegiada nessa pesquisa será, porém, a oralidade. A utilização de depoimentos orais como um recurso documental de reconhecimento amplo na esfera acadêmica é recente,

merecendo por isso cuidados metodológicos especiais. Longe de utilizar os depoimentos como simples meio de informação a respeito de algum fato, o foco é analisar a memória sobre o passado que eles projetam – pois, como ensina Antônio Montenegro (2003), “o tempo da memória se distingue da temporalidade histórica haja vista que a sua construção está associada ao vivido como dimensão de uma elaboração da subjetividade coletiva e individual, associada a toda uma dimensão inconsciente”.

Nesse sentido, tanto a memória coletiva, quanto a individual, ao procurar reelaborar o vivido, adquirem uma dimensão centrada em uma construção imaginária e nos efeitos que essa representação provoca social e individualmente. Daí a importância não de resgatar os fatos como eles supostamente aconteceram na sua dimensão real, mas, de apreender a construção imaginária desses fatos e relacioná-la com outros tipos de fontes para tentarmos, posteriormente, verificar como estes sujeitos do mundo esportivo participaram ou como estavam inseridos no processo democrático que a sociedade brasileira vivenciava na década de 1980.

A utilização da História Oral possibilita assim que se confira visibilidade histórica a sujeitos cujos testemunhos não chegaram a ficar registrados em outros tipos de fonte. No entanto, o uso da história oral se fará com o cuidado de submeter as fontes orais aos crivos analíticos sistematizados em textos como os de Beatriz Sarlo (2007) e Alessandro Portelli (2016). Quatro torcedores aceitaram de antemão dar entrevistas, são eles: Júlio César de Toledo (Julilão), Roberto Daga (Daga), Francisco Malfitani (Chico Malfitani) e José Cláudio de Almeida Moraes (Dentinho). O último citado foi presidente da Gaviões nos anos 1990; Daga foi um nome indicado por vários componentes da Gaviões quando foram recolhidos, na sede da torcida, informações sobre um integrante participativo no processo de redemocratização; e Osiris, pelo conhecimento de sua trajetória dentro dessa torcida. A partir deles, no entanto, se pretende chegar a outros torcedores anônimos cujas histórias fizeram parte desse processo.

Assim, a dissertação está dividida em quatro seções. Na primeira seção é tratado o surgimento da torcida organizada Gaviões da Fiel e sua relação orgânica com a torcida e a população. Em seguida, a dissertação relata o evento onde ocorre a abertura da faixa pela “Anistia, ampla e irrestrita”, momento em que parte da torcida organizada toma posicionamento frente a ditadura política que vigorava no Brasil. Na

terceira seção, outros eventos da manifestação de caráter político da Gaviões da Fiel são apresentados, mostrando o caráter organizativo e político dos torcedores, retratando o primeiro presidente da agremiação.

## 1 A GAVIÕES DA FIEL NO FIO DA HISTÓRIA

Nossa pretensão não é contar a história da Gaviões da Fiel, mas uma história da Gaviões da Fiel que compartilhe alguns mitos fundadores, mas que não se distancie do contexto histórico e sociológico real. A primeira geração da nossa torcida vivia no campo internacional, no contexto da Guerra Fria e a chegada do homem na lua pela primeira vez, o festival de música *Woodstock*, a Guerra do Vietnã, o ápice da Revolução Cubana etc. Esses eventos contemporâneos na história influenciam todo o contexto coletivo nacional e internacional, criando um ambiente ideológico de transformações. No campo nacional, a troca dos presidentes generais Costa e Silva por Garrastazu Médici, o auge da repressão militar (um ano após a decretação do Ato Institucional nº 5), o extermínio dos grupos guerrilheiros, o assassinato de Marighela, o milagre econômico acompanhado com salários dos trabalhadores archoados, a economia em alta com carestia na mesa da população, o milésimo gol do Pelé etc.

Mas qual era a situação do Corinthians em 1969? Um jejum de mais de 14 anos de títulos. Resgatando o mito fundador, o Corinthians tinha um presidente autoritário ou ditador, Wadih Helu <sup>4</sup>, que utilizava o Corinthians para questões pessoais, como se candidatar e se eleger a deputado estadual pelo partido (ARENA) do governo. Ao mesmo tempo, não conseguia trazer ou formar times vitoriosos e a fila por títulos só aumentava e o corinthiano era símbolo de chacota por torcedores de outros clubes.

Surge neste contexto um perfil diferente de torcedores que Hollanda (2012) aponta para a emergência da transformação da prática torcedora da *carnevalização* (anos 1930, 1940 e 1950) para a *juvenização* (1960, 1970 e 1980) <sup>5</sup>. Em outras palavras, aparecem jovens questionadores não tutelados pelo clube reivindicando

---

<sup>4</sup> Wadih Helu comandou o Corinthians entre 1961 e 1971, período em que o time não teve vitórias em campeonatos, exceto um Rio-São Paulo em 1966. Durante todo o período de sua presidência no clube, prometeu construir o campo do time sem nunca realizar. Já na década de 1960, iniciou a carreira política como vereador de São Paulo, depois foi deputado estadual de 1967 a 2003, pelos partidos Arena, PDS, PTB, PPR e PPB.

<sup>5</sup> A passagem da carnavalização para juvenização está relacionado a primeira etapa quando as torcidas eram charangas. Tinham a tutela do Estado e do clube e tinham o papel de disciplinar o restante da torcida. Já na fase de juvenização que ocorre a partir de 1960, o contexto histórico é diferente, ou seja, a partir de 1968 temos o AI-5 e uma juventude ansiosa por liberdade e questionamentos. Isso desemboca nas arquibancadas com o surgimento de um novo estilo de torcer, ou seja, as torcidas jovens e/ou torcidas independentes. A Gaviões da Fiel está neste contexto de distanciar da diretoria e presidência para propor novos rumos administrativos e conquista de títulos. Só não podemos esquecer que este fenômeno carnavalização e charangas é uma particularidade carioca, podendo ou não ampliar para as arquibancadas paulistas.

mudança e participação em plena ditadura militar. Utilizamos aqui o mito de origem da Gaviões da Fiel, em outras palavras, sua primeira geração já nasce para lutar contra uma ditadura que estava instaurada no seio do Sport Club Corinthians Paulista.

É importante frisar que este mito fundador vai ser reforçado por outras passagens históricas marcantes como a exposição da faixa da *Anistia Ampla e Irrestrita*, da participação da torcida nos comícios das *Diretas Já* e nos anos mais próximos como a manifestação contra o deputado Capez e sua atuação contra a Máfia da Merenda no Estado de São Paulo. Sem falar da nota oficial afirmando que “Gavião não vota em Bolsonaro” pelo histórico da torcida que é de luta em prol da democracia. Seja mitológica ou não, a Gaviões da Fiel, ou uma parcela significativa dela sempre esteve atrelada a movimentos de emancipação política e social.

### **1.1 A Gaviões da Fiel: origem e composição**

Tudo começou em meados dos anos de 1965 quando um grupo de jovens passaram a se diferenciar nas arquibancadas com questionamentos que colocava em xeque a administração do presidente do Corinthians, Wadih Helu. Entre outras pautas eles propunham alternância política e administrativa no clube.

A memória coletiva do grupo reproduz que: O Corinthians estava sob a administração de Wadih Helu, que durante anos tentou impedir a criação dos Gaviões através de represálias e atos característicos do tempo da ditadura” (HOLLANDA, 2017, n. p.).

Isto significa que havia resistência por parte da administração central do clube de ampliar as discussões políticas que eram provenientes da torcida, como forma de garantir o poder centralizado da administração.

A disputa pela memória oficial ou da história oficial do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida tem relevância. A entidade possui um acervo aberto para o público de segunda a sábado. Acerca da memória da fundação da torcida, há um grupo que procura associar parte dos primeiros fundadores com a ideia que lutavam contra uma ditadura interna no Corinthians, mas indiretamente, lutavam contra a ditadura militar. Para reforçar esta ideia, temos o n.º 1 dos Gaviões, Flávio La Selva, que participava

dos movimentos da Igreja Católica durante o período de abertura política <sup>6</sup>. Já outro grupo, “direciona” a sua memória apenas para a luta interna, isto é, Gaviões da Fiel nasce contra a administração de Wadih Helu. Existe um canto de arquibancada <sup>7</sup> que fica no meio termo destas duas memórias que fora cantada até pouco tempo atrás:

Contra todo ditador que no timão quiser mandar (coro repete)  
 Os gaviões nasceram para poder reivindicar (coro repete)  
 Os direitos da fiel que paga ingresso sem parar (coro repete)  
 Não temos medo de acabar (coro repete)  
 Corinthians joga eu vou estar lá (coro repete)  
 Nossa corrente é forte e jamais se quebrará (coro repete)  
 Pelo Corinthians, com muito amor (todos juntos)  
 Até o fim  
 Ga - vi - ões fiel. (G.R.E.S Gaviões da Fiel (SP), n .p., s. d.).

A memória na Gaviões da Fiel é disputada passo a passo, em outras palavras, fato a fato, então, há questionamento acerca da faixa da *Anistia Ampla e Irrestrita* exposta no jogo contra o Santos no Morumbi em 1979. A outra versão afirma que as faixas só foram expostas na parte de baixo da arquibancada.

A história da Gaviões começa oficialmente em 01 de julho de 1969, conforme a ata de fundação aceita no acervo da torcida. A intenção dos fundadores era participar ativamente do cotidiano do clube, propondo suas ideais nas questões políticas e administrativas, em outras palavras, jovens que ansiavam participação num contexto sênior, conservador e retrogrado. Ao mesmo tempo, queriam permanecer como força independente. Essa construção narrativa, no contexto de 1969, um ano após do Ato Institucional nº 5, remete a uma postura de rebeldia ou ousadia extrema. Quem melhor explica os primeiros passos da Gaviões da Fiel, é um dos fundadores: Chico Malfitani, em depoimento ao projeto “Territórios do Torcer” e contido no texto de Hollanda (2017, n.p.) do Museu do Futebol/FGV – 2014/2015, conta que a primeira reunião para fundar a torcida aconteceu na garagem de seu avô, na Alameda Santos, quase esquina com a Rua Joaquim Eugênio de Lima:

O grupo fundador juntou aproximadamente quinze garotos, entre os 14 e os 20 anos de idade, de diferentes lugares da cidade, que já conviviam em dias de jogos, nas arquibancadas corinthianas. O estudante Flávio Tadeu Garcia La Selva foi o primeiro presidente dos Gaviões. A primeira ata do grêmio foi assinada por Flavio La Selva, Alcides Jorge de Souza Piva (Joca), Cláudio

<sup>6</sup> Mais sobre a história de Flávio La selva será tratado no terceiro capítulo desta dissertação.

<sup>7</sup> Este canto emerge na arquibancada, neste sentido não há um registro preciso de seu surgimento. No entanto a música foi gravada posteriormente pela G.R.E.S Gaviões da Fiel (SP).

Faria Romero (Vila Maria), Orlando Rosato (Rosinha), Carlos Marino Chagas (Manchinha), Igor Dondo, Francisco Malfitani (Chico), Carlos Augusto Saraiva (Linguíça), Artur Timerman, Brasil de Oliveira, Ivan de Oliveira, Benedito Amorim (Lampião). (HOLLANDA, 2017, n.p.).

Outra passagem do site dos Gaviões explica a inspiração para o nome da torcida:

O Gavião foi escolhido como a ave-símbolo da torcida, por suas características marcantes: voa mais alto, enxerga mais longe, não erra a presa, não possui um predador natural etc.) e por influência da história de uma tribo indígena que na época estava em muita evidência. A tribo Gaviões vivia no Pará e no final da década de 60, muitos grileiros e posseiros, prevendo a valorização das terras da tribo, com a construção da Rodovia PA 70, passaram a invadi-las. Os índios gaviões reagiram tão violentamente que um trecho ao longo da PA-70 teve que ser interditado pelo Exército, pela FUNAI, Governo do Pará e Polícia Federal até que os gaviões aceitassem sair das terras em volta da Rodovia. (HOLLANDA, 2017, n.p.).

Talvez seja relevante apontar que todo ingressante a membro da Gaviões da Fiel deve participar de uma reunião para ser um “sócio oficial” e ter o direito de comprar a camisa da torcida. Quando participei dessa reunião, a origem do termo Gaviões foi diferente. No entanto, não é nossa intenção arrastar este tema.

Uma característica importante e que difere a Gaviões de outras torcidas é o seu princípio democrático. Desde 1969, o sistema eleitoral da torcida, prevê mandato de apenas dois anos, sem possibilidade de reeleição (isto acontece até os dias atuais com poucas alterações). Flávio La Selva foi o 1.º presidente da instituição. Em 1971, ocorre a primeira dissidência da Torcida que daria origem a outra torcida, a *Camisa 12*<sup>8</sup>. Fundada por um dos fundadores dos Gaviões, Cláudio Faria Romero, o Vila Maria, teria recebido incentivo financeiro para patrocinar faixas, bandeiras, caravanas, instrumentos musicais etc. para ficar atrelado à presidência, ou melhor, para ser a torcida oficial do clube. A Gaviões como Força Independente não aceitou, perdeu grande parte dos seus membros para a Camisa 12 e segundo a sua narrativa quase acabou.

---

<sup>8</sup> Os Gaviões “surgiram no bojo de um movimento de oposição dentro do clube. Quando a facção que apoiavam chegou ao poder, quis transformá-los em torcida oficial e, portanto, sob sua tutela. Eles se recusaram. Com isso foi criado um “racha” dentro dos Gaviões. Dos cerca de 500 membros, restaram menos de 100, os demais fundaram a Camisa 12, aceitando todos os benefícios e imposições da diretoria. Os Gaviões, mantendo-se independente, quase desapareceram. CÉSAR, Benedito Tadeu. Os Gaviões Da Fiel e a Águia do Capitalismo ou O Duelo. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social Unicamp, 1981.

Segundo Hollanda (2017, n. p.), em “1972, a chapa de Wadih Helu perde a eleição para Miguel Martinez, que assumiu o comando do Corinthians”. Os Gaviões da Fiel reivindicam protagonismo nesse episódio, em trecho retirado de seu site, afirmam: “Os Gaviões da Fiel escrevem um fato inédito em sua história: a derrubada de um ditador à frente do Corinthians”<sup>9</sup>.

Apontaremos brevemente alguns relevantes fatos dos dez primeiros anos da Torcida em foco, e depois retornaremos com sua origem e aspecto acerca de sua fundação. Em 1974, com um grupo grande de associados é inaugurada a sede social da torcida na Rua Santa Efigênia. No ano posterior, Ângelo Fasanelo, com a intenção de agregar os membros da torcida que desfilavam em outras escolas de samba, fundou o bloco carnavalesco Gaviões da Fiel. O bloco passa a desfilar na Avenida São João. No mesmo ano, 1975, nosso colaborador/entrevistado, Júlio César de Toledo, o Julião, fora o quinto a assumir a presidência dos Gaviões da Fiel.

O ano de 1976 marcará a história da Gaviões da Fiel pela conquista do seu primeiro título do bloco carnavalesco, com o enredo “Vai, Corinthians”<sup>10</sup>. A Torcida vira destaque em curta metragem *A Fiel*, que narra a *fidelidade* de uma torcida que sofre mais de 20 anos por títulos e chacotas de outros torcedores. Mas o mais surpreendente será a maior invasão interestadual até então registrado e no Rio de Janeiro com mais de 70.000 corinthianos no Maracanã contra o Fluminense pela semifinal do Campeonato Brasileiro. Em seguida, uma massa de aproximadamente 20.000 pessoas viaja a Porto Alegre para assistir e apoiar o Corinthians na final contra o Internacional<sup>11</sup>.

Tal fato ocasionou espanto no cronista carioca, Nelson Rodrigues, em sua coluna no jornal *O Globo*, de 6 de dezembro, de 1976, relatou a invasão corinthiana<sup>12</sup>:

Ninguém sabia, ninguém desconfiava. O jogo começou na véspera, quando a Fiel explodiu na cidade. Durante toda a madrugada, os fanáticos do Timão faziam uma festa no Leme, em Copacabana, Leblon, Ipanema. E as bandeiras do Corinthians ventavam em procela. Ali, chegavam os corinthianos, aos borbotões. Ônibus, aviação, carros particulares, táxis, a pé, a bicicleta (...) A coisa era terrível. Nunca uma torcida invadiu outro Estado, com tamanha euforia. Um turista que, por aqui passasse, havia de anotar no

<sup>9</sup> Disponível em <https://ludopedio.org.br/arquivancada/gavioes-da-fiel/>.

<sup>10</sup> Bordão que terá grande alcance na torcida no século XXI. Composição de Osvaldinho da Cuica e José Ribamar.

<sup>11</sup> O jogo definiria o campeão definiria o campeão brasileiro de 1976 e poderia tirar o Corinthians de um jejum de títulos de mais de 20 anos.

<sup>12</sup> Este trecho de Nelson Rodrigues extraí do texto de Hollanda (2017).

seu caderninho: — “O Rio é uma cidade ocupada”. Os corinthianos passavam a toda hora e em toda parte. (...) Dizem os idiotas da objetividade que torcida não ganha jogo. Pois ganha. (O GLOBO, 1976, n.p.).

Retornando a questão da origem da Gaviões da Fiel, traz em seu bojo a ideia de moralização do Sport Clube Corinthians diante das apropriações indevidas atribuídas a alguns de seus presidentes, que se utilizam da máquina do clube em proveito próprio, aliado ao engajamento político da torcida em momentos cruciais do processo de redemocratização. Retomando a origem mítica da Gaviões da Fiel, Roberto Daga, um dos fundadores, nos traz por meio de uma carta publicada no site da Gaviões da Fiel em 2019, o ideário participativo da torcida:

Todo gavião precisa de um ninho. Em nosso caso, desde 1969, as arquibancadas dos estádios do Brasil tornaram-se o verdadeiro reduto alvinegro. Nesse “habitat” corinthiano temos a função de gritar os 90 minutos em prol de nossa ideologia mosqueteira. Ser Gavião é amar e lutar pelas cores do Coringão, não importando se existem ditadores contrários à nossa filosofia. Preto e branco são reflexões de uma vida inteira de dedicação, glórias e, acima de tudo, de muita paixão pelas cores do Sport Club Corinthians Paulista. Hoje essa união de corações, chamada GAVIÕES DA FIEL, formam a maior, melhor, mais respeitada e invejada torcida organizada do país. E a anos seguimos o mesmo lema... Lealdade - Humildade - Procedimento. (DAGA, 2019, n. p.).

A relação com o engajamento político surge com o atrelamento da formação dos Gaviões a partir do enfrentamento com a presidência Wadih Helú. Segundo Franco (2007), a constituição da Gaviões em 1969 tinha o objetivo de destruir da presidência de Wadih Helu—então deputado estadual da Arena— considerado o principal responsável pelo jejum de títulos paulistas desde a conquista de 1977. Tal a visão é compartilhada por nosso colaborador já citado, Julião <sup>13</sup> (2010):

O maior movimento que teve de torcida, falando de uma participação direta, e politicamente, foi o problema da Revolução Corinthiana. Nós éramos o braço direito e por causa da Revolução Corinthiana nós chegamos a ficar com sete ou oito caras só, praticamente os Gaviões quase acabaram. Nós não podíamos frequentar o Corinthians porque éramos contra o Wadih Helu. Panfletávamos a cidade inteira, em todos os jogos levávamos faixas contra o Wadih Helu, entendeu? Ele sempre usou o Corinthians para se eleger, usava o basquete do Corinthians que era praticamente a seleção brasileira que foi bicampeã mundial. E o Corinthians tinha o carnaval mais popular de salão, e

---

<sup>13</sup> Júlio Cesar de Toledo mais conhecido como Julião nos recebeu em sua casa na cidade de São Caetano do Sul com muita simpatia e solicitude para falar sobre os Gaviões da Fiel, impressão inicial que se configurou ao longo do encontro. Personagem ativo e influente dos anos de formação e consolidação da Gaviões como entidade organizada e participativa, sua narrativa nos apresenta não apenas sua experiência pessoal em relação ao grupo de torcedores, mas também uma compreensão maior sobre a atuação destes no processo de redemocratização brasileira.

um carnaval que sempre foi deficitário porque ele sempre usou para questões pessoais dele. Ter o descabimento do Corinthians ficar tanto tempo sem ganhar nada, com times medíocres e todo esse carisma da torcida. Na verdade, o Corinthians era uma torcida que tinha um time de futebol. (JULIÃO, 2010).

Nesse contexto, é importante frisar que a torcida, a arquibancada que acompanhava a trajetória do Corinthians, assistia à cooptação do clube, tido como um dos mais populares do país pelo regime ditatorial militar que governava o Brasil na época. O projeto de construção de uma identidade nacional que deveria ser erigida sob a imagem de um país que progredia e se modernizava, buscava o apoio da população se associando à imagem do Corinthians, ou seja, forjando uma aliança entre o Estado e o povo.

O próprio Wadih Helu se elegeu graças ao destaque dado pela imprensa esportiva, sobretudo a *Gazeta Esportiva*, à sua atuação no Parque São Jorge. Segundo Florenzano (2009, p. 46), criou-se uma aliança entre esse órgão da imprensa, o regime militar e seus apoiadores que, dessa forma, passam a se utilizar do clube tanto como palanque eleitoral, quanto para demonstrar o apoio popular aos grupos que dirigiam o país.

Sobre a relação entre esses grupos, em 1969, Wadih Helu garantia mais uma reeleição (após ter modificado o estatuto de 1967, via Conselho Deliberativo do clube, o que lhe garantia esse direito) e se perpetuava na presidência, enquanto Paulo Maluf tornava-se prefeito de São Paulo, indicado pelo regime e escolhendo como secretário municipal de esportes —secretaria criada por ele— Carlos Joel Nelli, diretor da *Gazeta Esportiva*.

Na primeira página da edição de 19 de abril, o jornal estampava a foto do prefeito ladeado por Carlos Joel Nelli e Wadih Helu. As relações entre o diário, as autoridades e a direção do Corinthians continuavam rendendo frutos, festas e banquetes. Ainda em 1969, por ocasião das comemorações do 59 aniversário do clube, reunir-se-iam na avenida Higienópolis representantes do 2 Região Militar, da 4 Zona Área e o inspetor-chefe da Guarda Civil. Mas, enquanto nos salões do Rotary Club realizava-se o “monumental banquete”, nas gerais e arquibancadas, os torcedores, que mais uma vez não haviam sido convidados, decidiram fazer sua própria festa e tornar concreta a retórica segundo a qual o Corinthians lhe pertencia. (GAZETA ESPORTIVA, 1969, n.p.).

É neste contexto histórico, em novembro de 1969, no Pacaembu, em um jogo contra o Fluminense, já havia surgido um novo nome coletivo: Os Gaviões da Fiel. A composição dos fundadores do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida — pessoas que se

encontravam nas arquibancadas e acompanhavam o processo político e em campo do time — contraria a imagem que a torcida tem para o público mais amplo, ou seja, despolitizada e com pouca consciência do que ocorria internamente ao clube, para além dos resultados futebolísticos. Ainda segundo nosso colaborador Julião, responsável por ceder a nossa entrevista, os fundadores da Gaviões eram pessoas com escolaridade acima da média se comparada ao quadro geral da população brasileira.

O número um da Gaviões era formado em direito pela Universidade de São Paulo, se formou em Letras na Faculdade São Marcos, estudou Filosofia e Teologia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção. Outro integrante com formação de destaque era Joca, Alcides Jorge de Souza Piva, que segundo Julião, foi técnico de informática no início da década de 1970. Pelo que percebi nas entrevistas que fiz com integrantes que participaram da primeira etapa da formação da Gaviões da Fiel, havia uma centralização do poder nas mãos de poucos. Segundo Julião, o poder decisório da torcida ficava entre os “cinco cardeais” (Julião, Joca, Flávio, Cláudio e Andres).

Neste sentido, existia uma harmonia interna entre as decisões e posicionamento da torcida guiada por estes membros que formavam a alta cúpula da entidade. Cabia aos demais membros acatar os mandos. É esse grupo que inicia um movimento de apoio a uma chapa de oposição a Wadih Helu, encabeçada por Miguel Martinez e que previa novas regras participativas para o estatuto do clube. Movimento esse chamado de *Revolução Corinthiana*:

- 1) Impedir o continuísmo, admitindo somente uma reeleição presidencial; 2) Renovar a classe dirigente do clube e abrir espaço para novas lideranças; 3) Interditar o uso político-eleitoral da associação, estabelecendo a incompatibilidade entre os cargos de direção e os cargos políticos; 4) empreender a descentralização administrativa através da instituição de seis vice-presidências, cada qual dotada de autonomia, e, por último, mas não menos importante, no artigo 27 comprometia-se a instituir a figura do sócio - torcedor. (REVOLUÇÃO CORINTHIANA, 1971, Artigo 1-4º).

A ideia de existência do sócio torcedor com direito a voto demonstra a clara intenção de incluir a participação das arquibancadas nas decisões internas do Corinthians. Infelizmente esse programa foi frustrado pelo próprio Martinez, afastado sob acusações de corrupção e substituído por Vicente Matheus. Este por sua vez, aproveitando-se do prestígio adquirido pelo apoio à chapa de oposição, assume o Corinthians, centraliza a administração e esquece o estatuto, impedindo a alternância

de poder. A postura dos Gaviões em relação a esse novo dirigente, segundo Florenzano (2009):

Os Gaviões da Fiel por sua vez adotaram uma postura ambígua diante do novo quadro político, pois embora desiludidos, com os rumos tomados pelo movimento de oposição à ditadura de Wadih Helu, muitas vezes o apoio dispensado ao time se confundia com o respaldo dado ao presidente Vicente Matheus. (FLORENZANO, 2009, p. 415).

Se os planos da chapa Revolução Corinthiana (em 1971 pleno AI-5) estivesse sido implementada, seria uma revolução infinitamente mais radical que a Democracia Corinthiana nos anos de 1980. Em plena ditadura civil militar, a chapa propõe contrariar a administração autoritária e centralizadora de Wadih Helu, pregava o fim do continuísmo da presidência do clube, renovação das lideranças do Corinthians, incompatibilização do cargo da política com o administrativo do clube e instituir a figura do sócio torcedor na esfera do poder, mesmo que seja para o representativo. Tudo isso em pleno regime ditatorial!

O voo dos Gaviões descortinava horizontes mais amplos do que aqueles nas quais o jornalismo esportivo gostaria de confinar a imaginação criadora dos torcedores. Por certo, pretendia-se acompanhar o alvinegro por todos os cantos em todas as ocasiões, mas deseja-se também democratizar a vida política do clube. Produto dessa exigência, em 1971, a **Revolução Corinthiana**, chapa de oposição ao presidente Wadih Helu, inscrevera no estatuto do clube a categoria do sócio torcedor. O programa do candidato opositor, Miguel Martinez, previa, dentre outros, os seguintes itens: 1. Impedir o continuísmo, admitindo somente uma reeleição presidencial; 2. Renovar a classe dirigente do clube e abrir espaço para novas lideranças; 3. Interditar o uso político-eleitoral da associação, estabelecendo a incompatibilidade entre os cargos de direção e os cargos políticos; 4. Empreender a **descentralização administrativa** através da instituição de seis vice-presidências, cada qual dotada de autonomia, e, por último, mas não menos importante, no artigo 27 comprometia-se a instituir a figura do sócio torcedor: “Será instituída esta categoria, com mensalidade pequena (não mais de 20% do salário mínimo vigente em São Paulo). Esses sócios terão, unicamente, direito a voto” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1971 *apud* FLORENZANO, 2009, p. 456, grifo nosso).

Se os planos da chapa Revolução Corinthiana (em 1971 pleno AI-5) estivesse sido implementada, seria uma revolução na esfera do mundo futebolístico mais radical que a Democracia Corinthiana nos anos de 1980. Em plena ditadura civil militar, a chapa propõe contrariar a administração autoritária e centralizadora de Wadih Helu, pregava o fim do continuísmo da presidência do clube, renovação das lideranças do Corinthians, incompatibilização do cargo da política (Wadih era deputado estadual

pela arena e presidente do Corinthians) com o administrativo do clube e instituir a figura do sócio torcedor na esfera do poder, mesmo que seja para o representativo.

Tudo isso em pleno regime ditatorial. Qual era a mensagem que a Revolução Corinthiana poderia ter passado se fosse implementada para a sociedade da época (1971)? Esse fato pouco ou nada explorado pela academia deve ganhar destaque, pois em 1971, a Gaviões da Fiel apoiou uma chapa revolucionária e já tinha em seu estatuto o não continuísmo dos seus quadros de presidentes, isto é outro diferencial democrático da Gaviões desde seus primórdios, sua estrutura democrática e seu apoio ao revolucionário plano de colocar o Sport Clube Corinthians como uma instituição descentralizadas, com torcedores sócio torcedores <sup>14</sup>.

Embora a Revolução Corinthiana não tenha saído do papel e para piorar a situação o candidato eleito, em março de 1971, Miguel Martinez, apoiado pela Gaviões, foi “expulso” do clube sob a acusação descalabro administrativo, sendo substituído por Vicente Matheus, que centralizara os poderes, passando por cima dos estatutos do clube a fim de impedir qualquer possibilidade de alternância no poder. Neste contexto, os Gaviões da Fiel, por sua vez, adotaram uma atitude ambígua diante do novo quadro político, pois, embora desiludidos com os rumos tomados pelo movimento de oposição à ditadura de Wadih Helu, muitas vezes o apoio dispensado ao time se confundia com o respaldo dado ao presidente Vicente Matheus.

Uma possível interpretação para o apoio da Gaviões ao “novo” presidente Vicente Matheus fora a consistência que ele proporcionou ao departamento de futebol e ao time do Corinthians a partir do seu início de mandato. Não podemos esquecer que o resultado futebolístico está acima de qualquer ordenamento político e ideológico dentro da Gaviões.

O autor considera como ambíguo o fato de que a torcida organizada não se mobiliza contra o autoritarismo de Vicente Matheus da mesma forma como ocorrido no episódio que ficou conhecido como Revolução Corinthiana, derrubando aquele que era considerado um “ditador”: Wadih Helu. No entanto, inferimos que não se trata de uma contradição aparente, mas de ser coerente em relação aos resultados obtidos em campo pelo time e aos princípios que regem a torcida organizada. Em muitos

---

<sup>14</sup> Os sócios-torcedores proposto pela Revolução Corinthiana eram diferentes dos sócios-torcedores atuais que são apenas consumidores. Os sócios-torcedores da Revolução Corinthiana participariam de uma cidadania Corinthiana autêntica dentro do clube.

outros momentos da trajetória da torcida podemos perceber uma relação de autonomia e apoio condicionado em relação a outros grupos que atuaram no interior do clube como é o caso da Democracia Corinthiana.

Assumem dessa forma, a postura de que os interesses do Corinthians (leia-se, os resultados futebolísticos) devem se sobrepor a qualquer outra questão. Esse posicionamento justifica de certa forma, o fato de não se confrontar a diretoria de Vicente Matheus, visto que nesse mesmo momento se assistia “a impressionante arrancada do alvinegro no campeonato brasileiro” (FLORENZANO, 2009, p. 415).

Disso, depreendemos duas características importantes da *Gaviões da Fiel* e que nos ajuda a compreender sua atuação nos momentos seguintes, sobretudo no final de 1970 e começo de 1980, período marcado pelo processo de redemocratização do país e de fortalecimento do movimento de jogadores e técnicos, a já citada Democracia Corinthiana: a prioridade e razão de existência da torcida é garantir as vitórias do time (seja cobrando melhorias, seja apoiando o clube nos jogos e campeonatos) e a manutenção da necessária autonomia em relação a outros grupos que pudessem comprometer a atuação da organizada no tocante a essa primeira razão de existência.

A *Gaviões da Fiel* representa, portanto, uma organização autônoma que surge em função do Sport Club Corinthians. Essa primeira razão de ser impulsiona a organização e aglomeração de milhares de torcedores em prol de um ideário comum: a vitória do time. Ao longo de sua trajetória, percebemos, no entanto, que essa força massiva adquirida passa a ser canalizada para outros propósitos sem se desvincular de seu objetivo inicial.

É o que ocorre, por exemplo, nos episódios de aproximação com a Democracia Corinthiana — cuja relação frequentemente possuía os resultados em campo como termômetro de aproximação ou conflito — quando apoia nas arquibancadas a luta pela anistia e sua participação dos comícios pelas *Diretas Já*. Compreendemos, portanto, que a mobilização das arquibancadas em prol de suas demandas consideradas legítimas seja intrínseca aos rumos do clube especificamente, nos permite visualizar uma organização popular em consonância com o ressurgimento dos movimentos sociais no contexto da redemocratização. Dessa forma, segundo Hollanda:

Ainda que não postulasse qualquer projeto ou ambição política extra esportiva mais abrangente, esses grupos encontravam-se em consonância com o novo fluxo de vida associativa encarnado pelos movimentos sociais que pouco a pouco voltavam a se revitalizar nos bairros, nas fábricas, nas igrejas, nas universidades e em outros ambientes civis. Trata-se assim de afirmação de uma instituição de caráter popular e sob essa perspectiva deveria ser valorizada pelos sociólogos. (2008, p. 16).

Sob essa perspectiva é que num segundo momento dessa pesquisa, buscaremos aproximar a existência da Gaviões da Fiel como povo organizado como fator relevante para o período de transição para a democracia liberal e a formação de novos espaços e demandas pelos chamados *novos movimentos sociais*.

## 1.2 A Gaviões da Fiel como movimento social (1969–1979)

Ao retornar a São Paulo após quase dez anos de ausência e voltar para o meu lugar identitário de origem <sup>15</sup>, ou seja, a quadra dos Gaviões, entrei em contato com minha antiga rede de amigos torcedores e fui informado que a instituição estava fragmentada entre principalmente dois posicionamentos: uns que priorizavam, como ação organizativa principal da torcida, a realização de eventos como o carnaval; e outros que defendiam que a essência da torcida é fazer presença nas arquibancadas como um Gavião, como nos primórdios da fundação da maior torcida organizada do Brasil.

Este grupo é denominado *Gaviões da Fiel Movimento Rua São Jorge*. Esta ala dissidente prega que as atitudes dos Gaviões devem ser baseadas nos princípios de seus fundadores, isto é, na fiscalização dos jogadores, diretorias e presidências. Conforme apresentado pela primeira edição do jornal editado pelo grupo intitulado “*Voz da Rua*” justificando a existência do movimento:

O movimento Rua São Jorge surgiu para resgatar a essência de torcida dentro dos Gaviões da Fiel. Surgiu para preservar os valores e a história, que iniciou em e não pode ser esquecida. Precisamos ter claro porque tudo começou. Motivo pelo qual fez com que nos tornássemos Gaviões da Fiel, membros da maior e mais respeitada torcida organizada do país. É nossa obrigação dar continuidade à história, respeitando e preservando os valores, a essência e a prioridade que nos formaram e que fazem parte da ideologia dos Gaviões. Deixar claro. Muitos não entendem. Mas não largamos ou deixamos os Gaviões, como alguns expressam. Pensamos e repensamos as

---

<sup>15</sup> Este trecho foi escrito no ano de 2011, quando cursava mestrado pela PUC-Rio. O curso foi interrompido por motivos pessoais e retornado após 10 anos pela UNISA (Universidade de Santo Amaro).

mudanças que ocorreram dentro de nossa entidade exaustivamente. (VOZ DA RUA, 1969, n. p.).

Essa postura fiscalizadora que deu origem aos Gaviões da Fiel e a que se remete o informativo do movimento acima citado, é representada pelo auxílio dado pelos sócios da Gaviões da Fiel para destituir o presidente Wadih Helu. Sua presidência é lembrada pelo autoritarismo e pelos resultados pífios em campo que fazia com que o Corinthians tivesse o apelido na época de “faz-me rir”. A recém-formada torcida organizada, diante da intensa crise que o clube passava na passagem da década de 1960 para 1970.

Em 1971, a chapa Revolução Corinthiana, liderada por Miguel Martinez, ganhou as eleições com o apoio da Gaviões da Fiel. Mesmo que a chapa vitoriosa tenha se mostrado pouco efetiva em termos de resultados e de administração, o episódio ilustra o surgimento da torcida como força atuante nos rumos do clube. Neste sentido, o mito fundador da torcida tem uma relação próxima com a atuação da facção e a sua postura de pressionar dirigentes e jogadores por resultados em campo, por uma administração que visasse o bem do clube e de sua autonomia em relação à presidência e diretoria do clube. É o que nos relata Júlio Cesar de Toledo, mais conhecido como Julião:

Eram pessoas de nível, de força, de porrada se fosse o caso, a gente tinha uma preparação quase total. Desculpe a nossa falta de modéstia, mas era um grupo intelectualmente muito forte, e todos idealistas, todos a fim do nós e nunca do eu. Então nós chegamos aonde chegamos, graças a esse pensamento que sempre foi a ideologia e a filosofia dos Gaviões, sempre em pró do Corinthians, nunca em benefício pessoal, porque o verdadeiro corinthiano serve ao clube, e não se serve do clube. (2010, n.p.).

Para além disso e ainda evocando o idealismo do período de formação da torcida, esses jovens que integram o *Movimento São Jorge* buscam manter o elo de ligação entre o engajamento social e político que sempre foi marca da Gaviões da Fiel — remetendo-se sobretudo aos períodos da chamada revolução corinthiana, anistia e da redemocratização — mantendo-se próximo e participando de atividades ligadas à movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e coletivos estudantis, sobretudo no período em que estiveram na presidência da torcida em meados de 2005. No caso do MST, ocorreu um acampamento provisório na quadra da Gaviões e por diversas vezes a bateria esteve presente em atos políticos e festas em assentamentos. A aproximação com grupos estudantis também buscava integrar atividades culturais —como uma rádio comunitária— ao espaço social da

juventude torcedora. Segundo Chauí, a ideia de mito fundador permite que elementos do passado sejam ressignificados no presente:

O mito fundador oferece um repertório inicial de representação da realidade e, em cada momento da formação histórica esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente (2000, p. 64).

A bibliografia acerca dos movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980 sugeriu a possibilidade de incluir estes membros no debate acadêmico sob a ótica dos *novos movimentos sociais*. Segundo Gohn (2007), a mudança de paradigmas que envolve os debates em torno da conceituação de movimentos sociais desloca a centralidade dada apenas aos grupos sindicais e organizações trabalhadoras e se volta para outras possibilidades de ações coletivas, sobretudo na América Latina e nos chamados países de terceiro mundo. Aponta a autora:

No final dos anos 70 e durante toda a década dos anos 80 surge uma nova fonte de estudos sobre movimentos sociais: a dos países do terceiro mundo. Apresentando em cena novos atores [...], novas problemáticas e novos cenários sócio-políticos, mulheres, crianças, índios, negros e pobres em geral se articulam com clérigos, intelectuais e políticos da esquerda para gerar ações coletivas que foram interpretadas como a nova “força da periferia”. (p. 12).

Nesse sentido, a atuação dos Gaviões como movimento social foi capaz de agregar e convergir a identidade corinthiana para o envolvimento com questões sociais mais amplas.

A Gaviões é uma instituição heterogênea, ou seja, dentro de seus quadros congregam conservadores e progressistas que disputam constantemente as lideranças da torcida e a narrativa da agremiação, mas, talvez, seja a torcida que mais deu espaço aos progressistas internamente. Essa interface, teve acesso em diversos momentos de sua história a “máquina” da torcida para expressar e lutar pelos anseios contra governos, sistema/regime de poder, instituições midiáticas etc. (daí a faixa de 1979, a participação das diretas já, comunhão com o MST no início do séc. XXI e sua

luta contra a globo, máfia da merenda e elitização e exclusão do pobre dos estádios de futebol em 2016 e a expulsão dos protestos antidemocráticos na marginal).

E é neste ambiente que a Gaviões constituiu um histórico imaginário de torcida progressista reforçando esta ideia com o desfile de sua escola de Samba, em 2012, contando a saga do eleito presidente Luiz Inácio da Silva que saiu de Garanhuns, Pernambuco, para ocupar o Palácio do Planalto por dois mandatos. O acúmulo histórico de atuações políticas da Gaviões como a exposição da faixa da anistia, ampla, geral e irrestrita em 1979 em pleno clássico contra o Santos no estádio do Morumbi, somado com a participação ativa nos comícios das diretas já, na radical participação contra a máfia da merenda, contra os mandos e desmandos da federação paulista ,que impôs a torcida única para os clássicos no Estado de São Paulo e a imposição dos horários dos jogos do Corinthians no meio de semana às 22h para encaixar na grade da programação da rede globo, impedindo o torcedor de voltar para o seu lar. Tudo isso (em 2016), foi questionado pela Gaviões através de protestos com faixas e cantos contra os órgãos citados. Sem falar o aumento do ingresso e da modernização excludente do futebol dito moderno.

O imenso capital simbólico da Gaviões faz com que Corinthians <sup>16</sup> organizados expulsassem da Marginal Tietê manifestantes golpistas gritando *democracia* e empunhando uma vistosa faixa *Somos pela Democracia* na noite do dia 01/11/2022 e partindo para o Rio de Janeiro para assistirem o jogo do Flamengo vs. Corinthians no dia 02/11/2022 no estádio do Maracanã, integrantes da Gaviões da Fiel seguiram andando à frente do ônibus e passaram pelo trecho da Dutra em Jacareí. Em uma passarela no trecho, os torcedores tiram faixas dos manifestantes protofascistas que pediam intervenção federal e uma bandeira do Brasil. Por fim, os ônibus com os integrantes da Gaviões da Fiel conseguiram furar bloqueios, pois os torcedores abriram espaço e expulsaram os manifestantes da via, com protestos de bolsonaristas na Dutra em Jacareí e São José chegando no Rio com tempo hábil para assistirem o clássico das duas maiores torcidas da América do Sul.

Associando os diversos grupos e demandas organizadas no período, os Gaviões surgem como força política que não apenas combate em prol de suas demandas internas,

---

<sup>16</sup> A relação da Gaviões da Fiel com a definição dos Novos Movimentos Sociais será mais bem tratada no terceiro capítulo desta dissertação.

mas se engaja, assim como os muitos grupos sociais que se destacam no período, em lutas que visam a melhora de vida da população em outros aspectos da vida cotidiana.

A redemocratização é encampada como uma causa que, não apenas impediria que forças políticas autoritárias comandassem os rumos do clube e se apropriassem dele por razões obscuras, como também possibilitaria o advento de um acontecimento político que trazia em si a esperança de dias melhores para uma população pobre que vivia os efeitos catastróficos da recessão pós milagre econômico. Melhorar o país seria uma forma de melhorar o Corinthians e o cotidiano da coletividade que compõe os Gaviões da Fiel. Assim, segundo Hollanda:

Em um momento seguinte são verificados os desdobramentos e os impasses da instituição dessa cultura de massa esportiva nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Amplitude e a ressonância logradas pelos esportes, com a entrada da televisão na transmissão dos jogos e com a criação de uma rede clubística nacional proporcionada pelo Campeonato Brasileiro, ensejam mutações na ordem de grandeza nos clubes e nas formas de identificação de seu público. Novas demandas de vinculação levam ao fracionamento das organizações torcedoras, que gozam então de um status de homogeneidade, de exclusividade e de oficialidade perante os clubes. Fruto do crescimento e da disputa pelo poder de influência nos clubes, as torcidas desencadeiam fissuras nas formas de torcer, com a abolição do apoio incondicional como novas formas de intervenção de grupos, que passam a apresentar de maneira progressiva um perfil juvenil majoritário em suas fileiras (2008, p. 30).

Partindo da ideia de que a participação das torcidas organizadas modifica a forma de torcer e atuar junto à diretoria dos clubes e aos próprios jogadores, percebe-se que a Gaviões busca com essas práticas, a manutenção do seu sentido de grupo que norteia suas ações coletivas. Possuem, portanto, suas próprias demandas e posições a serem defendidas por um sujeito coletivo. Segundo Sader, o sujeito coletivo:

Quando uso a noção de sujeito coletivo é no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas (1995, p. 43).

Remetendo-se a essa noção de sujeito coletivo apresentada, a pesquisa sobre fontes jornalísticas foi feita a partir do levantamento de arquivos dos jornais Folha de São Paulo, Gazeta Esportiva e Folha da Tarde consultadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo, compreendendo o período do final da década de 1970 e primeira parte da década de 1980 que destacaram a atuação dos Gaviões entre 1979–84, buscou compreender como se construíram as práticas em torno da defesa das demandas da torcida em relação ao clube. Além disso, essas práticas ligadas

inicialmente aos resultados em campo dialogaram com bandeiras e causas de outros grupos organizados da sociedade civil. Como já mencionado, o fator futebolístico, ou seja, os resultados em campo, singularizam a razão primordial de existência desse agrupamento social.

Dessa primeira razão, derivam suas práticas contestatórias que ora apoiam, ora entram em conflito com outros setores do clube, inclusive jogadores. Em 4 de outubro de 1979, a Folha de São Paulo destacava a participação da Gaviões juntamente com outras torcidas organizadas (como a TUSP —Torcida Uniformizada do São Paulo— e a Torcida Jovem do Santos) no boicote contra a organização do campeonato paulista e o preço dos ingressos, considerados abusivos. A matéria intitulada “*Torcidas já pensam em fazer boicote*”, nos apresenta um pouco da organização dessas torcidas. Assim:

Nem os torcedores aguentam mais esse absurdo campeonato paulista. Cansados da falta de critério e sensibilidade dos dirigentes, eles não apenas apontam soluções para tirar o futebol do atual caos, como prometem agir imediatamente. Boicote, através de uma campanha para ninguém aparecer aos estádios. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1979d, n. p.).

Nesse caso, os protestos dirigem-se contra os dirigentes dos clubes e a Federação Paulista. No entanto, fica perceptível em outras matérias que nenhum posicionamento é estanque, ou seja, é incondicional e sim conjuntural, isto é, de acordo com a necessidade do clube no momento. Em 10 de novembro de 1979, a mesma Folha de São Paulo publicava o apoio das torcidas organizadas do Corinthians (inclusive a Gaviões) ao dirigente Vicente Matheus que ameaçava retirar o clube do campeonato caso não sejam resolvidas questões em torno da arrecadação de ingressos. Nesse caso, a fúria dirige-se contra Nabi Abi Chedi, presidente da Federação Paulista de Futebol. A batucada improvisada em frente da federação paulista marca o ato público que se inaugura e retira as torcidas das arquibancadas para reivindicar suas demandas em espaços públicos, o que demonstra sua intenção em sair das arquibancadas quando necessário para obter resultados: “É ou não é/ piada de salão/ turco sem vergonha roubar o coringão”. Essa foi a cantoria de ordem improvisada pelo movimento. Portanto, episódios como greves, associação de organizações torcedoras e participação das questões internas do clube marcaram a atuação de parte do mundo das arquibancadas.

A bibliografia e as fontes jornalísticas sobre o tema pouca ou nenhuma atenção prestou a esse espaço específico que, quando citado, é muitas vezes tratado como uma força auxiliar à Democracia Corinthiana, essa sim vista como politizada. Ora, se tal visão fosse procedente, os Gaviões seriam meramente um braço obediente da Democracia Corinthiana nas arquibancadas, o que não parece ser o caso. Prova disso e mantendo a linha de que o resultado em campo é o agente norteador da ação, temos inúmeros conflitos entre os jogadores da Democracia Corinthiana —sendo Sócrates o mais emblemático de todos— e os torcedores.

Dessa forma, os episódios em que as faixas políticas a favor da anistia em 1979 se destacam na mídia e ilustram o caráter participativo da torcida no processo, são encarados como mero reflexo de torcedores que acompanham a postura de seus ídolos jogadores (como Sócrates), sem que exista qualquer autonomia de postura ou decisão que parte das arquibancadas.

A relação de troca entre os grupos, sobretudo a influência da postura política de ídolos como Casagrande, contra o regime ditatorial, pode ser vista com um elo entre a crítica ao sistema político estrutural do país e a reprodução desse sistema autoritário no interior dos clubes, justificando a existência da Democracia Corinthiana. Segundo Sócrates em entrevista concedida à Folha de São Paulo em 9 de outubro de 1983: O futebol reproduz a própria estrutura autoritária da sociedade brasileira.

Sendo assim, nos parece mais clara a compreensão em torno do engajamento da Gaviões em questões pró democracia, dado que além de constituir parte de sua história, reproduz em termos nacionais as lutas empreendidas no interior dos clubes e nas arquibancadas. Isso não anula o poder de decisão e a autonomia do Gaviões.

Pouco foi dito sobre o fato de que este singular período proporcionou experiências participativas do Grêmio Gaviões da Fiel no processo político que se desenvolvia. A exposição da faixa do movimento da anistia e a participação da campanha das *Diretas Já*, são alguns indícios de que alguns destes torcedores foram além do simples ato de torcer. As arquibancadas ganham contornos simbólicos diversificados dado que a participação política entra na pauta desses torcedores. Pretendemos, portanto, analisar a arquibancada como um novo espaço participativo, uma vez que, ao transcender o ato de torcer e exigir resultados apenas em campo, e

levantar as questões da anistia e dos questionamentos da sociedade civil, colaborou com a propagação e exposição pública das ideias de oposição ao regime vigente.

### 1.3 A Formação das Torcidas Jovens

O processo de formação da torcida organizada Gaviões da Fiel não foi um fenômeno isolado, restrito à torcida corinthiana. Ela foi parte de um movimento mais amplo de articulação de grupos de torcedores juvenis que principalmente na década de 1970 assumiam uma mudança de postura em relação aos jogadores e à diretoria de seus clubes. Com essa mudança, segundo Holanda (2008, p. 36), houve uma ruptura com a antiga forma de torcer que colocava clube e torcida lado a lado. A partir da emergência das torcidas jovens, estabelece-se uma relação de autonomia entre os agentes fazendo com que surjam conflitos e momentos de enfrentamento entre os torcedores e os demais integrantes do clube, sobretudo jogadores e dirigentes. Demonstrem com isso, uma postura combativa e ativa por parte da torcida que exige bom desempenho dos jogadores e da diretoria do clube. Segundo o autor:

Remonta à virada dos anos 1960 para os anos 1970, quando são formados os embriões das torcidas organizadas propriamente ditas, tal como conhecidas nos dias de hoje, com o advento das torcidas jovens, que cindiram a unidade interna das torcidas de cada time e instaurariam um ciclo de dissidência frente ao tradicional modelo de organização anterior, dotando-a de uma estrutura com a maior complexidade e com maior autonomia face aos clubes. Sobre uma visão macroscópica, tratar-se-ia em identificar a passagem da *carnavalização* para a *juvenização* das torcidas organizadas. (p. 36).

Nessa perspectiva procurei estabelecer o vínculo entre a torcida da Gaviões em paralelo com o desenvolvimento das torcidas jovens de outros clubes. Em um segundo momento, após refletir sobre o movimento comum de formação dessas torcidas, busquei pensar o Grêmio Gaviões da Fiel a partir de suas especificidades. Utilizando como base teóricas os trabalhos de Tolledo (1996), Pimenta (1997) e Holanda (2008) que nos auxiliaram na compreensão das estruturas das torcidas organizadas no período abordado. Por meio das fontes jornalísticas e da bibliografia consultada percebemos que algumas características são comuns a essas torcidas independente de suas questões pontuais ligadas especificamente ao seu time. Dentre essas características destacamos a questão da autonomia da atuação, configurando uma postura crítica e fiscalizadora diante do clube. Assim, segundo Holanda, ao citar os Gaviões da Fiel especificamente:

Com o intuito de fiscalizar o Corinthians, os fundadores deste grêmio eram membros alijados do processo político de participação, em uma fase de transição, quando os elos comunitários do clube se esgarçavam em meio à crescente burocratização administrativa. A combinação entre a tendência à impessoalidade e a existência de uma direção personalista evidenciava não só as circunstâncias críticas atravessadas pelo clube, mas os impasses da transformação do futebol profissional no país como um todo. Os dilemas aproximam o domínio futebolístico da discussão acerca do caráter contraditório da formação social brasileira, com as incongruências e os arranjos instáveis entre uma sociedade de fundo patriarcal e as demandas do capitalismo moderno (2008, p. 16).

Neste sentido, é possível pensarmos que a ideia de juventude inclui a própria noção de contestação frente a uma sociedade que se moderniza sob bases tradicionais, ou seja, sob a égide do patriarcado e do autoritarismo excluindo os jovens enquanto cidadão crítico e que participa ativamente. Esse jovem reencontra a ideia de participação e de ser sujeito social ativo que lhe é negado por essa sociedade moderna e excludente, na participação junto as torcidas organizadas, espaço e ambiente político no qual ele efetivamente faz parte do processo.

Para além disso, as entrevistas realizadas com membros do período de formação da Gaviões nos permitem compreender de forma mais aprofundada a construção de uma postura crítica em relação ao clube, o que redundava muitas vezes em enfrentamento político entre as partes. Conforme nos esclarece Julião, um dos nossos colaboradores, tratava-se de construir um movimento capaz de atuar pela melhora do seu time e de seus resultados práticos em campo e que para tanto, era fundamental que se intervesse diretamente em todas as esferas do clube.

Segundo Hollanda (2008), trata-se de assumir uma postura de enfrentamento compartilhada sobretudo pelas dissidentes torcidas jovens e suas lideranças como ocorreu com o Flamengo, o Fluminense, o América, o São Paulo, entre outros. Essa cisão pode ser constatada pelo destaque dado pela mídia no período e que colaborou com o fortalecimento desses grupos ao tornar pública a insatisfação desses torcedores com seus times. Destaque esse obtido justamente pelo fato de que, até o momento, a torcida pouco se envolvia em questões internas ao clube. Dessa forma, ao desenvolver aspirações próprias, as torcidas passam a se constituir como um *sujeito coletivo* na definição de Sader:

[...] criado pelos próprios movimentos sociais populares do período: sua prática os põe como sujeitos sem que teorias prévias os houvessem constituídos ou designado. [...] porque se trata de um sujeito coletivo e descentralizado, portanto, despojado das duas marcas que caracterizaram o advento da concepção burguesa da subjetividade: a

individualidade solipsista ou monádica como centro de onde partem ações livres e responsáveis e o sujeito como consciência individual soberana de onde irradiam ideias e representações, postas como objetos domináveis pelo intelecto. O novo sujeito é social; são os movimentos sociais populares em cujo interior indivíduos, até então dispersos e privatizados, passam a definir-se mutuamente, a definir-se a cada efeito resultante das decisões e atividades realizadas. [...] é um sujeito que, embora coletivo, não se apresenta como portador da universalidade definhada a partir de uma organização determinada que operaria como centro, vetor e tê-los das ações sociopolíticas e para a qual não haveria propriamente sujeitos, mas objetos ou engrenagens da máquina organizadora. Referido à Igreja, ao sindicato e às esquerdas, o novo sujeito neles não encontra o velho centro, pois já não são centros organizadores no sentido clássico e sim “instituições em crise” que experimentam “a crise sob a forma de um descolamento com seus públicos respectivos”, precisando encontrar vias para reatar relações com eles (1988, p. 138).

Sob a perspectiva de que a Gaviões da Fiel constitui um sujeito coletivo, é importante atentar para o fato e que na trajetória da construção da torcida e de ocupação da arquibancada como espaço político, é essa noção de identidade e coletividade que faz com que diversos setores da população integrassem um grupo maior que possui o futebol e ao amor ao time como substrato e pano de fundo. Mas que para além disso, possibilita também a inclusão de demandas políticas que, mesmo partindo de uma diretoria de jovens torcedores idealistas e politizados, passam a pertencer a toda uma comunidade de torcedores.

Ser membro de uma torcida organizada requer que o indivíduo passe a atuar junto a uma comunidade maior que aglutina valores e perspectivas que dizem respeito aos objetivos de uma determinada coletividade, requer que o indivíduo assuma uma máscara coletiva de atuação social. Participar da torcida organizada Gaviões da Fiel oportuniza uma postura combativa e autônoma que pode hora representar apoio aos jogadores e hora voltar-se contra eles o que lhes confere união coerência de atuação. Nesse sentido, por diversas vezes a torcida entrou em choque, tanto quanto contra instituições como contra a Federação Paulista de Futebol (FPF), e contra o próprio corpo de jogadores do time no caso de maus resultados, como nos apontam fontes jornalísticas ao destacar a relevância e pressão das torcidas em casos relativos a preço de ingressos ou administrações obtusas da Federação.

A torcida passa a representar, portanto, uma identidade coletiva de indivíduos que se identificam entre si a partir de um aspecto específico: ser corinthiano. Como nos aponta Toledo sobre a identificação do indivíduo com uma coletividade maior:

Irrupção de solidariedades, preferências, *vontades gerais* de grupos que se identificam e se contrapõem, transformando o conjunto de indivíduos em massas; mas diferenciadas nações, — os corinthianos, os palmeirenses, os são paulinos, os santistas e outros — formam um macrossistema classificatório através das afinidades e adesões às cores, aos símbolos, às bandeiras e aos distintivos. (2000, p. 132).

A torcida organizada é capaz de valorizar ainda mais esse compartilhamento identitário, ou seja, não apenas se é um torcedor apático que torce como um expectador e alterna sentimentos de alegria e tristeza de acordo com os resultados do time. Mais do que isso, ser um Gavião da Fiel, ou ser membro de uma torcida organizada, significa tomar parte da postura e posições coletivas em relação ao time. De certa forma, trata-se de uma reafirmação identitária que diferencia o indivíduo dentre os próprios corinthianos. Como o próprio slogan associativo da Gaviões sugere: “seja mais corinthiano, seja um Gavião”. Não se trata de algo com o qual o indivíduo se depara desde seu nascimento e que é inerente a sua condição, tal qual o sentido de nacionalidade, mas de uma identidade assumida a partir da escolha de uma comunidade. Neste sentido, segundo Bauman:

Toda unidade precisa ser construída; o acordo “artificialmente produzido” é a única forma disponível de unidade. O entendimento comum só pode ser uma *realização*, alcançada (se for) ao fim de longa e tortuosa argumentação e persuasão, e em competição com o número indefinido de outras potencialidades — todas atraindo a atenção de cada uma delas prometendo uma variedade melhor (mais correta, mais eficaz ou mais agradável) de tarefas e soluções para os problemas da vida (2003, p. 19).

Dessa forma, a escolha de participar da Gaviões adquire um sentido maior, ou seja, uma identidade que abandona a ideia de um mundo futebolístico no sentido restrito ligado ao seu aspecto festivo e de lazer do trabalhador — e adquire para além disso, outros contornos, como o engajamento em causas sociopolíticas internas e externas ao clube. Assim, a arquibancada adquire, como espelho da coletividade, um aspecto político que passa a fazer parte da forma de atuar da torcida. Ao participar ativamente de eventos políticos que passa a fazer parte da forma de atuar da torcida, ao participar ativamente de eventos políticos de projeção nacional, a torcida alimenta seu próprio mito de origem ligada à contestação interna do clube, reafirmando os ideários de rebeldia e combate que envolve ser um Gavião.

Se pensarmos em personagens, como seu Bacurinho do programa Escola do Professor Raimundo, em meados da década de 1990, que retratava a imagem de um corinthiano/gavião ignorante, que só consegue responder as perguntas do professor

através de respostas do seu “pequeno mundo das arquibancadas”, perceberemos que esta visão geral da torcida de nada reporta a realidade dos seus fundadores, uma vez que, como já fora dito acima, parte dos primeiros fundadores possuíam formação bem acima da “média social”. A torcida possuía seus cardeais, uma espécie de comando intelectual e “prático”, por outro lado, estabelecia pleitos democráticos.

A identificação dos torcedores entre si não passava pela identificação com a diretoria do clube ou mesmo dos seus fundadores <sup>17</sup>. Daí, surge o sentimento de pertencimento entre os membros e o comprometimento com causas sociais. Só para citar um exemplo atual, nos últimos anos, a Gaviões possui um Departamento Social, que atuam em ações sociais de auxílio a comunidades de toda a região metropolitana de São Paulo, como cita o artigo da *National Geographic*:

Apesar das torcidas organizadas carregarem um imaginário de violência e competitividade, o departamento social da Gaviões da Fiel empenha-se para demonstrar a realidade dentro da quadra e das arquibancadas. A sigla estampada em todas as camisetas e pintada em letras garrafais na sede – LHP: lealdade, humildade e procedimento – é constantemente lembrada por todos os integrantes. “O LHP realmente existe. São pessoas que acreditam nisso. Os gaviões não só fiscalizam o Corinthians, mas acreditam no processo de luta pelos trabalhadores e pela igualdade social. Em olhar para quem está marginalizado e esquecido pela elite brasileira”, diz Larissa. “Um dos nossos papéis é garantir o direito básico para esses cidadãos”. O envolvimento político da torcida é inevitável e está intimamente relacionado ao movimento da Democracia Corinthiana. A Gaviões da Fiel atua de modo suprapartidário, mas não deixa de se posicionar nos momentos decisivos do país, tal como aconteceu nos protestos antifascistas de junho de 2020. Com a pandemia, esse movimento se traduziu no aumento das ações sociais e na coragem dos torcedores que, apesar de seguirem as recomendações básicas — uso de álcool gel e máscaras —, se expuseram ao contágio para ajudar. (MAURER, 2021, n. p.).

Este departamento e as ações atuais da torcida nascem do espírito de unidade construído na torcida ao longo de toda a sua história. Deste mesmo modo, acontecia uma consciência de classe dentro da torcida já nos primórdios da instituição, isto é, ocorria um autoritarismo (narrativa mitológica) dentro do Corinthians na administração de Wadih Helú sem resultados em campo.

O convívio da(s) sede(s) fazia com que os Gaviões partilhassem suas angustias e anseios sobre transformações políticas dentro e fora do Sport Clube Corinthians Paulista, ou seja, no espaço do lúdico da(s) sede(s) também era discutido temas do tipo: exploração do trabalho, arrocho salarial, falta de liberdade com o Ato Institucional

---

<sup>17</sup> No segundo capítulo, essa ideia volta a ser discutida quando se retoma a história da Gaviões da Fiel.

e a administração de Wadih compartilhada com seu cargo no legislativo estadual paulista pelo partido do governo acompanhada pela ausência de títulos e deboches dos torcedores rivais e da imprensa. Assim, a consciência de classe/gavião se dava no compartilhar da vida entre os gaviões nos momentos de relaxamentos. Era na partilha que se trocava assuntos como exploração do trabalho, salários insatisfatórios e a condição do Corinthians. A situação do Corinthians sintetizava um universo de dramas que extrapolava o mundo do futebol.

Voltando ao personagem da Escola do Professor Raimundo, seu Bacurino, talvez este estereótipo tenha sido o protótipo generalizante de como as autoridades encaram os torcedores uniformizados, principalmente, após do conflito entre as torcidas do Palmeiras e São Paulo em 1995 <sup>18</sup>, como não detentores de participação alguma do planejamento dos clássicos <sup>19</sup>. Antes da proibição, os responsáveis das torcidas apenas escutavam as *ordens* ou *comandos* da Polícia Militar e passavam para suas respectivas torcidas. Não havia qualquer participação ou sugestão no planejamento dos clássicos. Bem diferente dos tempos da ATOESP <sup>20</sup> onde o primeiro presidente da entidade Flávio Lá Selva (1.º presidente da Gaviões da Fiel) participava do planejamento em harmonia com a Polícia Militar. Do ponto de vista das torcidas organizadas, ou das arquibancadas, talvez, o regime democrático, esteja sendo mais autoritário, pois proibi sem uma clareza jurídica a utilização de bandeiras e adereços para embelezar as manifestações futebolísticas do que no período da redemocratização (enfatizamos apenas no âmbito das arquibancadas).

---

<sup>18</sup> Os 20 anos da briga que mudou a história das torcidas. Gonçalo Junior. O Estado de São Paulo. 15/08/2015

<sup>19</sup> Desde 2016, as autoridades paulistas proibiram a participação das duas torcidas em clássico no Estado de São Paulo.

<sup>20</sup> Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. Sua fundação ocorreu no final da década de 1970.

## 2 A FAIXA DA ANISTIA E A GAVIÕES DA FIEL NA LUTA CONTRA A DITADURA

Neste segundo capítulo vamos analisar a participação política da Torcida Gaviões da Fiel no momento histórico da redemocratização brasileira, mais especificamente, no final da década de 1970, em questões que marcaram o contexto histórico e social da sociedade brasileira. A abertura política, que culmina no fim da ditadura em 1985, é produto de eventos que fortaleceram a demanda popular pela democratização. Neste sentido, selecionamos três passagens históricas em que a Gaviões participou da história brasileira: primeira, na abertura da faixa “Anistia Ampla Geral e Irrestrita” no jogo contra o Santos, pelo campeonato paulista de 1978, em 11 de janeiro de 1979, no estádio lotado do Morumbi; segunda, na participação do movimento Democracia Corinthiana; e, terceira, nas campanhas das *Diretas Já*. Aqui, será tratado o primeiro destes eventos, a abertura da faixa.

É evidente que não propomos aqui inaugurar completamente o tema, quando expomos a participação da Gaviões nesses três acontecimentos históricos, mas utilizaremos essas análises para desmistificar a ideia torta de que o futebol é o “ópio do povo”, e será reforçada a ideia de que a arquibancada está mais próxima do campo do que se pensa. Ou seja, a Gaviões está no bojo dos novos movimentos sociais no final da década de 1970 e durante a década de 1980, assim como os membros da Gaviões da Fiel, fazendo parte do Comitê de Anistia, representam a população brasileira. A Gaviões da Fiel está conectada e participativa com o que ocorre com o momento político da redemocratização. A linha é tênue entre a vida de torcedor engajado e de parte dos integrantes da Fiel torcida.

Além de estarmos no dito “país do futebol”, o elemento arquibancada é uma poderosa ferramenta de análise para interpretar importantes aspectos da sociedade brasileira. No caso desta dissertação, pretende-se indagar acerca da possibilidade de as torcidas organizadas participarem da organização dos eventos esportivos, como ocorreu nos tempos da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo), e se a Gaviões tem o potencial para se associar ao movimento da Anistia Ampla Geral e Irrestrita, Democracia Corinthiana e *Diretas Já*.

Se a Gaviões junto a outras torcidas organizadas têm o potencial de se organizar socialmente —reunindo milhares de associados, compartilhando ideias,

crenças e paixões, assim como fazer diversas ações sociais, como campanha de doação de sangue, campanha de distribuição de cestas básicas, campanha do agasalho—, por que não poderiam estar inseridas no Estatuto do Torcedor como participantes da organização, de fato, do espetáculo do futebol, como exemplo de outros países, como foi organizado no estatuto espanhol <sup>21</sup>? Não vamos aprofundar esta questão, elaborando alternativas possíveis como solução para os conflitos de torcidas e de gestão do futebol, mas com o exemplo internacional – outros países atuam da mesma forma, como Alemanha, França, Inglaterra – percebe-se que as torcidas podem ter uma ação maior, oficializada pela lei, pelo bem do esporte. Nossa missão é apenas, neste capítulo, mostrar o potencial político da Gaviões nos finais dos anos de 1970 e início de 1980.

A história da faixa “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita” se insere dentro da relação entre ação política e a agremiação de futebol. Outros eventos políticos de grande relevância aconteceram na mesma época e tiveram grande repercussão nacional, como foi o caso da morte de Vladimir Herzog. Jornalista, professor e cineasta, de origem iugoslava, naturalizou-se brasileiro, trabalhou no jornal O Estado de São Paulo, na rede de televisão BBC, deu aulas na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e na escola de comunicação e artes da USP, além de ter dirigido o jornalismo da TV Cultura. Em 24 de outubro de 1975, foi chamado para prestar depoimentos no DOI-CODI pela sua relação com o partido comunista brasileiro. Sofreu torturas e foi morto no dia seguinte, em uma encenação de suicídio por enforcamento. Testemunhas e investigações posteriores mostraram que ele teria sido morto pela ditadura. Em 2013, a justiça determinou que o seu atestado de óbito fosse retificado com a real causa da morte: devido a lesões e maus tratos sofridos durante o interrogatório nas dependências do segundo exército de São Paulo — DOI-CODI <sup>22</sup>.

No ano seguinte, em 1976, um evento muito parecido aconteceu com Manoel Fiel Filho. O operário metalúrgico, morador da Mooca, foi preso por 2 agentes do DOI-CODI, na fábrica em que trabalhava, por supostamente pertencer ao Partido Comunista Brasileiro. No dia seguinte, em frente à sua casa onde estavam sua esposa

---

<sup>21</sup> O estatuto do torcedor espanhol é uma legislação que data da década de 1980, dentro da Lei do Esporte Espanhola. A lei regula questões como superlotação, responsabilidade financeira entre outras questões que garantem a segurança e legalidade das ações no esporte espanhol. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2003, n.p.).

<sup>22</sup> Disponível em <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/vladimir-herzog/>.

parentes e filhos, estacionou um carro de onde desceu um desconhecido que proferiu secamente a informação de que Manuel havia se suicidado, jogando suas roupas na calçada dentro de um saco de lixo. Manoel teria se enforcado com suas meias, encenação próxima do que foi feito com Herzog —que teria usado o próprio cinto para se enforçar—, porém, testemunhas dizem que ele usava chinelos sem meias no momento da prisão. A evidente tortura de Manuel causou o afastamento do general Eduardo D’Avila Melo, três dias depois do assassinato do metalúrgico <sup>23</sup>.

A violência da ditadura fazia muitas vítimas e as notícias sobre as mortes começavam a se espalhar. Os motivos das prisões políticas, os assassinatos, também revoltavam a população mais esclarecida. A indignação começa a tomar conta de parte da sociedade, os desmandos do regime militar geravam grande descontentamento e movimentos começam a surgir para fazer frente a ditadura.

Além dos assassinatos cometidos nas torturas pela ditadura, um ano antes da exibição da faixa, em 12 de maio de 1978, houve a primeira grande greve de trabalhadores, que foi a greve da Scania. Mesmo tendo durado poucos dias, essa mobilização contou com cerca de 150 mil trabalhadores, encabeçada pela Central Única de Trabalhadores —a CUT— que contava com Lula como uma das lideranças, que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. As greves eram proibidas pelo regime desde 1964 —pela lei 4330—, mas, mesmo assim, um grupo decide lutar, conscientizando seus colegas e alcançando seus objetivos por reajuste salarial e melhores condições de trabalho, quando os empresários resolveram ceder a demanda da fábrica. Esse evento mostra o esgotamento da sociedade diante dos abusos do regime militar, já não havia mais clima para dar suporte a ditadura <sup>24</sup>.

Estava [Paulo Okamoto, que deu entrevista à Rede Brasil Atual em evento sobre o aniversário da greve da Scania] havia pouco tempo na Brastemp, cuja fábrica ficava a 200 metros do sindicato. “Naquele dia, quando teve a greve na Scania, a rádio peão começou a funcionar e nós ficamos apavorados”, recorda, revelando o receio de uma intervenção militar. “Aos poucos, a gente foi se acalmado, procurando saber notícias. Mas foi um motivo de alegria, porque a gente viu que era possível. O mundo não acaba, o país não fecha. Foi uma sensação de poder.” (...) Segundo Lula, o sindicato já era avançado para a época, com uma característica que ele considera fundamental: a presença nas portas de fábrica. “Em função do golpe militar, o movimento sindical tinha refluído muito. A inovação que nós fizemos era que o sindicato

---

<sup>23</sup> Disponível em <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/manoel-fiel-filho/>.

<sup>24</sup> Ver em <https://www.cut.org.br/noticias/ha-40-anos-greve-da-scandia-tornava-se-marco-da-luta-sindical-5e82>.

não era o prédio, eram os trabalhadores no local de trabalho. A gente passou a ir na porta de fábrica de manhã, de tarde, de noite. E isso foi criando uma confiança” (NUZZI, 2020, n. p.).

Neste período de grande efervescência da contestação política com relação à ditadura, mesmo que em situação de ilegalidade ou de conflito com o Estado, grupos que pensavam a condição social e a estrutura do país, de forma clandestina, refletiam sobre a situação e as possíveis mudanças para a melhoria do Brasil, frente aos absurdos da ditadura militar. É neste cenário de conflito que a Gaviões da Fiel também tem o seu papel. Na exibição da faixa no jogo contra o Santos, em 1979, há uma demonstração de como a agremiação da torcida da Gaviões da Fiel ou de como um grupo de pessoas em torno de um time de futebol, pode também pensar seu lugar no mundo, a sua posição como cidadão, como agente político, mesmo que de forma indireta influenciando e apresentando as ideias da população em um contexto lúdico.

Este capítulo apresentará, portanto, este evento considerado um ponto de conexão entre o espaço político e público pelo ambiente do futebol. Para iniciar, será relatado o surgimento do Sport Clube Corinthians, para depois ser compreendido o nascimento da torcida da Gaviões da Fiel.

## 2.1 Futebol e política na década de 1970

*Como é bom ser alvinegro  
 Ontem, hoje e amanhã  
 Respirar no ar a mistura  
 Do Tietê e Tatuapé  
 Lá no alto a velha Penha  
 De Anchieta e Bandeirantes  
 Ver São Jorge lá na Lua  
 Abençoando a fazendinha  
 Onde mora um gigante  
 Tem igreja e tem biquinha  
 Corintia, Corintia  
 Meu amor é o timão  
 Corintia a cada minuto  
 Dentro do meu coração  
 Corintia, Corintia  
 Meu amor é o timão  
 Corintia a cada minuto  
 Dentro do meu coração  
 Belém, Vila Maria e Mooca  
 E São Paulo extensão  
 Mogi, Guarulhos, Itaquera  
 Tudo vibra Coringão  
 É o Corintia de nós tudo  
 É paulista é campeão*

*Corintia, Corintia  
Meu amor é o timão  
Corintia a cada minuto  
Dentro do meu coração  
Corintia, Corintia  
Meu amor é o timão  
Corintia a cada minuto  
Dentro do meu coração  
Dentro do meu coração  
Dentro do meu coração*

— Adoniran Barbosa

O nascimento das torcidas organizadas, e outras agremiações, tem relação direta com as organizações dos trabalhadores em seus momentos de lazer. Com a Gaviões da Fiel não foi diferente. Os imigrantes e a classe trabalhadora foram os responsáveis pela construção da nossa cultura do torcedor como conhecemos atualmente. É nessa origem que se deposita o reconhecimento das torcidas e dos times como representantes da classe trabalhadora. Quando a torcida exibe a faixa em 1979, ela emite uma mensagem de solidariedade, estabelecendo uma relação direta com as demandas sociais. Essa consciência tem sua gênese na origem das torcidas.

Para apresentar o surgimento da relação de solidariedade entre o povo e o futebol, é importante retomar o contexto da fundação do Esporte Clube Corinthians e da Gaviões da Fiel. Em São Paulo, a indústria do início do século XX demandava grande força de mão de obra e no período logo após Abolição da Escravatura, uma grande onda migratória de italianos foi a responsável pelo fornecimento dessa mão de obra. Entre 1888 e 1900, São Paulo receberia 800.000 imigrantes, o que significava um número muito superior com relação à população escravizada em todo o país, nos dados de 1887 (LA SELVA, 2020). Dessa forma, até a língua portuguesa sofreu grande influência da língua italiana, além daquelas de raiz africana e outras influências. A construção, portanto, de uma cultura própria paulistana se faz a partir essa característica histórica. A mistura das culturas indígenas, de raiz africana, italiana com portuguesa cria o mosaico que estrutura o desenvolvimento industrial e econômico de São Paulo, no começo do século XX.

Em bairros como Bras, Mooca, Bixiga, Barra Funda, acolheram o proletariado paulistano. Concentrados nesses bairros, principalmente, mas também por toda a cidade de São Paulo, essa população de imigrantes italianos compartilha as mesmas atividades culturais, seja na alimentação, na linguagem, nos costumes, e como

consequência dessa concentração surgem os agrupamentos e agremiações diversos, compartilhando dos mesmos gostos em seus momentos de lazer. Na área da música, por exemplo, o samba se disseminava e fazia a alegria dos trabalhadores. Temos, para representar esse cenário, Adoniran Barbosa, que mistura italiano e o português nas suas composições falando sempre da vida difícil da classe trabalhadora da época.

Os imigrantes italianos em grande concentração populacional para a época, relativamente, trabalhavam nessas fábricas e nessa indústria incipiente. Nos conflitos das relações de trabalho e na busca por melhores condições, passam a elaborar as primeiras organizações sindicais, as Uniões Operárias e as Sociedades de Assistência Mútua. Esses movimentos tinham como modelo as organizações italianas. A socialização dos trabalhadores é o fundamento de outras formas de convivência e é nesse contexto que, em 1910, é criado o Sport Club Corinthians Paulista. Quatro anos depois, é criado o Palestra Itália (LA SELVA, 2020). A história do Corinthians se desenvolve a partir dessa relação entre trabalhadores e futebol. Nas décadas seguintes a torcida era composta de mulheres pobres, domésticas, homens brancos e negros e toda uma mistura que se identificava com a cultura Corinthiana.

Com a modernização do futebol, ocorre um processo de profissionalização dos jogadores onde, até então, o jogador era o protagonista do espetáculo. Na transformação da organização dos times como empresas modernas, os jogadores passam a ser funcionários, trabalhadores como sua torcida e a maioria da população brasileira, e a relação muda com a maior identificação. Os atletas passam então a reivindicar a própria autonomia, o esquema de compra de passe e a forma como eles eram pagos criava entraves para que agissem da forma como bem entendessem nas suas carreiras. Passam então a se manifestar politicamente em função de seus direitos trabalhistas. No mundo, Argentina, Uruguai e Itália, já havia acontecido o mesmo (FLORENZANO, 2009).

O jogador passa então a se entender como operário do esporte e, assim, a se identificar com a classe trabalhadora. Esse exercício de espelhamento entre a torcida e os atletas cria uma aproximação ainda maior entre eles (FLORENZANO, 2009, p. 142). A auto-organização dos jogadores contribui para que a classe trabalhadora se chegasse também dentro de uma cultura democrática: “a cultura retro alimentadora envolvendo a fábrica e o futebol impulsionava e fortalecia ambas as lutas, nutrindo as

com os mesmos ideais valores e práticas e delineava o universo intersubjetivo compartilhado pelos múltiplos atores” (FLORENZANO, 2009, p. 141).

Esclareçamos: se o golpe de 1964 representa o ato de força que viria a se interpor entre os trabalhadores assalariados e os trabalhadores da bola, detendo o processo de solidariedade que se estabelecia por intermédio de uma luta comum, determinando lhes, de cima para baixo, uma identificação forjada com o intuito de mantê-los subjugados; em contrapartida, a luta de resistência contra o autoritarismo político, social e esportivo, a exploração econômica e os mecanismos de Constituição de subjetividades submissas assinalava a lenta reaproximação entre aqueles atores, vinculando os através da noção de autonomia e levando os adiante por meio de sua prática, cuja elucidação nos remete, mais uma vez, a nossa base comparativa (FLORENZANO, 2009, p. 48).

Também, com a chegada de Sócrates, essa identificação se tornou ainda maior. A produção de um novo Corinthians que encarava os valores tradicionais e os valores da classe trabalhadora dentro de uma experiência comum do corpo, combativo e representativo articulou a democracia Corinthiana. Assim, o futebol se transfigurou em atividade política, como disse o presidente da República general João Batista Figueiredo “não poderia haver combinação mais explosiva: política com futebol dá um futebol danado” (FLORENZANO, 2009, p. 144).

Entre os anos de 1954 e 1977, o Corinthians passa por um período muito complicado de resultados muito ruins no futebol. Sem títulos, a estiagem de 23 anos desanimava os torcedores e todos os envolvidos com o Corinthians. Os torcedores passaram a ter um comportamento fanático porque estavam sedentos por um título que os legitimasse como um grande time Paulista. Nesses anos, alguns dirigentes eram tidos até como profetas, messias, assim como a figura de Vicente Mateus, um dirigente que não fez uma boa administração do clube, mas contribuiu com sua paixão pelo Timão (FLORENZANO, 2009).

O time se constrói, cresce e se desenvolve sob essa relação profunda, ainda íntima, entre a torcida, os jogadores e toda a sua organização. Será visto mais adiante que a torcida buscava interlocução constante com a direção do time, constituindo então essa organicidade entre o Corinthians e a torcida. A Gaviões da Fiel como a maior e principal torcida organizada do Corinthians representa tudo isso, carrega essas bandeiras e representa os torcedores do clube como se fossem o próprio clube. Tal é essa relação entre time e povo.

Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal metropolitano de SP, escreve uma carta pastoral para a torcida do Corinthians 1977 em que expressa essa ideia de conexão íntima entre o time e o povo:

Naquele ano de 1977, no dia 7 de outubro, o cardeal dom Paulo Evaristo Arns divulgou a sua memorável pastoral ao povo corinthiano, na qual ele afirma, parte metaforicamente para abranger toda a nação Brasileira e parte de maneira específica para os torcedores do Timão: “o Corinthians é mesmo o símbolo do povo que não chega lá. do povo que sofre todas as decepções, desde as mais legítimas, como a também as de seus sonhos. mas é um povo que aguenta. que é humilde. ovo que se abate, mais que, ao mesmo tempo, sabe que precisa recomeçar. e recomeça mesmo! está presente em todas as próximas lutas”.

(...)

“O Corinthians terá vencido quando vencer nos Campos das escolas que possibilitaram aos jovens saberem o necessário para a existência, podendo tomar a vida na mão. quando o povo souber o que fazer com tantos talentos, grandes talentos, brotados como que das Fontes, em terras regadas por chuvas. quando o Corinthians vencer nos Campos da saúde e puder aguentar a vida desde os primeiros dias de nascimento”

(...)

“Que a Vitória do Corinthians deve levar a vitórias essenciais na vida. e vai levar a tanto. Acreditamos, sempre de novo, nesta era que está para chegar em favor do povo, com a participação do povo e criada pelo mesmo povo”. (ARNS *apud* KFOURI, 1997).

Dom Paulo Evaristo Arns —um progressista que se posicionava contra o Regime Militar— foi frade franciscano, cardeal e arcebispo de São Paulo, ligado ao trabalho com a população pobre e trabalhadores, criando a Pastoral da Moradia e a Pastoral Operária. Foi conhecido como cardeal dos direitos humanos, sendo fundador da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. Na década de 1970, lutou pelo fim da tortura e pela democracia no país. Participou dos projetos Brasil: nunca mais e Tortura nunca mais, que buscavam o fim da ditadura e das torturas.

Nesse excerto de sua carta ao povo corinthiano, Dom Paulo estabelece a relação entre o time e o povo. Corinthiano fervoroso, o religioso sempre esteve ao lado dos mais pobres e dos trabalhadores, identificando a torcida como representante dessa população.

## 2.2 A anistia

Para entender como o Movimento pela Anistia se mistura à ação da torcida Gaviões da Fiel, é importante compreender o que é esse movimento e como surgiu. O movimento da anistia não nasce do contexto futebolístico, nem se relaciona a ele particularmente. Durante a ditadura militar muitos presos políticos foram capturados somente em função de atividades de contestação ao sistema ditatorial. Frente a isso personalidades, principalmente ligadas à cultura, ao esporte, às igrejas e intelectuais, elaboraram manifestos em defesa dos perseguidos pelo governo.

Em 1976, no velório do presidente deposto, Jango (João Goulart), sua filha, Denise, colocou sobre o caixão de seu pai uma faixa com a palavra ANISTIA. No ano seguinte, 1977, o movimento se expandiu com a retomada dos protestos estudantis e a criação dos Comitês Brasileiros pela Anistia (CBA), que logo teve a adesão de importantes entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a União dos Escritores Brasileiros, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Nas suas demonstrações pelo país afora, os estudantes estendiam faixas improvisadas pedindo anistia ampla geral irrestrita, que era reclamada pela nação silenciada pela opressão (LA SELVA, 2020).

Essas ocorriam nas universidades, nas ruas, nas praças e nas avenidas, apesar da repressão apresentada por tropas da polícia militar e das forças armadas; apesar das prisões; apesar das intimidações; apesar da violência; apesar das sevícias; apesar das ameaças e apesar das intimidações. Sua organização era feita nas residências, nos bares e nos centros acadêmicos das universidades. Erguia-se naquele momento a nobre consciência nacional, representada fielmente pela voz destemida e ousada de sua juventude estudantil. O grupo que representava a apresentação da faixa é o Comitê Brasileiro pela Anistia, do núcleo de São Paulo, em parceria com a torcida organizada Gaviões da Fiel.

Rodeghero (2014), afirma que entre 1968 e 1974 muitos foram os perseguidos e prejudicados pelo pior período da ditadura militar no Brasil. Principalmente os envolvidos em luta armada, mas não só eles, envolveram-se famílias trabalhadores pessoas comuns.

O movimento feminino pela anistia (MFPA), é criado em 1975 e se estrutura depois da chegada de Ernesto Geisel a o poder. este presidente afirmou que a repressão seria amenizada de forma lenta e gradual, isso deu fôlego para que movimentos que defendiam os exilados em função da família se estruturasse. no exterior, os exilados viam neste movimento uma forma de

lutar contra a ditadura. o intuito de todos esses envolvidos era a retomada dos direitos humanos, a redemocratização do estado brasileiro e a denúncia de ilegalidades. [...] a partir de então, em 1978, outros comitês surgem no território brasileiro com bandeiras, mas abrangentes incorporando outras pautas, elencando outras motivações relacionadas aos estudantes aos trabalhadores e outras minorias, mas sempre ressaltando a necessidade da libertação dos presos políticos, a volta dos exilados, a identificação de torturadores e de mortos e desaparecidos por causa do regime ditatorial. (LA SELVA, 2020, p. 154).

Os presos políticos eram perseguidos por causa de suas convicções políticas, por apresentarem algum tipo de antagonismo ao Estado Brasileiro, realizando atividades de ação direta ou não. No pensamento popular, esses presos eram vistos como terroristas assassinos de pais de família assaltantes, o que não corresponde com a verdade. O movimento de anistia vem, então, recuperar no imaginário social daquela época que há humanidade nos perseguidos e desmistificar as causas das prisões, buscando divulgar os seus reais motivos.

Foi um movimento ideológico que buscou humanizar os presos e esclarecer para a sociedade o que estava acontecendo uma vez que os meios de comunicação não podiam transmitir toda a verdade dos acontecimentos por causa da censura. A decisão estratégica de usar as torcidas como meio de divulgação da ideia da anistia parte justamente do fato de que os jogos futebolísticos eram televisionados. Portanto, o alcance da mensagem se dava de forma muito mais ampla e o tempo de reação da polícia às manifestações era menor. Uma estratégia perfeita para levar uma ideia que precisava ser popularizada, a ideia lançada para a sociedade traria no mínimo uma reflexão.

A campanha pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita é reconhecida como um dos primeiros movimentos nacionais unificados contra o Regime Militar no Brasil, surgido no contexto político de retomada de luta de resistência que envolviam múltiplos setores da sociedade civil. Nos anos finais dos anos de 1970, a campanha pela anistia, depois de dar seus primeiros passos no final da década de 1960, cresce e adquire suas formas mais articuladas a partir de 1975. Entre, aproximadamente, 1975 até 1979 (ano da aprovação da lei 6.683, mais conhecida como lei da Anistia, em 28 de agosto de 1979), a Campanha pela Anistia ampliou-se, organizou-se e criou-se os Comitês Brasileiros de Anistias (CBA) que resultaram em inúmeras manifestações estudantis em protestos contra prisões arbitrárias e torturas de presos políticos em várias regiões do Brasil.

Com a criação dos CBA por todo o país, a ideia gerou mobilização e espalhou-se entre os anos de 1977, 1978 e 1979, configurando-se como uma rede formada por mais de sessenta comitês espalhados pelo território nacional.

Esta rede passa a desenvolver uma campanha articulada e de informação sobre a Anistia Ampla Geral e Irrestrita. Anistia Ampla porque para todos os atos de manifestação de oposição ao regime; Geral porque para todas as vítimas dos atos de exceção e irrestrita porque seria uma anistia sem discriminações e restrições. (COMISSÃO DA VERDADE DA PUC-SP, s. d., n. p.).

Forma-se uma rede formada em torno dos CBA. A partir daí seu sistema de apoio e alianças ganha organicidade e ocorre o “I Encontro de Movimento pela Anistia”, realizado em setembro de 1978 na cidade de Salvador com uma pauta unificada de luta, avançando nas demandas políticas de enfrentamento à ditadura. Tal pauta transformou-se em marco histórico da luta, definindo reivindicações e metas gerais da campanha, muitas das quais orientam as lutas por memória e justiça até a atualidade. Assim, a partir daquele momento, a campanha pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita, liderada pelos CBA exigia:

A libertação imediata de todos os presos políticos; a volta dos exilados, banidos e cassados; a reintegração política, social e profissional dos funcionários públicos ou privados demitidos por motivação política devido aos atos de exceção; o fim da tortura; esclarecimento das circunstâncias e dos responsáveis pelas mortes e desaparecimentos; a revogação da Lei de Segurança Nacional; o desmantelamento do aparato repressivo da Ditadura e o julgamento e punição dos responsáveis pelas violações perpetradas (COMISSÃO DA VERDADE DA PUC-SP, s. d., n. p.).

A campanha da Anistia Ampla Geral e Irrestrita ganhou apoio de vários setores da sociedade civil como a CNBB, Comissões de Justiça e Paz, OAB, ABI, movimentos Pró-UNE e vários DCE's livres do Brasil. A campanha vai ganhar a adesão de presos políticos que aderiram a realização de inúmeras greves de fome em todo o país. Nos anos de 1978 e 1979, a campanha da anistia conquista as ruas e espalha suas alianças com outros movimentos como é o caso do movimento sindical que emergia com força no contexto político e social do país, e promove em fabricas e áreas de trabalho, passeatas e outras manifestações, conquistando o apoio e a participação da classe trabalhadora urbana. Mas um evento peculiar ou inusitada começou a ocorrer entre o Comitê Brasileiro pela Anistia de São Paulo em parceria com o Grêmio Gaviões da Fiel, em fevereiro de 1979, em um clássico entre Corinthians e Santos no estádio do Morumbi para um público de mais de 109 mil torcedores, uma faixa com os

dizeres “Anistia ampla, geral e irrestrita” fora aberta no meio do espaço da Gaviões da Fiel, televisionado e passando nos jornais no dia posterior ao fatídico jogo.

Foi a primeira vez que uma faixa de conteúdo político, desde muitos anos (não se esqueça da aplicação do Ato Institucional de número 5 implementado em 1968) e transmitido ao vivo e para os veículos de grande circulação (jornais) no dia posterior. Mas é necessário compreendermos o contexto histórico para pensarmos na importância desta faixa em pleno fevereiro de 1979, ou seja, diante de uma ditadura particularmente brasileira com abertura bastante característica do país, de forma lenta. Faz-se importante ressaltar:

Compreender o significado desta manifestação em plena ditadura militar é preciso analisar o contexto histórico em que parte da sociedade civil se organizou para lutar pela anistia e pensar no impacto do surgimento das torcidas organizadas e o seu papel político (BERTÉ, 2016, p. 31).

Os depoimentos de Carlos Fon e Carlos MacDowell, membros do CBA de São Paulo, foram as fontes para nossa pesquisa, que planejaram o ato no Estádio do Morumbi, junto com a participação de Chico Malfitani (um dos fundadores da Gaviões da Fiel e repórter à época) e Dentinho (diretor de bandeira da torcida no período em questão). No entanto, somente as narrativas de Carlos Fon e Carlos MacDowell são frutos das entrevistas que fazem parte “de um vasto material organizado pela Fundação Perseu Abramo, em 1999, em uma campanha de comemoração dos 20 anos da promulgação da Lei da Anistia”. Tais narrativas se posicionam contrárias aos discursos que associam a anistia ao esquecimento dos crimes ocorridos no período ditatorial. Na verdade:

As publicações organizadas pela Fundação Perseu Abramo trazem a ótica do dever da memória como um posicionamento político no sentido de não esquecer os crimes cometidos pela ditadura e “contar a história” da resistência desencadeada por personagens da luta pela anistia. O material organizado conta com documentos da época, com manifestos, panfletos, fotografias, cartas de presos políticos, exilados e familiares de mortos e desaparecidos e por fim, depoimento de cerca de cinquenta protagonistas da luta pela anistia que relembram a memória do movimento [...] (BERTÉ, 2016, p. 32).

No entanto, a junção do CBA (SP) com a Gaviões da Fiel possibilitou uma propaganda para a causa do movimento da Anistia de maneira inimaginável e possibilitou a participação de vários integrantes da torcida que se dispuseram a enrolar a faixa, colocar no instrumento musical, planejar como despistar da revista da polícia militar para que a faixa não fosse apreendida. Ou seja, um grupo da Gaviões

participou do ato político em conjunto com Fon e Carlos MacDowel. A Gaviões da Fiel potencializou o movimento da Anistia, Ampla Geral e Irrestrita e o CBA (SP) ampliou o horizonte político de uma parcela do quadro da Gaviões e essa fusão acabou gerando na maior demonstração políticas no Brasil contra a ditadura num ambiente voltado para o esporte e o lazer, ou seja, arquibancada.

A pressão popular resultou na apresentação de um projeto de lei do senador Teotônio Vilela que pedia a reorganização democrática do país, enviada para aprovação no Senado em agosto de 1979. Todo o movimento pela anistia, pulverizado pelo país, representou o início da derrocada da ditadura no Brasil e a restauração do estado de direito. Formou-se um verdadeiro clima de busca pela liberdade democrática (LA SELVA, 2020).

### **2.3 A história da faixa**

O envolvimento político da Gaviões da Fiel no combate à ditadura militar e os seus numerosos arbítrios intensificava-se. Em particular, crescia o movimento pela Anistia Política, bandeira empunhada corajosamente por Therezinha Zerbini <sup>25</sup>, do Movimento Feminino Pela Anistia, a partir de 1975.

Entre os anos de 1954 e 1977, o hiato de 23 anos sem vitórias de campeonato pelo time, deixou a torcida alvinegra ansiosa por se libertar desta abstinência. O presidente Vicente Matheus e o técnico Oswaldo Brandão eram uma esperança para o sucesso do Corinthians, porém, se mostraram como desilusões. A derrota do campeonato Paulista de 1974 para o Palmeiras marcou uma grande mágoa na torcida, ao mesmo tempo a Gaviões da Fiel crescia em número, importância, organização e influência (FLORENZANO, 2009). Em fevereiro de 1979, no jogo entre Corinthians e Santos, no Estádio do Morumbi, o Comitê Brasileiro pela Anistia, do núcleo de São Paulo, abriu uma faixa com os dizeres “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita” em parceria com a Gaviões da Fiel.

---

<sup>25</sup> Therezinha de Godoy Zerbini foi advogada, assistente social e ativista dos direitos humanos. Em 1968, trabalhou com o frei Tito na resistência à ditadura e construiu o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE). Em razão das atividades da UNE, foi presa em 1970. Fundou, em 1975, o Movimento Feminino Pela Anistia e, em 1978, criou o Comitê Brasileiro pela Anistia no Rio de Janeiro, formado por advogados e presos políticos de todo o país. Continuou atuando na política brasileira ao lado de Leonel Brizola, no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e depois no Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Os jogos de futebol de 1979 tiveram sua história marcada pelos conflitos fora do campo. A violência entre torcidas, a discussão sobre a liberação do uso de álcool dentro dos estádios e as discordâncias entre as torcidas e os dirigentes de futebol. Assim como mostrado mais à frente nesta seção, as torcidas passaram a ter um papel de quase protagonista nas discussões e decisões sobre os rumos dos times futebol. Portanto, no final desta década, vê-se as torcidas terem um papel muito importante de influência neste espaço como um todo, tanto nas disputas com os dirigentes, quanto protagonizando as manchetes de jornal por causa da violência e das brigas de torcida.

O antropólogo José Florenzano (2019) relembra que a polícia encarregada da segurança em espetáculos esportivos era também aquela que atacava a subversão política, reprimia protesto e passeatas. Os métodos da caserna promoviam uma atuação policial truculenta que vitimava estudantes, sindicalistas e outros possíveis inimigos do regime. Em 11 de fevereiro de 1979, a partida entre Corinthians e Santos foi marcada por muita violência, após o término da partida e dentro mesmo do campo. A polícia militar interveio invadindo o campo e prendendo o ponta esquerda reserva santista.

**Figura 1 — Violência no jogo entre Corinthians e Santos em 1979**



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO, 1979a.

O santista fora agredido pela polícia e levado preso porque teria agredido o comissário da partida com a sua carteira de trabalho no rosto. Embora este evento não tenha relação direta com a faixa da anistia, a reportagem de meia página no jornal

mostra a forma como a polícia intervinha nos conflitos. Mais do que isso, a matéria trata da forma como o jogo era balizado por um comissário. O gesto de “esfregar” a carteira de trabalho na cara do comissário mostra a mudança no status dos jogadores: agora de carteira assinada, se identificavam como trabalhadores e exigiam respeito como tal. Como afirma Thompson:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses referem (geralmente se opõe) dos seus (1981, p. 10).

É possível fazer das arquibancadas uma aliada nas lutas democráticas, no enfrentamento aos regimes autoritários, na defesa dos direitos e na busca por uma vida melhor para todos. O jogo que deu vitória ao Corinthians no Morumbi ocorreu embaixo de fortíssima chuva na cidade de São Paulo. A reportagem que narra os acontecimentos daquela tarde, assim como os conflitos ocorridos, relata o seguinte sobre a prisão do jogador e a violência nas arquibancadas:

Segundo a versão policial, o jogador foi preso na porta do vestiário do seu clube, depois de um desentendimento com o comissário.

- Ele esfregou a sua carteira profissional onde já havia o registro como jogador no rosto do comissário Celso. além disso, parece que deu um soco num menor

[...]

o diretor de futebol do Santos, José Rubens Marino, tinha outra versão para o caso - que lhe foi contada pelo próprio Tonho, gestos de xadrez do Morumbi, mostrando marcas da violência no braço esquerdo, “eles me espancaram - gritava chorando.

[...]

Desmaios, quedas, garrafas, pauladas, embriaguez. Essas foram algumas das causas que levaram o serviço médico do Morumbi a ter um dos dias mais agitados dos últimos tempos (FOLHA DE SÃO PAULO, 1979a, n. p.).

Neste mesmo jogo foi possível ver algumas manifestações expressas em faixas levantadas pelas torcidas. Inclusive, uma delas fazia referência ao apoio a Nabi Chedid para a eleição da Federação Brasileira de futebol. Ao mesmo tempo., mais acima, no anel superior da arquibancada do Morumbi, havia uma outra faixa muito mais significativa, embora, segundo relatos, tenha ficado aberta por pouco tempo. A faixa trazia a seguinte mensagem: “ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA”. De acordo com Canale (2020), a ideia para a elaboração da faixa teve origem em uma conversa entre um dos fundadores da Gaviões, Francisco Malfitani, e o jornalista da Revista Veja, também corintiano, Antônio Carlos Fon, que também pertencia ao Comitê Brasileiro pela Anistia.

“Vamos fazer uma faixa da Anistia e vamos levar, você acha que dá para levar na Gaviões?”, claro que dá, vamos falar com os caras lá. Você faz a faixa, eu te encontro na porta do estádio, já aviso o pessoal da bateria, tenta esconder dentro do tambor da bateria, vamos abrir na hora que os times estiverem entrando em campo, com o estádio lotado. Aí os fotógrafos focalizam a manifestação da torcida, a gente já deixa vazar informação para alguns fotógrafos, que vamos apresentar uma coisa diferente, e aí quando a polícia chegar já foi fotografado. [...] A ideia foi do Fon, falou para mim, “o que você acha, dá na Gaviões? Você que é lá da cúpula”, “pô, claro que dá. Todo mundo ali vai topa”. [...] o Arthur Timerman, que é um médico infectologista conhecido, era da Gaviões, nos ajudou ali, Manchinha, todo mundo. A Gaviões sempre foi de esquerda (MALFITANI, 2014 *apud* CANALE, 2020, p. 222).

Na mesma tese de Canale (2020), a fala de Carlos Fon dá uma perspectiva do momento do uso da faixa. Segundo ele, houve uma verdadeira comoção entre os torcedores da Gaviões da Fiel, a polícia militar tentava subir a arquibancada para alcançar os assentos mais distantes, forçando passagem entre os espectadores, que se espremiavam e davam os braços tentando impedir o acesso da polícia. Em meio aos gritos, os policiais recuaram e desistiram de tomar a faixa.

Nesse momento, as rádios já estavam falando sobre a faixa, de acordo com Fon, nos aparelhos de rádio à pilha colados nos ouvidos dos torcedores, a informação sobre a faixa ganhava amplitude. A reação no estádio foi de alegria entre os apoiadores da Anistia. O significado de solidariedade daquela mensagem dava orgulho aos torcedores:

Como a ideia era do Chico Malfitani e minha, nós dois ficamos encarregados de “pendurar o sino no pescoço do gato”, com a ajuda do professor Carlos Mac Dowell, que se apresentou como voluntário. Para isso foi escolhido um clássico —o jogo Corinthians x Santos— para a manifestação, enquanto o Luiz Eduardo Greenhalgh ficaria de plantão para o caso de um de nós ser preso. O Malfitani combinou com a direção da Gaviões da Fiel, mas no dia do jogo ele teve um problema pessoal e só conseguiu chegar ao estádio minutos antes da entrada do Corinthians em campo, o momento marcado para desfaldar a faixa (FON, 2006 *apud* CANALE, 2020, p. 223).

A faixa se aproveitava da enorme visibilidade que o jogo teve, pela transmissão pela televisão e pelo público do estádio, a mensagem foi levada ao ar pelas emissoras que transmitiam o jogo. No dia seguinte, a notícia estava estampada nos principais jornais do país. Carlos MacDowell, que é santista, foi preso, mas liberado em seguida na saída do estádio.

Nos jornais impressos, repercutiu o documento que critica o uso da Gaviões, de acordo com o texto, por alguns torcedores que desejosos de manifestarem se politicamente preferiram o anonimato, conforme a matéria lançada:

Figura 2 — Manifestação sobre a faixa na mídia, 1979



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO, 1979b, p. 32.

De acordo com a publicação, no dia 13 de fevereiro de 1979, o jornal paulistano a Folha de São Paulo publica uma matéria que faz referência ao acontecido naquele domingo do dia 12 de fevereiro, no jogo entre Corinthians e Santos, onde foi exibida a faixa com os dizeres “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”. Segundo a matéria:

Quem foi? quem não foi? Ontem, pela manhã, quando acordou e viu aquela enorme faixa estampada nas páginas dos jornais, Andrés Moreno Castilho, um espanhol de 33 anos, representante comercial nas horas vagas, levou um susto. Um enorme susto.

Imediatamente, convocou os seus assessores imediatos, reuniu o conselho, procedeu a rápida sindicância e baixou uma nota oficial – indignada, como ele próprio, e teve de fazer uma longa e cansativa maratona pelas redações dos principais jornais de São Paulo.

— Não temos nada com isso.

Comunicado à mão, dedo em riste, ele fazia questão de ler: “o Grêmio Gaviões da Fiel, tendo em vista a publicação feita em alguns jornais que cobriram o jogo Corinthians e Santos, atribuindo ao nosso Grêmio a autoria de uma faixa apelando ao governo uma anistia ampla e restrita, vem comunicar o seguinte...”

Respiração ofegante, gestos nervosos, Andrés continuou:

“Primeiro: esse procedimento não possui qualquer vínculo com o Grêmio ou seus associados, visto como nossa finalidade e atividades são estrita e exclusivamente desportivas, sem envolvimento com facções políticas; convicções dessa natureza estão reservadas a cada um de per se, proibidas, por isso mesmo dentro do Grêmio, cujo nome não pode ser nelas envolvido. Não se trata de repúdio à política, mas esta deve ser praticada nos respectivos partidos”.

Andrés Moreno Castilho, presidente do Grêmio Gaviões da Fiel, parecia querer desmentir o indesmentível. Numa mão o comunicado oficial, na outra o jornal. e as letras da enorme faixa - “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita” - se misturando a camisas bandeiras e outras faixas e letras - “Gaviões da Fiel”.

Andrés, contestava, o comunicado respondia:

“Segundo: a faixa foi aberta acima da concentração de nossos grupos de associados e sequer foi percebida por este grupo, que dela tomou conhecimento somente hoje através das fotos nos jornais; mesmo porque nossa intenção estava voltada, como sempre para o que se passava dentro das 4 linhas do Gramado”.

Mas Andrés, por exemplo, nem lá estava:

— Não, eu tinha dado uma descidinha para resolver um probleminha. quando subi, não vi faixa nenhuma. Nenhuma. Se ela ficou lá, ficou por questão de segundos. Como está aqui no comunicado, não temos envolvimento com isso. Somos totalmente apolíticos (FOLHA DE SÃO PAULO, 1979b, p. 32).

O texto que traz a matéria deixa clara a necessidade do presidente da Gaviões de se colocar distante dos conflitos políticos da época. Por um lado, mostrando o seu interesse em obter vantagens para a agremiação, por outro, por possíveis apoios a candidatos a deputados, conforme sugere a fala do próprio Andrés, quanto para se defender de represálias do governo autoritário. O texto não deixa tão claro se Andrés se manifesta contra a faixa por uma questão de autopreservação, no contexto da ditadura militar no país, ou se de fato ele não apoia aquela expressão em favor da Anistia Política.

É certo que nos quatro meses antes do acontecido, o deputado federal Cantídio Sampaio tinha ajudado na liberação de um terreno para a construção da nova sede da Gaviões. Nisso vê se que havia, sim, por parte de Andrés um receio em se posicionar politicamente contra o governo, pois de alguma forma ansiava ainda o apoio de personalidades da política para obter benefícios para a torcida organizada.

Totalmente apolíticos? Andrés parecia mais calmo e acabou até confessando a causa de seu tamanho desespero, de sua tamanha preocupação. Ou melhor as razões:

— Olha, só cuidamos da política do clube. Ora! Veja só se eu vou falar em anistia e nessas coisas, ou mesmo permitir que falassem disso na torcida! Eu sou espanhol, rapaz, os homens... Bem, e depois tem outra coisa: foi o

governo que do nos doou o terreno da nossa sede, lá no Bom Retiro. O terreno era da EMURB e o Paulo Egídio doou para a gente... Deixa pra lá... Quem quiser fazer política que vá para os partidos. Aqui nos Gaviões, não! Não é bem assim, não foi bem assim. pelo menos durante a campanha as últimas eleições, o procedimento foi outro. Naquela época, por exemplo, Andrés e o grêmio apoiaram a arena, fizeram campanha por Cantídio Sampaio, candidato a deputado federal.

— Ora! mas aí é outra coisa né? foi pura simpatia, tínhamos de apoiar alguém apoiamos o Cantídio, inclusive, aqui também, por causa da cessão do terreno e outras coisas...

E Andreas voltava a recorrer ao comunicado:

“Terceiro: particularmente, com referência a mencionada faixa, é lamentável a atitude [ilegível] de quem a levantou, escondendo-se no anonimato e, sobretudo, procurando atribuir seu gesto a terceiros, no caso este Grêmio. Quando lemos alguma mensagem, sempre assumimos a responsabilidade para os nossos atos” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1979b, p. 32).

A reportagem também fala de uma outra faixa exibida com os dizeres: “Estamos com Figueiredo!”. Andrés afirma que esta faixa era de outra torcida, do coração corinthiano, tentando também se desvincular de qualquer identificação político partidário:

Acabava o comunicado, continuava a conversa, Andrés falou, por exemplo, de uma outra faixa que a torcida corinthiana ostentou, de uma outra faixa que a torcida corinthiana ostentou por algum tempo, no segundo semestre. aquela que saudava o presidente escolhido pelo sistema: “Estamos com Figueiredo”. os Gaviões estavam?

— Olha, essa faixa era de outra torcida, a “coração corinthiano”. a iniciativa foi dela, a gente nem se meteu..., mas eles já até tiraram a faixa. tinham de deixar, né? sabe como é esse negócio de política, né?

— A gente tem que ser apolítico. hoje os caras mandam, amanhã não mandou mais... sabe de uma coisa: a gente não deve se meter nessa história. está lá, no nosso regulamento: nossas atividades são exclusivamente desportivas, ir ao campo, torcer, gritar...

[...]

Na verdade, o apolítico presidente do Grêmio Gaviões da Fiel tinha, como confessou, outras preocupações mais sérias para o dia de ontem quando acordou assustado com a notícia da faixa pela anistia. como a organização da roda de samba, sexta-feira, com Beth Carvalho, como promoção do segundo festival de chope, marcado para sábado, como o preparativo para o Carnaval de 1979 (FOLHA DE SÃO PAULO, 1979b, p. 32).

Malfitani e Fon tentam atribuir a Gaviões uma ideia de que a torcida sempre tivera sido de esquerda, ou com uma vocação para ser de esquerda, porque pertence à classe trabalhadora e representa a opinião das massas. Neste evento, Andrés recusa veementemente a posição política de esquerda da torcida, se colocando como uma visão política mais de direita. As diferentes visões mostram uma pluralidade dentro da organização, que é aceita e colocada em prática, como, por exemplo, nessas ocasiões. De qualquer forma, o comunicado publicado pela diretoria da Gaviões confunde a repressão e defende a torcida de possíveis agravos.

A própria história da Gaviões da Fiel já coloca a torcida em posição mais alinhada aos anseios da classe trabalhadora. Como já relatado neste trabalho, as origens do Corinthians estão ligadas aos trabalhadores, no começo do século XX. Assim também ocorreu durante toda a história do time, a Gaviões não se distancia muito desta relação com a massa trabalhadora, criando assim um ambiente mais propício para a defesa de questões sociais, assim como políticas, que favorecem os menos privilegiados.

Na tese de Florenzano (2009), o autor afirma que na década de 1960, quando ocorre o golpe de Estado que leva o Brasil ao período ditatorial, a maioria dos torcedores do Corinthians era composta de trabalhadores, inclusive mulheres domésticas e pobres. Aí começa se a estabelecer um tipo de elaboração da modernização do futebol, os jogadores passam a se profissionalizar, as administrações dos times passam a ser conduzidas por ferramentas de gestão melhoradas e o futebol começa a ser entendido como um negócio.

Neste contexto, a profissão de jogador também passa a ser profissionalizada: carteira assinada contrato com cada jogador e valor de passe. Ao mesmo tempo que acontece essa profissionalização, antagonicamente ocorre uma desvalorização deste profissional. Assim, antes os jogadores eram protagonistas de todo o espetáculo do jogo, sendo responsáveis pelo sucesso ou não, pelo êxito ou não de um jogo. Agora, a direção, o técnico e toda a equipe extracampo quem gerencia o futebol passando a ter uma dominação de todas as esferas de ação do futebol.

Ainda de acordo com Florenzano (2009), nas décadas entre 1960 e 1980, os jogadores passam então a serem entendidos como funcionários, sendo impedidos também de pensar e de refletir sobre a sua própria existência dentro do esporte. A desvalorização destes sujeitos remete à dualidade, ao conflito entre o capital e o trabalho. O atleta que nem sempre é originário de classes mais abastadas, mais frequentemente vem de classes mais baixas, encontra no clube a dicotomia de classes. O jogador ele é desvalorizado.

O resultado é o surgimento de uma identificação de classe entre os jogadores, e essa é a raiz do pensamento da Democracia Corinthiana, que prega, acima de tudo, a auto-organização destes trabalhadores do esporte (FLORENZANO, 2009). A autonomia dos jogadores é então entendida como um exercício político. Seguindo o exemplo de manifestações e de ações políticas de torcedores e jogadores em outros

países do mundo como a Itália, a Argentina e Uruguai, em 1971, os jogadores do Corinthians passam então a pensar sobre o seu trabalho e sobre a condição política do seu trabalho. Isso gerou uma organização sindical em busca de direitos do trabalho por parte da reivindicação desses jogadores.

Na tese de Florenzano (2009, p. 48), ele diz:

Esclareçamos: se o golpe de 1964 representa o ato de força que viria a se interpor entre os trabalhadores assalariados e os trabalhadores da bola, detendo o processo de solidariedade que se estabelecia por intermédio de uma luta comum, determinando lhes de cima para baixo, uma identificação forjada com o intuito de mantê-los subjugados; em contrapartida, a luta de resistência contra o autoritarismo político, social e esportivo, a exploração econômica e os mecanismos de Constituição de subjetividades submissas assinalava a lenta reaproximação entre aqueles atores, vinculando os através da noção de autonomia e levando os adiante por meio de sua prática, cuja elucidação nos remete, mais uma vez, a nossa base comparativa.

O que Florenzano quer dizer é que o processo de profissionalização dos atletas gerou uma desvalorização da ação da categoria na organização do futebol, ao menos, naquele período. Se uma vez, anteriormente, eles eram considerados os reis do campo e os donos do espetáculo, agora a sua autonomia confronta as decisões de uma direção que nem sempre está alinhada às vontades do time, representado pelos jogadores. Esse mecanismo tem como resultado a criação de uma consciência e de uma subjetividade que lhes coloca em uma posição de subjugados, sendo assim, esse grupo passa a elaborar uma identidade relacional e de solidariedade para com a classe trabalhadora.

A constituição, portanto, dessa identidade reaproxima os jogadores da torcida. A luta torna-se única entre todos os trabalhadores e, para esses atores pensantes, a resistência contra o autoritarismo político social e esportivo se faz como condição para a sua própria existência, inclusive, contra a exploração econômica. Como havia o direcionamento desses esportistas na busca pela autonomia dentro de um pensamento de autogestão e auto-organização, a arena esportiva passa a simbolizar também um espaço de luta e expressão política. É por isso que a faixa da anistia faz todo o sentido dentro do que representa a Gaviões da Fiel e o Corinthians, um time popular que vem a defender a classe trabalhadora e pelos seus torcedores e que se solidariza com a realidade brasileira.

Segundo Canale (2020), esse evento que marcou uma parte do movimento pela anistia gerou uma campanha e outras manifestações como a ocorrida no jogo

Corinthians e Santos, de fevereiro de 1979, passaram a ocorrer sempre visando a cobertura jornalística e, ao mesmo tempo, o número de torcedores que presenciavam os jogos como uma enorme plateia “ao vivo”. Os torcedores aproveitavam que eram resguardados da violência policial e repressão justamente pela cobertura da mídia. No dia 4 de março de 1979, em um jogo entre Santos e Palmeiras, uma faixa que também defende a anistia foi exibida na torcida do Santos, resultando na prisão de um torcedor. No Dia do Trabalho, 1.º de maio do mesmo ano, um evento compartilhado pelas torcidas do Santos e do Corinthians também foi realizado, em São Bernardo do Campo. Divulgado por panfletos nos estádios, o ato foi marcado pelo confronto entre as duas torcidas. (JORNAL DE S. PAULO, 1979).

Na mídia, posteriormente ao evento sobre a faixa da anistia, não houve muitas notícias envolvendo atuações da Gaviões da Fiel politicamente ou de outra forma. Na pesquisa feita no acervo do jornal A Folha de São Paulo, as notícias se destacavam mais acerca dos desfiles de samba, uma vez que a escola de samba Gaviões da Fiel fora inaugurada em 1975. Outras matérias falam também sobre os jogos e os ônibus que a Gaviões da Fiel destinavam para os torcedores, quando os jogos dos campeonatos se davam em outras cidades ou em localidades muito distantes. Mas, mesmo assim, em agosto de 1979, uma outra faixa aberta durante um jogo deixa claro que a torcida principalmente, a Gaviões da Fiel, exerce grande pressão e impacto sobre as decisões da direção:

**Figura 3 — Mateus, procure um novo técnico!**

segunda-feira, 13 de agosto de 1979 FOLHA DE S. PAULO

# Mateus, procure um novo técnico!

É a ordem de três grandes torcidas, que não confiam na capacidade de José Teixeira

**JOSÉ ROBERTO DE AQUINO**  
 Para demonstrar o quanto o Corinthians é um time diferente dos outros na filosofia dos seus torcedores, basta citar a seguinte definição de um desses milhares de fanáticos e fiéis corinthianos: "Todo time tem sua torcida. O Corinthians é diferente: a torcida é que tem o time!"  
 Pagarão? Nem um pouco. Exceção não faz regra. Um deles bastante significativo: depois da agitação para os corinthianos foi trágica mesma ocasião do Campeonato Paulista de 1971, quando o Corinthians deixou escapar o título que parecia já há quase 20 anos, o grande líder da torcida, Roberto Rivellino, o "Reiinho do Parque", imediatamente apontado como o principal responsável pela falha de guerra demonstrada após o time diante do Palmeiras.  
 Apontado como covarde, por ter passado o seu tempo mais preocupado em garantir o emprego que daria o título ao Corinthians, Rivellino foi expulso pela "Fiel" e nunca mais voltou a jogar pelo Corinthians. Não adiantou, o presidente Vicente Mateus, já incoerente, de vez em quando, dizer que não o reconhecia mais, até a torcida perceber que a sorte estava selada. Pouco menos de um mês da partida, Rivellino desembarcava no Rio de Janeiro para jogar no Fluminense, time da elite brasileira que preferiu ver seu time perder com elegância, do que vencer com garra e valentia.  
 A torcida que exige que fosse feito um exemplo extremo, pois na "dança" a torcida de clube para clube, nenhuma grita a torcida é mais respeitada do que a do Corinthians, quando decide que o técnico não merece para dirigir o seu time. Os casos não têm número, mas é só lembrar de Diniz, o Davi Pereira, que mesmo tendo levado o Corinthians a vice-campeonato nacional em 75, foi imediatamente expulso alguns meses depois, após alguns resultados adversos no Campeonato Paulista.  
 Mas, como toda regra tem sua exceção, a torcida corinthiana também tem suas preferências. Inicialmente depois da conquista do Campeonato Paulista de 1977, que conquistou por meio definitivo, o nome de um dos mais destacados personagens do futebol brasileiro: o mestre Orlando Brandão, que a torcida quer e volta para o lugar do professor José de Souza Pereira, parece ter caído em desgraça há duas semanas, quando o velho grão de guerra se fez ouvir, novamente, estremeceador:  
 "Para Teixeira! Fora Teixeira! Fora Teixeira!"



Mais ponderado, mas igualmente objetivo, o novo presidente da Camba 12, a segunda maior torcida organizada do Corinthians (3.300 sócios registrados), Milton Nelson Choucri, além de achar, como a grande maioria dos corinthianos, que chegou a hora de mudar de técnico, garante que se Vicente Mateus não atender ao pedido dos torcedores, corre sério risco de ver voltar-se para sua pessoa a fúria da "Fiel".  
 "O Mateus precisa entender que está a serviço do Corinthians e por extensão, da torcida. Ou a torcida do Corinthians não é o patrão? Quem é que lota os estádios? Quem paga os salários dos jogadores, os preços dos passes? Por que é que o Corinthians é o maior time do Brasil que não compra o jogador que tem estender? E pagar a visita? Não precisa nem responder. Será que se a torcida deixar de comparecer e prestigiar o time, a situação será a mesma? É claro que não e o Mateus sabe muito bem. O Teixeira é um bom moço, inteligente, culto, mas não é, e isso já está previsto, um técnico à altura para o Corinthians. Acertou até que, a longo prazo, os planos e o trabalho dele possam dar resultados. Mas infelizmente não dá mais para esperar. Queremos e conseguimos novamente, temos jogadores suficientemente bons para isso, mesmo um técnico menos experiente e competente para conseguir isso este ano."  
 E não há torcedor do Corinthians que pense mais que um saguado para dizer o nome do técnico ideal para dirigir o seu time. Em qualquer época. Orlando Brandão, Acetone, que dificilmente Brandão voltará agora para o Corinthians. Pelo mesmo equívoco o presidente do clube, Vicente Mateus, com quem Brandão tem profundas divergências. E como diz o próprio Brandão:  
 "Dado ditadores em um mesmo lugar não conseguem conviver por muito tempo. Um deles acaba caindo."  
 Diante disso, a não ser que a torcida resolve bater o pé mesmo e levar até às últimas consequências uma briga com Mateus pela volta de Brandão, é inevitável que outros nomes sejam lembrados. Os Gaviões da Fiel, por exemplo, citam três técnicos que a seu ver seriam ideais para dar uma contrariação ao time neste momento: Orlando Fantoni, do Grêmio de Porto Alegre; Otto Glória, do Vasco da Gama; e Jorge Vieira, do Botafogo de Rio de Janeiro. Milton Choucri da Camba 12, gostaria de ver Minelli, mas ninguém no Brasil pagaria um milhão de cruzeiros por mais a um técnico. Nem o Corinthians. Assim sendo, eis fica com Otto Glória mesmo. Cláudio Ribeiro, presidente da Coração

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO, 1979c, n. p.

Embora Andrés tenha falado em fevereiro que a faixa não representava uma manifestação de toda a torcida Gaviões da Fiel, uma matéria de agosto daquele mesmo ano mostra que era comum a torcida se expressar através de faixas. Na reportagem intitulada "Mateus, procure um novo técnico!", fica evidente que a pressão dos torcedores pela escolha do técnico se dá através deste meio. A faixa exibida com a frase do título da reportagem sugere ao presidente do clube que ele troque de técnico dos jogadores. Em seguida, a fala do novo presidente da Gaviões da Fiel simboliza bem a força que a torcida tem perante o time:

Para demonstrar o quanto o Corinthians é um time diferente dos outros na filosofia dos seus torcedores, basta citar a seguinte definição de um desses milhares de fanáticos e fiéis corinthianos: Santa corte "todo time tem sua torcida. o Corinthians é diferente a torcida é que tem o time"  
 Já na quarta-feira, além dos gritos pedindo a cabeça de José Teixeira, o Grêmio Gaviões da Fiel, a mais antiga e representativa torcida organizada do Corinthians, apresentava uma faixa com um recado direto a Vicente Mateus: "Mateus, agora o técnico".  
 Nada pela polícia, mas os Gaviões não se abalaram continuaram, continuaram gritando, e garantem que caso Mateus não demita Teixeira, A ira da fiel se voltará para ele. e alguém dúvida que se eles cismarem mesmo não serão capazes de levantar todos os corinthianos contra Vicente Mateus?  
 "O Mateus precisa entender que está a serviço do Corinthians e por extensão da torcida. ou a torcida do Corinthians não é o patrão? quem lota os estádios? sim paga os salários dos jogadores?" (FOLHA DE SÃO PAULO, 1979c, n. p.).

Portanto, embora no evento da faixa de anistia o presidente da torcida, Andrés, tenha dito que a Gaviões da Fiel não tem qualquer relação com a exibição da faixa, é possível perceber pela reportagem de agosto que a exibição das faixas é uma atividade habitual da torcida, inclusive até nos dias atuais. Isso pode levar também a pensar que a recusa do compartilhamento da responsabilidade com relação à faixa pelo presidente pode significar somente uma defesa do time em um momento de autoritarismo, para que não sofressem represálias do governo ditatorial.

Independente da narrativa dada sobre a faixa da anistia, como ela foi contada no jornal, como ela foi repudiada pelo presidente da torcida, a exibição de faixas era recorrente. Como uma prática aceita pela Gaviões, o que importa aqui a ser discutido é que parte da torcida levantou uma bandeira política em meio a um jogo de futebol do time Corinthians, misturando assim o pensamento político dessa parcela dos torcedores com o futebol, um jogo exibido na televisão, em pleno domingo, entre dois dos maiores times do Estado de São Paulo.

Se as experiências vividas pelos torcedores eram determinadas pela estrutura do futebol, o mesmo não pode ser dito da consciência em comum. Como argumenta Thompson, ao refletir sobre a consciência da classe trabalhadora inglesa, “a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” (1987, p. 10). Trazendo tal reflexão para o ambiente do torcedor organizado paulista, a consciência se expressava no constante compartilhar das lutas, dos momentos de lazer, das reivindicações e mesmo dos sonhos de um futebol mais parecido com o do vizinho Rio de Janeiro.

Na década de 1980 surgiram novos estudos acerca dos movimentos sociais e da sociedade civil como um todo, esses estudos passaram a questionar as interpretações que definiam a passividade das ações da sociedade civil. Assim, passou a ser questionado o papel passivo antes atribuído aos personagens que compunham estes emergentes movimentos sociais —pois eles teriam desenvolvido uma nova forma de pleitear seus direitos através de um modelo original de ação política.

Pesquisar a identidade dos movimentos, ouvir suas falas, captar suas práticas cotidianas, tornaram-se assim os objetivos centrais nas preocupações dos analistas, e não mais os estudos das determinações estruturais da economia sobre as ações

coletivas em andamento. Foram tais influências, associadas ao momento político específico vivido então pelo Brasil — marcado pela eclosão dos movimentos grevistas do ABC, que resultaram na fundação do Partido dos Trabalhadores, agregando intelectuais e lideranças de vários segmentos sociais, que acabaram por definir na historiografia uma nova forma de encarar a relação entre Estado e sociedade.

Busca-se, a partir de então, compreender uma nova modalidade de participação política, que teria se realizado sem nenhuma forma de atrelamento ao Estado ou a partidos políticos. Isso significa que a referência estatal estaria em crise: ao invés de o Estado aparecer como lugar e instrumento privilegiado das mudanças sociais, iniciava-se um processo de polarização, muitas vezes até maniqueísta, entre sociedade civil e o Estado. No decorrer do período ditatorial brasileiro e no período após a formalização dos Atos Institucionais, marca da restrição ampla dos direitos civis, tais análises apontariam, assim, para um profundo distanciamento entre a sociedade civil e o Estado. Exemplo maior desse tipo de concepção é o de Sader (1988), que procurou analisar os movimentos sociais brasileiros através de uma abordagem culturalista.

Sader contribui com os estudos acerca das organizações civis ao perceber os novos sujeitos sociais e históricos que nascem dos movimentos sociais. Embora fossem ações coletivas, esse sujeito não se apresenta como portador da universalidade definida a partir “de uma organização determinada que operaria como centro, vetor, teias das ações sociopolíticas e para a qual não haveria propriamente sujeitos, mas objetos de engrenagens da máquina organizadora” (1988, p. 95). O novo sujeito estaria, neste caso, intimamente ligado às ações travadas no cotidiano popular, nas conversas com seus iguais, onde tomava consciência dos seus direitos violados, da escassez de serviços básicos, da defasagem salarial etc.

Como consequência, tais autores passam a enxergar novos espaços de organização política em locais como as reuniões entre moradores das múltiplas Associações de Bairros e nos encontros entre membros das CEBs da Igreja Católica. Foi dentro desses novos espaços que, segundo Paolo (1995), teria se articulado um discurso “contra o Estado”, baseado na percepção de um “antagonismo radical” que fazia das demandas dos movimentos sociais um meio de que eles viessem a se pensar “de modo autônomo sem o pesado estigma de serem figurações passivas, ou clientelizadas, da dinâmica estatal”. Ao focar sua atenção em movimentos de

reivindicação mais direta frente ao Estado, tais análises acabaram por desconsiderar outros universos de ação que podiam assumir caráter igualmente político. É o caso, dentre outros, do universo do futebol.

Segundo Florenzano (2009, p. 131), o movimento do Parque São Jorge, ao provocar “a fusão do jogador com o cidadão”, teria expressado nos campos “a luta de um povo pela liberdade pública [...]”. Mais do que simplesmente espelhar essa luta, no entanto, ele chegou a efetivamente alimentá-la, disseminando socialmente os ideais que a sustentavam. Além da fusão do jogador com o cidadão, havia assim similarmente a fusão entre os torcedores e a cidadania.

O processo, no entanto, tem suas naturais ambiguidades. Uma pista para a compreensão de tais ambiguidades é dada pela análise do conflito interno que então se instaura no seio da maior torcida organizada do Corinthians, a “Gaviões da Fiel” — que se expressa já no dramático caso da exposição da faixa em 1979 em prol da Anistia. É interessante verificarmos que há versões antagônicas para a exposição desta faixa. Para Santos (2004, p. 51–52):

Numa época de ditadura, a Gaviões foi a primeira entidade que abriu uma faixa —‘anistia ampla e irrestrita’— para cem mil pessoas. Na época o pessoal que estava saindo do país veio pedir para a Gaviões porque eles aceitaram a ideia Gaviões. Eles disseram que ninguém tinha coragem de abrir uma faixa para cem mil pessoas: ‘você vão abrir’ e os Gaviões compraram a briga. (...). Na época foi todo mundo para o banquinho do Doi-Codi. O presidente na época era o Julião e os policiais vieram aqui e pegaram todo mundo. Ninguém tinha feito isso na época da ditadura, então os Gaviões eram uma força diferente das outras torcidas.

No entanto, Florenzano, mostra uma outra versão para este mesmo caso. Citando um jornal de época, *Movimento*, o texto afirma que o:

“presidente do grêmio Gaviões da Fiel” —André Moreno Castillo— ‘fez de tudo para mostrar que os ‘Gaviões’ não tinham nada com a faixa aberta no Morumbi’. Mais ainda: apressou-se em dizer que é apolítico, mas não negou que trabalhou na campanha de Cantídio Sampaio, um dos mais reacionários deputados da Arena paulista. O que Castillo não diz é que começa a se consolidar um grupo de oposição dentro dos Gaviões, com a mesma “garra” da Fiel, mas sem ignorar os interesses mais gerais da população. E suspeita-se, teria sido esse grupo dissidente o responsável pela oportuna faixa (*apud* FLORENZANO, 2009, p. 417).

Possivelmente, Santos tenha resgatado uma versão mais próxima a uma espécie de mito fundador da instituição que está atrelada com grandes acontecimentos. No entanto, a reconstrução da memória do ex-presidente da Gaviões da Fiel, Douglas Deúnguro, citado por Santos, não expressa os desacordos e conflitos

dentro da Gaviões. Neste contexto, acreditamos que havia uma polaridade de posicionamentos políticos dentro da instituição: se seu presidente apoiava um candidato conservador, a colocação da faixa mostra a ausência de homogeneidade política interna da torcida. Ao utilizarem sem o aval do presidente o espaço da Gaviões da Fiel na arquibancada do Morumbi com a finalidade de externarem suas respectivas convicções políticas, alguns de seus componentes indicavam que, na torcida, aquele estava ainda longe de ser um ideal consensual.

Nem só nas arquibancadas, no entanto, se notava esse tipo de divergência. Dentro do elenco do Sport Clube Corinthians Paulista, podemos também apontar o descontentamento de alguns jogadores que viam na *Democracia Corinthiana* um movimento comandado por dois ou três privilegiados. É o caso do goleiro Rafael, que comentara como ele percebia o funcionamento da *Democracia*. Vejamos a conclusão que Rafael fazia do movimento: “[...] aqui três decidem e o resto tem que dizer amém [...]. Eu não sei onde está a democracia que tanto apregoam por aí. Para mim não passa de uma ditadura”. Além de Rafael, encontravam problemas na condução do movimento jogadores importantes do elenco como Biro-Biro, Alfinete, César e Leão.

No entanto, estes conflitos e contradições não invalidam a importância que a *Democracia Corinthiana* teve na disseminação de certo ideal democrático — antes pelo contrário. Podemos interpretar que os múltiplos conflitos são sinais claros que o ideal democrático não era propagado pela torcida ou pelos jogadores de maneira orgânica e/ou homogênea, mas é da interação entre parte da torcida e parte dos jogadores que ele começara a fortalecer. Essas divisões internas entre torcida e jogadores foram crescentemente superadas e o movimento acabou conquistando expressão.

O movimento pelas *Diretas Já* parece ser o maior ponto de convergência entre os jogadores participantes do movimento *Democracia Corinthiana* e os membros da torcida Gaviões da Fiel. Por um lado, Sócrates, representando os jogadores do movimento do Parque São Jorge, marcou o comício realizado no dia 16 de abril de 1984 no Vale do Anhangabaú com uma declaração bombástica em diálogo com o mestre de cerimônia das *Diretas Já!*

Sócrates — “Se a emenda Dante de Oliveira for aprovada na Câmara e no Senado, não vou embora do meu país”.

Osmar Santos — “O que acontece se ela passar, Doutor?”.

Sócrates — “Não vou embora do meu país”.

Por outro lado, participando e compartilhando do mesmo evento, Luis Carlos Caldarone, um dos diretores dos Gaviões da Fiel, assim justificava a presença da agremiação no comício: “Dentro do Corinthians resistimos a ditadores, como os ex-presidentes Waldih Helu e Vicente Mateus, e sempre lutamos pela democracia no clube defendendo o voto do sócio torcedor”. É possível, através de tais citações, perceber que a luta dos jogadores em muitos casos confundia-se com a dos torcedores.

Outra experiência que mostra a potência social que o mundo das arquibancadas paulistas experimentou foi a criação da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). Essa instituição fundada em 1976, reuniu as principais torcidas organizadas da cidade de São Paulo, Campinas e Interior para reivindicar melhores condições de acesso ao estádio, infraestrutura mais humana para os torcedores, melhor planejamento dos campeonatos regionais e nacional, preço acessível e justo dos ingressos, etc. O primeiro presidente da ATOESP foi o influente fundador n.º 1 da Gaviões da Fiel Flávio La Selva, que pretendia transformar as torcidas organizadas em múltiplos espaços culturais. Seria a ideia de alterar a condição de torcedores comuns para novos torcedores ativos artisticamente e politicamente? A pretensão de La Selva era uma espécie de voo de cidadania para os representados da ATOESP da sua gestão.

### 3 A ATOESP E AS PERSONAGENS DA GAVIÕES

Este capítulo abordará alguns aspectos da gestão de Flávio La Selva a frente da presidência da ATOESP <sup>26</sup> (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo), para demonstrar que essa entidade tinha uma participação ativa na fiscalização do futebol paulista, junto aos órgãos oficiais (FPF, Secretaria de Segurança Pública e PM) responsáveis pela fiscalização e organização do futebol e da segurança. Sob a estratégia de manter o bom relacionamento entre as instituições, a ATOESP dialogava com representantes dos órgãos oficiais na defesa do futebol, o que se mostrou um fator imprescindível para construir o esporte como o conhecemos hoje.

Um dos seus presidentes, Flávio La Selva, que será tratado aqui mais adiante, era um advogado conceituado, que o colocava em posição de articulador pela sua habilidade de interagir com essas autoridades e colocar a associação num lugar de destaque na organização do futebol. Portanto, a existência de uma associação que se encarrega da interlocução pela defesa do futebol e dos torcedores, com foco no diálogo entre as instituições é um marco da importância da organização do futebol pela defesa de todos os envolvidos, principalmente os torcedores.

Na tese de Canale (2020), O autor afirma que o nascimento da ATOESP está ligado a um contexto de surgimento de novos movimentos populares urbanos na cidade de São Paulo em outros centros urbanos, ocorrido em meados da década de 1970. o que é chamado de novos movimentos sociais está ligado à ideia da criação de grupos que tinha uma identidade em comum e interesses em comum, em um sentimento social que unisse as pessoas em torno de elementos contra a dinâmica social excludente da época. Distingue-se dos movimentos sociais na década de 1950 por que não carrega em si bandeiras políticas somente, mas trata-se de agrupamentos mais ligado à questão identitária (GOHN, 1997; PERRUSO, 2012).

Para Perruso (2012), movimentos sociais são agrupamentos que lutam pelo direito a uma vida melhor em uma ação pela ampliação do espaço político pela conquista de benefícios do desenvolvimento econômico. Ou seja, os setores populares em situação precária buscam melhores condições de vida. Na concepção

---

<sup>26</sup> Flávio La Selva foi escolhido para a presidência da ATOESP por dois mandatos consecutivos. O primeiro de 1972 a 1976 e o segundo de 1977 até meados do final de 1980. Ver Wanda La Selva (2020).

deste sociólogo, há diversas análises sobre a concepção de movimentos sociais, porém a síntese do termo pode ser entendida como a organização coletiva como resistência e luta contra condição de vida precária.

Para Maria Glória Gohn (2017), a luta social é o fator central que marca a ideia de movimentos sociais, sempre com foco na melhoria de vida e defesa dos interesses do coletivo. Para ela, há também uma solidariedade estimulada pela ideologia e valores comuns que fazem a identidade dos grupos entre os seus participantes, onde o compartilhamento de uma ideologia é essencial. Sendo assim, torcidas organizadas<sup>27</sup> também podem ser entendidas dentro do conceito porque passa a figurar como um coletivo na defesa de certos interesses compartilhamento de ideologia e pela solidariedade entre os torcedores. Os problemas sociais são percebidos e compartilhados, criando a ideia de semelhança entre os torcedores e aproximando também as lideranças dos grêmios.

### **3.1 Flávio La Selva, Fundador da Gaviões e presidente da ATOESP**

No dia 8 de maio de 1948, nasceu Flávio Tadeu Garcia La Selva, o Flávio La Selva, filho de descendentes de italianos. Fez sua formação básica em escolas públicas estaduais, estudioso, sempre tirou notas altas. Estudou francês, italiano e latim passando a lecionar em aulas particulares já na adolescência. Terminado o curso colegial, passa a lecionar no cursinho de preparação de admissão ao ginásio do bairro da Mooca Dona Paulina Nunciaroni.

Católico fervoroso, era próximo do clero que atuava na Mooca (mais especificamente na paróquia de São Rafael), tornando-se coroinha e auxiliava em festas religiosas e nos trabalhos de assistência social da Igreja com os membros da comunidade. Mas um acontecimento marcante na Igreja Católica que marcara a percepção social de Flávio, que ocorreu em:

25 de dezembro de 1961, onde foi convocado o *XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica*, pelo Papa João Paulo XXIII, que inaugurou em 11 de outubro

---

<sup>27</sup> A saber, as torcidas organizadas no estado de São Paulo surgem em 1969, com as primeiras sendo a Torcida Jovem da Ponte, em Campinas pela Ponte Preta, os Gaviões da Fiel, na cidade de São Paulo pelo Corinthians, a torcida jovem do Santos, também na cidade de São Paulo pelo Santos. Posteriormente, em 1970, a Torcida Uniformizada do Palmeiras, pelo Palmeiras em São Paulo, a Torcida Jovem do Guarani, em Campinas pelo Guarani. Em 1971, foi fundada a Corinthiana Camisa 12 e, no ano seguinte, a Torcida Tricolor Independente, pelo time do São Paulo, a Leões da Fabulosa pela Portuguesa, na cidade de São Paulo.

de 1962 e que doravante passou a ser conhecido como *Concílio Vaticano II*. “Uma contribuição maior do *Vaticano II* em relação aos ensinamentos precedentes da Igreja reside na sua vontade de compreender a situação das mulheres e dos homens no mundo contemporâneo”. Para tanto, o *Concílio Vaticano II* defendeu a premissa básica da dignidade humana em sua totalidade. De acordo com os ensinamentos do *Concílio Vaticano II*, os direitos humanos encarnam na dignidade inerente a todo o humano. (SELVA, 2020, p. 66).

De maneira geral, a Igreja Católica no Brasil seguiu à risca as premissas do *Concílio Vaticano II*, ou seja, num contexto ou ambiente de ditadura militar que perseguia, torturava e matava seus opositores, o clero paulistano tendo na cúpula clerical o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e grande parte dos seus presbíteros combatiam de maneira destemida os abusos e violações cometidos por agentes da violenta ditadura civil militar.

Passou então a Igreja Católica, no Brasil, a ser uma das maiores defensoras dos direitos humanos, posição esta que influenciou, motivou e inspirou seus fiéis. Nesse ambiente é que Flávio La Selva estava engajado, imbuído de grande sensibilidade social, de espírito de solidariedade, sua comunidade, na qual era líder do grupo de jovens da Paróquia São Rafael, era tradicionalmente defensora dos direitos humanos. Nesse sentido, ao ouvir a convocação da Igreja Católica, ficou motivado de maneira firme e resoluta para ações em prol da dignidade humana e ao combate à vergonhosa situação que o país vivia. Não podemos esquecer de mencionar que Flávio se destacou nas suas ações na sua comunidade e conheceu Dom Paulo Evaristo Arns, se tornando amigo próximo (LA SELVA, 2020).

Flávio La Selva passou em todos os processos seletivos para os melhores cursos de direito da cidade de São Paulo, PUC-SP, Mackenzie e USP (Largo São Francisco). Flávio escolheu cursar, em 1969, a Faculdade de Direito do Largo São Francisco da USP. Participava de um grupo interno com a nomenclatura de “verdadeiros amigos”, levava-se tão a sério que fazia atas de suas reuniões. Numa destas reuniões, Flávio La Selva, instado a apresentar a sua escalada de valores apresentou que considerava o plano espiritual como o mais importante na sua vida, em seguida vem a comunidade, a família e o Sport Club Corinthians Paulista (LA SELVA, 2020). É interessante observar essa escalada de valores, pois todas as pessoas da primeira geração da Gaviões apontam a qualidade humanista do fundador número um do Grêmio em questão. Como diz Julião:

Começamos pelo Flávio Tadeu Garcia La Selva, entre nós e o Pato. Uma pessoa imprescindível na fundação da Gaviões, um mentor intelectual desta fundação, da Constituição do Grêmio Gaviões da Fiel. Tanto que é o número um. Uma pessoa super do bem, uma pessoa sempre pelo social. Creio ter sido o maior político da Gaviões, mas a acima de tudo um grande protetor da entidade, sempre protegendo nos menores perigos existentes. Tanto que na questão política, como você sabe, nós surgimos na ditadura militar da revolução de 1964. E nós surgimos em 1968, temos como data de fundação 01 de julho de 1969 (2022).

Se pensarmos no contexto social e histórico que a Gaviões nasceu ou desenvolveu em 1969, ela entra no conceito do Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2008) defende sobre a transição das torcidas entre o processo de carnavalização para juvenização, isto é, um processo no qual charangas ou torcidas/bandas musicais patrocinadas pelos clubes são substituídas pelo poder jovens, em outras palavras, por torcidas compostas de jovens não atrelados as diretorias dos seus respectivos clubes que em geral cobram mudanças na administração do clube.

A juvenização é um termo excelente para compreender o processo formativo do grêmio Gaviões da Fiel torcida. A formação de um grupo de jovens liderados por Flávio La Selva que era aproximadamente 4 anos mais velho (nas palavras de Julião), circulava com faixas, cantarolando paródias contra o presidente do clube Wadih Helu. Esses jovens corinthianos fizeram oposição a uma gestão que estava há mais de uma década sem ganhar um título. Não teve 'tutela', mas um profundo espírito crítico de liberdade para conduzir uma transformação no clube. Não podemos para se preservar na presidência do Sport Clube Corinthians Paulista. Afirma Julião:

O Flávio foi o primeiro Presidente. E um cara sempre preocupado com o todo, muito diferente do que é a sociedade hoje. Na verdade, a Gaviões surgiu e se constituiu para ser uma bolha da sociedade, tendo como ideologia a irmandade, a igualdade e o respeito a tudo e a todos, Corinthians em primeiro lugar, obviamente. Então para ser mais sucinto eu creio que a definição do Flávio é essa. Tanto é que ele era envolvido na política do clube já, o Flávio, de nós era o mais velho. O Flávio era de 1947, ele era quatro anos mais velho que eu, cinco anos mais velho que o Joca, cinco anos também mais velho que o Cláudio. O André agora não lembra de diferença de idade. Esses cinco elementos, é como eu consigo chamar, de imprescindíveis. E o Flávio foi um deles, um imprescindível, um cara que eu vou tirar o meu chapéu a vida inteira. Obviamente que hoje com todo lastro na mão, alguns erros, alguns equívocos foram cometidos, mas isso não apaga em nada o grande gestor que ele foi. Dentro do clube ele era a nosso porta voz, era ligado ao Mário Campos, ao Wilton Magalhães quer eram pessoas fortes dentro do clube na época (2022).

Flavio fora o mentor da Gaviões da Fiel e é possível dizer que o grêmio está em consonância com o conceito de juvenização criado por Bernardo Buarque de Hollanda

(2008), pois jovens corinthianos passaram a frequentar o parque São Jorge e o Pacaembu para protestar contra a administração do presidente (em 1969) Wadih Helu, com exposição de faixas, cantorias (parodiando).

A primeira diretoria da **Gaviões da Fiel** foi eleita informalmente em 22 de junho de 1969 e era composta de Flávio Lá Selva, como presidente; Alcides Jorge de Souza Piva, o Joca, como vice-presidente; Raul Antônio Correia da Silva, como tesoureiro; e Élcio Avancini, como secretário, dentre outros nomes históricos. A sua composição refletia rigorosamente a situação de fato da liderança do grupo de torcedores que vinha se sedimentando desde 1965. “O movimento nasceu em 1965. Havia um grupo de Corinthians na Capital. O grupo cresceu, mas ainda não se pensava na organização (FOLHA DE SÃO PAULO, 1970, n. p., grifo nosso).

Após a consolidação do Grêmio Gaviões da Fiel, Flávio se forma em direito (ele também se formara em letras pela Universidade São Marco e teologia pela faculdade Assunção) e possui uma vida extremamente atribulada. Mantinha um escritório de advocacia, participava dos trabalhos pastorais da Zona Leste da capital, tinha a pretensão de transformar o Grêmio Gaviões da Fiel, numa entidade cultural. Pretendia promover debates, cursos, criar um grupo de teatro e um cineclube. Achava que só futebol e samba não correspondiam às expectativas de todos os Gaviões. Ele tinha a certeza de que diversificando as atividades do Grêmio, muitos outros elementos se incorporariam a ele. (CÉSAR, 1981 *apud* HOLANDA; CANALE, 2021, p. 14).

Quando fora presidente (primeiro) da ATOESP tinha como sonho transformar todas as torcidas afiliadas em suporte cultural para seus associados, como já dissemos, Flavio estava a 20 a frente de seu tempo ou a 100? Como presidente da ATOESP agiu com diplomacia entre as coirmãs, diminuindo o número de conflitos entre as torcidas e esquematizou possibilidades de acolhimento das torcidas visitantes. Chegou a fazer reuniões com o secretário de segurança do Estado de São Paulo Erasmo Dias para colocar em pauta as reivindicações da ATOESP, para o melhor funcionamento dos estádios e como os órgãos públicos podem oferecer um serviço de melhor qualidade, principalmente com a PM paulista. Sem falar da organização de greves contra o preço dos ingressos dos estádios.

Mesmo no período de abertura política, o final da ditadura civil militar fora marcado também por prisões arbitrárias. Flávio, segundo relatos de sua irmã Wanda La Selva no livro *Escudeiro de São Jorge Flavio La Selva e a Gaviões da Fiel*, era acordado constantemente por ligações de mães e pais de conhecidos que desesperados ligavam para o amigo/advogado para interceder por seus filhos.

Segundo Wanda La Selva (2020), Flavio levantava e atendia a todos segundo a sua possibilidade humana.

Em conversar com o Julião, ex-presidente da Gaviões, primeira geração da torcida e amigo de Flávio, O primeiro presidente da torcida assumia muitos cargos ao longo da vida com primazia, excelência e destaque, ou seja, vice-presidente da União das Escolas de Sampa Paulistana, vice-presidente Jurídico da Federação das Escolas de Samba do Estado de São Paulo, integrante das escolas de samba Vai-Vai e Vila Dalila. Outro campo que Flavio atuava e se destaca era no esporte, sendo dirigente Federação Paulista de Futebol de Salão, assim como diretor do Sport Club Corinthians Paulista e presidente da já mencionada ATOESP. Em 1988, Vicente Matheus o convidou para a vice-presidência do Corinthians, cargo que ele não aceitou por já estar doente.

Como já mencionamos, La Selva era dotado de espírito humanista, fundou o Grupo de Defesa da Cidade, ao lado de Humberto Mesquita e Sérgio Camarano. Foi sócio benemérito do Hospital Humberto Primeiro e integrante da Casa de Saúde Ermelindo Matarazzo, que ajudou a recuperar de dificuldades financeiras. Em sua homenagem, foi batizada a Escola de Ensino Fundamental II e Médio Prof. Flávio La Selva, no Jardim Ângela, zona Sul de São Paulo.

Segundo Francisco Malfitani, comentando sobre a personalidade de Flavio nos primórdios da Gaviões, em 1969: “O Flávio tinha uma cabeça de político, de esquerda” (Wanda, 2020, p.109). Não estamos endossando o que Malfitani afirmou, mas Flávio era humanista e progressista participando ativamente no movimento Diretas Já e na luta pela anistia aos perseguidos pela nefasta ditadura civil militar. Numa época em que futebol era considerado “coisa para alienados” pela esquerda e acadêmicos, levou faixas de cunho político aos estádios paulistanos, como forma de conscientizar as massas. Preocupou-se também com a melhoria da saúde pública paulistana e liderou vários movimentos em defesa dos menos favorecidos socialmente. Em sua homenagem, foram batizadas além da escola já destacada; uma praça, no Tatuapé, Zona Leste; e a quadra da Gaviões da Fiel.

Flávio La Selva morreu em 21 de março de 1988, de câncer, aos 38 anos. No mesmo ano, a diretoria do Grêmio batizou a sede da torcida, já no Bom Retiro, com seu nome.

### 3.2 As atividades na ATOESP

Neste sentido, o fim da ATOESP <sup>28</sup> (em 1988) enfraqueceu a representação das torcidas organizadas em relação aos órgãos públicos responsáveis pela organização do futebol nas mais variáveis instâncias. Ao eliminar sua representatividade, somada com a tragédia que ocorreu na Copa Juniores de 1995 no jogo entre São Paulo e Palmeiras, que resultou em mais de 100 feridos e um torcedor morto que resultou no banimento da torcida independente do São Paulo e a torcida Mancha Verde do Palmeiras.

O estádio do Canindé (zona norte paulistana) foi interditado ontem, horas antes do jogo Portuguesa x Santos, marcado para as 20h30, pelo Grupo B do Campeonato Brasileiro. A decisão foi tomada três dias após a batalha entre as torcidas de Palmeiras e São Paulo, no estádio do Pacaembu, após a decisão da Supercopa SP de Juniores. A pancadaria deixou 102 feridos - 22 PMs e 80 torcedores, um dos quais estava até ontem à noite em estado de coma profundo. Sem estádio, Portuguesa e Santos decidiram suspender o jogo. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1995, n. p.).

O Ministério Público, representado pelo promotor Capez <sup>29</sup>, impôs uma variedade de regras novas para, segundo o discurso oficial, a segurança deveria imperar nos estádios e para isto foram sancionadas leis proibitivas que restringiram bandeiras, adereços e fogos de artifícios. As torcidas organizadas foram estigmatizadas como o único elemento da brutalidade do futebol ou fator preponderante da violência urbana brasileira no que parecia que a sociedade brasileira vivia em um contexto de Escandinávia social.

A taxa de homicídios no Estado de São Paulo segundo o IPEA<sup>30</sup> em 1995 (mesmo ano do conflito entre a torcida do São Paulo vs. Palmeiras pela Copa São Paulo Juniores) foi de 34,29 por 100 mil habitantes. O mundo futebolístico não é uma ponta fora da curva, mas uma interface a mais da cultura brasileira. O Estado, representado pela Polícia Militar, não é também a própria representação da violência nos Estádios? Em pesquisa realizada pela Folha de São Paulo (1975), onde consta

<sup>28</sup> A ATOESP finalizou suas atividades no início da década de 1990.

<sup>29</sup> O mesmo promotor referido solicitaria a extinção da Gaviões em 1997. “A decisão foi tomada após um mês de investigações sobre a emboscada que o time corintiano sofreu em 15 de outubro, na rodovia dos Imigrantes, em São Paulo. O ônibus dos jogadores foi interceptado e depredado por torcedores, que pertenceriam à Gaviões. (...) Para Capez, o processo sepulta de vez a tentativa de volta das torcidas organizadas, que estão banidas em São Paulo desde 1995 por um ato administrativo da Federação Paulista de Futebol. Capez já havia conseguido a dissolução da Mancha Verde, do Palmeiras, e tentado o mesmo com a Independente, do São Paulo. (Folha de São Paulo, “Promotor pede a extinção da Gaviões”, 18 de novembro de 1997).

<sup>30</sup> [ipea.gov.br/atlasviolencia](http://ipea.gov.br/atlasviolencia).

que mais de 60% dos torcedores paulistas entendem que a PM é violenta. Em enquete exclusiva junto aos frequentadores de estádios em meados dos anos 1970, os entrevistados classificaram o policiamento da seguinte forma: “bom 21,66 %; regular 17,43%; e violento 60,91%. Tal realidade não mudou ao longo do tempo.

Figura 4 — A torcida reclama; a polícia explica, 1975

**A torcida reclama; a polícia explica**

... O capitão Arivaldo Bonjorno vai contar um caso verídico. Não vai citar nomes, apenas contar a história. O capitão Laranjeira pede para ele falar logo que o personagem central é Armando Marques. Bonjorno ri, não confirma e começa a contar uma das muitas aventuras dos homens do 29.º Batalhão da Polícia Militar, a unidade responsável pelo policiamento nas praças de esportes da cidade de São Paulo.

... "O jogo estava duro, o estádio cheio. E nada de gol. O primeiro tempo estava para terminar, menos de um minuto de jogo e há uma falta perto de uma das áreas. O juiz apita, a defesa corre em cima dele: empurrões, confusão. Ele podia terminar o tempo ali mas continua, gesticula, se agita. A torcida começa a ficar impaciente, nervosa. Conta os passos, manda fazer a barreira que avança e ele dá um cartão amarelo. Mais confusão, um atacante interfere e também recebe cartão amarelo e passam-se dois minutos até que ele apita e o cobrador dá a falta corre para chutar a bola. Só que antes de primeiro tempo. Resultado: estouraram 15 brigas entre os torcedores, uma delas com tamanha violência que até a chefado policiamento teve que intervir."

... O homem que cuida da segurança da torcida paulista é o major Luís Carlos de Pontes Fabri, subcomandante do 29.º Batalhão (o comandante, major Hermogenes, torcedor do São Paulo, encarcerra-se das outras atividades da companhia). Ao sair de férias, o major Fabri deixou em seu lugar o capitão Amadeu Laranjeira, 48 anos de idade e 27 anos na PM, bacharel em direito e ciências sociais, diploma de diversos cursos e especializado em policiamento preventivo.

... "A função do policial é retirar do meio dos bons os maus. Ele pega aqui e leva embora. Às vezes, os maus não permitimos. Se um detido passar entre vários policiais pode ser que um faça algo errado, isso pode acontecer. Não procedem as perguntas sobre este tipo de violência, nós não permitimos gestos assim. O detido já está punido, vai ser apresentado ao oficial de serviço que decide seu caso. Agressão, espancamento, fogo do que eu digo sempre aos policiais sobre respeito ao cidadão."

A batucada durante os jogos de futebol está proibida. As torcidas reclamam, procuram uma explicação e não recebem informações. As ordens dos policiais são de impedir o batucado na hora dos jogos, embora exista um estudo para a liberação.

"Existe uma lei municipal que permite proibir. O que ocorreu é que um juiz apitava e os jogadores não escutavam. Usa-se apito para marcar o ritmo e o som é igual ao apito do juiz. Os jogadores se confundem, a torcida também. escuta o juiz e pode não entender a marcação de um lance. Quem está lá no campo quer ver e ouvir tudo. A batucada atrapalha a audição e por isso nós tomamos a medida de impedir, apenas durante o jogo. A gente, às vezes, tem que tomar certas medidas, por segurança, que acabam parecendo arbitrárias. O major Hermogenes quer liberar a batucada e isso pode acontecer logo."

Mestros para as bandeiras. Este é um problema difícil. Para o torcedor, que precisa de poder agitar e mostrar sua bandeira, para o policiamento, a prevenção de impedir que o mastre se transforme numa arma, durante um conflito. Em certos estádios não se permite bambú, em outros não se permite plástico (PVC). Não existe uma norma definida a respeito e as torcidas muitas vezes se revoltam com a proibição de entrar nos campos com os mestros das bandeiras.

"Nós cuidamos apenas da capital e aqui tomamos a providência de não permitir mestros em alguns jogos, antes cobramos pedras da paulista para tratar com o público. Os fatos de violência são fatos isolados e que merecem rigorosa punição de nossa parte."

Em qualquer eventualidade mantenha a calma e dirija-se ao policial mais próximo. Esta frase está em um folheto que é distribuído nos estádios pelo policiamento. Se algum torcedor tiver uma reclamação a fazer, o telefone do 29.º Batalhão é 252-2122 e o endereço Martin Buchard 585, Brás. Numa pesquisa feita pela Folha de S. Paulo, a questão do policiamento nos estádios é teve as seguintes respostas: bom, 21,66 por cento; regular, 17,43 por cento e violento 60,91 por cento. Uma surpresa para o comando.

"Faz anos que não temos reclamações de exageros policiais. Qualquer cidadão pode vir ao Batalhão reclamar que será atendido com o devido respeito. Se bem que nos jogos as detenções efetuadas são sempre por motivos justos. Depois, há a triagem. Os casos que exigem ação policial são encaminhados para a delegacia do bairro e os casos que não se constituem crime são dispensados ao final do jogo."

A média de casos varia de jogo para jogo. São Paulo e Palmeiras, dia 20 passado, com um público de 54.307 pessoas teve 33 detenções (6 cambistas, 21 guardadores de carro, 4 por desordem 1 por soltar jogos e 1 menor), exatamente um problema a cada 16.456 torcedores. Na véspera, no jogo Corinthians e Marília, com 20.407 pessoas, teve 4 detenções, uma para cada grupo de 5.101 torcedores.

O 1.º tenente Ozias Rodrigues de Souza parece cansado. Tira o capacete, olha para a pequena sala onde quatro pessoas estão detidas, procura uma posição melhor no banco de madeira da sala do policiamento do estádio do Pacaembu. Seu trabalho do dia está terminando e ele espera pacientemente que Portuguesa e Juventus encerrem o espetáculo que mostram para as 338 pessoas que assistem

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO, 1975, n. p.

Segundo Cosme da Torcida Jovem do Santos, “Flávio contribuiu muito defendendo as torcidas contra as arbitrariedades da polícia. Ele apaziguava a todos e tinha critérios jurídicos para fazer o enfrentamento verbal com a polícia (*apud* LA SELVA; GOYOS JR., 2020, 151). Ademais, continuou Cosme:

Graças à ATOESP, conseguimos reduzir os custos dos ingressos, lutávamos contra a violência, reivindicávamos direitos aos torcedores e fiscalizávamos a atuação dos dirigentes dos clubes. Enfim, cuidávamos para que os jogos pudessem ter um clima ameno, criando vida para o futebol de São Paulo. (*apud* LA SELVA; GOYOS JR., 2020, p. 151).

A partir da fala do vice-presidente da ATOESP, temos um panorama da ativa participação da organização no funcionamento do futebol profissional paulista. A articulação da ATOESP se colocou contra o calendário paulista e o preço dos ingressos nos Estádios. Ocorreu até uma proposta de greve para questionar os preços abusivos dos preços dos ingressos e do desorganizado calendário da Federação Paulista de Futebol. Entendemos que a ATOESP está inserida no contexto historiográfico dos *novos movimentos sociais* encabeçado por Sader.

No ano de 1977, a ATOESP, através de seu representante Flávio Lá Selva, reclamava da demora e da falta de explicações sobre as coberturas proporcionadas pelo recém-criado “seguro”, contratado pela Federação Paulista de Futebol — FPF. O seguro fora resultado de alguns incidentes entre torcedores, ou melhor, de um membro da Gaviões da Fiel que fora esfaqueado por torcedores santistas nos arredores do estádio do Morumbi. O Gavião não foi socorrido por ambulância por conta que a prefeitura de São Paulo se negara a disponibilizar uma viatura oficial para eventos particulares do estádio do Morumbi<sup>31</sup>. O torcedor foi encaminhado por um veículo do clube do São Paulo. Para ter a cobertura do seguro contratado pela Federação Paulista de Futebol, era necessário garantir em mãos o comprovante do ingresso do jogo para ter acesso ao atendimento médico, ambulância etc.

Deixando os questionamentos sobre o seguro destinados aos torcedores ou os pormenores de como fora utilizado, é possível perceber a ação ativa e fiscalizadora da ATOESP na gestão da FPF e na cobrança pelos direitos dos torcedores que frequentavam os estádios paulistas. Assim como valores de ingressos compatíveis com o salário dos trabalhadores, segurança e bem-estar eram lutas travadas pela administração de Flávio La Selva na frente da ATOESP. É importante frisar que como jurista, Flávio sabia transitar entre as repartições públicas ligadas a gerencia do futebol, destacando a Polícia Militar.

As torcidas organizadas, por sua vez, vieram a público através da ATOESP para repetir algumas das demandas apresentadas anteriormente. A nota, reportada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, acentua o caráter mercenário da Federação, tal como estereotipado pelos líderes da associação de torcidas:

Há dois anos estamos fazendo sugestões e tomando providências para melhorar o nível do nosso futebol. Mas os homens da FPF só estão interessados em dinheiro, querem apenas grandes arrecadações, sem se importar com a segurança e conforto dos que proporcionam estas rendas (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1977, p. 23).

No entendimento de Flávio La Selva, a FPF não se importava em vender mais ingressos do que a capacidade, promovia clássicos em estádios obsoletos e não fornecia nenhum lazer ao torcedor que gerasse atrativo antes da partida. A ATOESP

---

<sup>31</sup> Frente ao acontecimento dramático, a diretoria do São Paulo Futebol Clube, depois de esperar a iniciativa e a resolução da Prefeitura, achou por bem arcar com o aluguel de duas ambulâncias e contratar quatro médicos para atender os torcedores nas dependências do estádio. A Federação Paulista de Futebol, três dias após o incidente, divulgava a criação de um seguro de vida para acidentados, que estaria incluso no ingresso.

se expressou timidamente em um episódio envolvendo um torcedor de seu ramo. Foi levantada a possibilidade de uma greve, que, segundo Cosme Freitas Cidi, pode não ser rentável, pois a associação ainda estava em fase de formalização (CANALE, 2020, p. 28).

Não formalizada, a ATOESP não teria forças o suficiente para convencer as agremiações. Sem embargo, para Flávio La Selva, que prestava solidariedade à torcida santista, os problemas que levaram aos abusos do policiamento no Canindé eram os mesmos alertados pelas torcidas organizadas e pela Associação ao longo de vários anos. Havia a necessidade de um corpo policial especializado para lidar com o público. Em depoimento ao jornal Folha de S. Paulo, Flávio clama pela união: “Todas as torcidas têm que se unir para que os policiais não criem novos problemas. Eles até parecem sádicos que gostam de bater nos torcedores. Acho que em um jogo sem policiais, não iria acontecer nada”. (HOLLANDA; CANALE, 2021).

Segundo Canale (2020, p. 198), o secretário de segurança do estado, Erasmo Dias, fez um convite aos representantes das principais torcidas de São Paulo, pois para o Secretário o futebol tinha a importante função de “redimir os torcedores das frustrações do dia a dia”, do desentendimento com a esposa e problemas do trabalho. Na mesma reunião, o presidente da ATOESP chamava a atenção para um dos principais problemas que era a conduta da FPF, que estaria interessada apenas nas grandes arrecadações. Flávio denunciava que nos grandes jogos a capacidade dos estádios era ignorada, grandes tumultos eram resultado da falta de espaço. Quando as arquibancadas ficavam lotadas, era comum que os torcedores invadissem as cadeiras numeradas ou permanecerem nos corredores, bebendo, arraigando briga e bloqueando saídas<sup>32</sup>.

Neste contexto, a ATOESP apresentou uma proposta clara para as autoridades futebolísticas em relação a fiscalização contra a venda de bebidas alcoólicas, adoção de recipientes de plásticos para que as garrafas não fossem arremessadas nos adversários, espetáculos ou atividades culturais antes do início das partidas para entreter o torcedor, policiamento profissional com ação preventiva e não punitiva (tão

---

<sup>32</sup> Apesar de termos restrições contra ao processo de arenização dos Estádios para se transformarem no padrão FIFA 2014, por conta da sua arquitetura elitista que exclui a classe trabalhadora dos jogos dos clubes ditos grandes, pois ocasionou uma mistura de exclusão da geral (espaço popular com ingressos acessíveis) e a diminuição da quantidade de participantes dos Estádios. Ver o caso do Maracanã.

característica da PM paulista), atuação mais coordenada da saída dos torcedores no estádio. “O secretário de segurança pública afirmava que pretendia colocar em prática tais medidas, que seriam facilmente aplicáveis”. (CANALE, 2020, p. 198)

É interessante percebermos que historicamente no período da abertura política, na ditadura civil militar, na segunda parte da década de 1970, o secretário de segurança Coronel Erasmo Dias e a Federação Paulista de Futebol estabeleciam um amplo diálogo com a ATOESP nos mais diversos assuntos que tangenciam o futebol paulista. Por outro lado, em plena democracia, em 1995, após o fatídico jogo dos juniores do Palmeiras e São Paulo, as regras recrudesceram para as torcidas organizadas.

Jornalistas fizeram coro com promotores de justiça e sentenciam, sem base jurídica e teórica, que acabar com todos os grêmios era a solução para higienizar o futebol e a sociedade dos indesejáveis, violentos, bandidos ou vagabundos organizados torcedores. O discurso dito oficial venceu. Bandeiras e adereços foram proibidos, as principais torcidas de São Paulo foram perseguidas ou banidas. Sem a ATOESP (extinta em 1988), as torcidas organizadas de São Paulo pouco fizeram para barrar a enxurrada de ações proibitivas, a partir de 1995, repressivas e asfixia econômica, como o encarecimento do preço do ingresso.

As constantes e prolongadas relações entre os líderes das torcidas organizadas de São Paulo, Flávio La Selva, fundador da Gaviões da Fiel; Cosme Damião Freitas Cid, fundador da Torcida Jovem do Santos e Hélio Silva, ‘cabeça’ da Torcida Uniformizada do São Paulo (fundada em 1940 e possivelmente a primeira organizada do país), trouxeram a ideia de potencialidade de atuação conjunta de atuarem no cenário móvel do futebol marcados por uma estrutura arcaica que beneficiava uma elite em contraposição ao bem estar torcedor comum e organizado.

Era na convivência periódica entre os líderes que cada um compartilhava os problemas que enfrentavam no momento de lazer (que era na hora de frequentar o imponente estádio do Morumbi ou o clássico Pacaembu). Surge a necessidade de tratar as dificuldades coletivamente. A resposta para o problema é construir uma associação de torcida organizada. Neste sentido:

A formalização da associação tencionou, assim, atender a um duplo designo, qual seja, de um lado ser uma instituição defensora de uma lógica torcedora supra - torcidas, junto aos demais entes e autoridades constitutivos do futebol; e, de outro lado, ser um espaço de debates e deliberações internos

às torcidas organizadas, espaço propício para que as rivalidades e as brigas não assumissem ares violentos. (CANALE, 2020. p. 181).

Podemos apontar vários motivos para o surgimento da ATEOSP, mas

O período entre os anos de 1976 e 1983 compreendeu a criação e a atuação de diversas entidades representativas dos agentes do esporte do futebol paulista. A institucionalização da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP) e as tratativas para a criação da Associação dos Cambistas de Espetáculos Desportivos e Artísticos do Estado de São Paulo foram exemplos da busca por representação envolvendo agentes pouco influentes nas instâncias de comando do esporte. (CANALE, 2020. p. 181).

Um fator interessante que Canale aponta é que nos primórdios da ATOESP, o número de torcidas organizadas que surgem no estado de São Paulo é abissal. Mas será em Campinas que surgiram as primeiras agregadas da ATOESP (Torcida Jovem da Ponte Preta e Torcida Jovem do Guarani, depois rebatizada como Guerreiros da Tribo).

Mas é o fundador da Gaviões da Fiel e bacharel em direito pela Faculdade de São Francisco (USP), que participara de protestos políticos nos efervescentes anos de 1968 contra o regime militar, um dos maiores responsáveis da formação da Associação, pois em meados dos anos 1970, ele projetara um projeto político-pedagógico mais amplo para as torcidas organizadas. Muitas dessas concepções eram atribuídas à sua participação em outros projetos sociais, como a militância estudantil, a atuação nas Pastorais da Zona Leste paulistana (junto com seu amigo cardeal Dom Paulo Evaristo Arns) e o seu trabalho como advogado que também atuava com pessoas sem poder aquisitivo e perseguidos políticos.

Os planos para as torcidas organizadas, segundo o fundador da Gaviões da Fiel e primeiro presidente da ATOESP, ia muito além de apenas agregar torcedores de um mesmo clube e num mesmo espaço. Ou seja, era agregar um espaço diversificado de formação humana, de cultura e lazer, jovens que tinham acesso restrito aos meios básicos de cultura que não fosse de massa. De acordo com o pesquisador Benedito Tadeu César:

Naquela época, Flávio, que além de manter todas essas atividades e mais um escritório de advocacia e que participava dos trabalhos pastorais da Zona Leste da capital, tinha a pretensão de transformar o Grêmio Gaviões da Fiel, numa entidade cultural. Pretendia promover debates, cursos, criar um grupo de teatro e um cineclube. Achava que só futebol e samba não correspondia às expectativas de todos os Gaviões. Ele tinha a certeza de que diversificando as atividades do Grêmio, muitos outros elementos se

incorporariam a ele. (CÉSAR, 1981 *apud* HOLANDA; CANALE, 2021, p. 99-100).

Assim, o ambiente das torcidas organizadas poderia ser entendido para além de somente a atividade de fidelidade aos times, as classes populares passam a exercer outras interações nesses espaços, criando uma noção comunitária associativa e recreativas para estes coletivos. Essa aproximação proposta pelo Flávio La Selva foi apoiada por outras lideranças de torcidas organizadas como, por exemplo, Cosme Freitas, fundador da torcida jovem do Santos, e Hélio Silva, líder da Torcida Uniformizada do São Paulo.

Nas décadas de 1970 e 1980, a entidade tinha na liderança representantes das torcidas organizadas do Corinthians, Santos e São Paulo, que se revezavam nos cargos mais importantes da ATOESP. Citados acima, Flávio, Cosme e Hélio, exerceram funções importantes e tiveram um papel muito importante alinhando seus discursos e sua forma de pensar o futebol paulista na relação com a mídia, principalmente. Nessa primeira fase da associação, trabalharam de forma coesa na defesa dos interesses do torcedor, atacando a precariedade do futebol brasileiro, tentando criar pontes entre as torcidas dos diferentes times, para minimizar a violência e agressividade que já existia e que a imprensa retratava de forma muito hostil. (HOLLANDA; CANALE, 2021)

Vimos aqui uma proposta política/pedagógica/cultural para jovens que torcem para os mais variados clubes, isto é, de início Flávio propôs para a Gaviões da Fiel, e depois transpõe para a ATEOSP, um projeto de recreação/formação e acesso à cultura que extrapola a esfera do futebol e do samba. É difícil pensarmos em cineclubes e teatros em cada sede de cada agremiação da ATOESP. Na sua primeira fase de existência, o trio fundador tinha muito mais que um projeto de associação, mas um projeto para parte da juventude desassistida de São Paulo<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> É interessante inserir neste contexto a minha experiência como membro da Gaviões que entrou no grêmio aos 14 anos e construí parte da minha identidade na torcida. A minha formação se deu também na quadra da Gaviões quando frequentava nos finais de semana. Lá compartilhava os desafios do dia-a-dia como office-boy da capital paulistana. Foi também na quadra que eu conquistara meu apelido, reconhecimento e afetos. As atividades lúdicas eram bilhar, pebolim, ensaios de carnaval, (sem falar do futebol de salão). Agora inserindo o projeto de La Selva (se fosse implementada seria por volta de 1976) em introduzir um cineclubes e uma escola de teatro, imagino que a minha adolescência seria muito mais ativa, produtiva e rica.

Os representantes das torcidas entenderam que houve um excesso de partidas com pouca relevância em termos de pontuação nos campeonatos, causando uma certa pressão nos torcedores e os colocando em conflito com os times, como já relatado na segunda seção desta dissertação. Isso levou há uma reflexão sobre os rumos que o futebol tomava, porque se sentiam insatisfeitos com o formato dos campeonatos. Chegaram à conclusão de que as bilheterias estavam sendo um meio de exploração pelas federações e pelos clubes para gerar mais renda. Os jogos que não eram importantes estavam então sendo usados para somente obter lucro pela venda de ingressos os torcedores sem muita qualidade e competitividade nos jogos, na década de 1970.

Isso causou entre os torcedores organizados uma mobilização para atacar e pressionar os dirigentes por melhores condições e melhor acesso aos espetáculos. O conflito colocou a prova o amor das torcidas pelos times, este mal-estar gerou uma reivindicação única. Mesmo com toda a devoção das torcidas, a baixa qualidade técnica desagradava seus principais espectadores. A partir daí as torcidas passam a ter uma consciência para lutar e se contrapor a essa situação. As reivindicações eram várias: os excessos cometidos pelo policiamento; a péssima estrutura de conservação dos estádios paulistas; o serviço caro e ruim prestado pelos ônibus da CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos); o alto valor dos ingressos, associado ao crescimento da inflação no país; o descrédito do futebol perante a opinião pública; e a política crescente de proibições com relação ao que podia ou não entrar nos estádios (CANALE, 2020).

O período entre os anos de 1976 e 1983 compreendeu a criação e a atuação de diversas entidades representativas dos agentes do esporte do futebol paulista. A institucionalização da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP) e as tratativas para a criação da Associação dos Cambistas de Espetáculos Desportivos e Artísticos do Estado de São Paulo foram exemplos da busca por representação envolvendo agentes pouco influentes nas instâncias de comando do esporte". (CANALE, 2020, p. 181).

A ATOESP foi criada no contexto histórico e político do governo do general Ernesto Geisel (1974–1979) em 1976. Os castelistas (militares que desejavam transferir o poder para os civis de maneira, lenta, segura, ordeira e progressiva) voltam ao poder e travam uma disputa interna com a linha dura (militares que temiam o retorno ao governo dos quadros políticos civis pré-Golpe Militar de 1964 e que

defendiam, assim, a prorrogação do regime militar, enquanto a função "salvadora" da "revolução" não tivesse sido completamente realizada).

Aconteceu um grande conflito entre os governos de Geisel/Figueiredo (1979–1985), ambos castelistas, e seus opositores radicais linha dura. As intenções de Geisel e Figueiredo eram afrouxar o autoritarismo institucional promovendo a suspensão da censura prévia à imprensa e a cassação de parlamentares, além disso, o fim dos atos institucionais e a tentativa do controle dos órgãos de repressão ligados ao Exército — Centro de Operação e Defesa Interna (DOI-CODI) que vitimara o jornalista Wladimir Herzog em 1975 e do operário Manuel Fiel Filho. Os dois supostos "suicídios" ocasionaram na queda do general Ednardo D'Ávila Mello <sup>34</sup>.

A morte de Herzog fora, provavelmente, tema de conversa dos fundadores da futura ATOESP <sup>35</sup> nos bares da região central da capital paulistana. É bem provável que Flávio tenha participado no dia 31 de outubro de 1975 do culto ecumênico na Catedral da Sé, que reunira o rabino Henry Sobel, o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e o pastor presbiteriano Jaime Wright, em memória da morte sob tortura do jornalista diante de aproximadamente 10.000 pessoas. Flávio era ativista da pastoral católica e atuava na Zona Leste e muito próximo do Cardeal de São Paulo. É sempre importante registrar que o relato oficial de suicídio pela versão oficial, nunca fora aceito pela população e muito menos pela comunidade judaica, ou seja, a comunidade judaica, à qual Herzog pertencia, em vez de sepultá-lo na área periférica destinada aos suicidas no cemitério, enterrou-o num túmulo normal, seguindo todos os rituais.

Outro possível tema entre os fundadores da ATOESP em 1976 (ano da fundação da associação) era a dificuldade de o governo Geisel controlar ou neutralizar ao mesmo tempo as instituições da ala da linha dura e conter a onda oposicionista que ganhara terreno nas eleições de 1974 e não fora bem digerida pelo Planalto. Nas eleições municipais de 1976, para não ocorrer o mesmo êxito do MDB nas disputas de 1974

O presidente resolveu não dar nova chance nas eleições municipais de 1976. Restringiu a propaganda política na TV, com a famosa "Lei Falcão" —que autorizava somente a foto, o nome e o número do candidato —, prejudicando diretamente os candidatos do MDB. (GUTERMAN, 2013).

---

<sup>34</sup> Segundo o comandante da 2ª região do Exército brasileiro, Ednardo, em entrevista disponível em <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/ednardo-davila-mello/>.

<sup>35</sup> Pois a morte de Wladimir Herzog ocorrera um ano antes da fundação da ATOESP.

Para piorar a situação do governo, a Lei Falcão não surtiu o efeito esperado e a oposição ganhou espaço considerável no legislativo municipal das principais cidades brasileiras. Neste sentido, a oposição venceu a maioria na Câmaras de 59 das cem maiores cidades do país<sup>36</sup>. Por outro lado, avançou o surgimento do terrorismo de grupos de direitas ligados à linha dura militar. Segundo Guterman (2013, p. 193): “Os alvos dos atentados eram grupos de vanguarda da luta democrática, como a Igreja Católica e a Ordem dos Advogados do Brasil”.

Neste contexto histórico, o presidente tinha que controlar as atividades terroristas da direita militar ou linha dura, e, ao mesmo tempo, controlar o avanço da oposição. Assim, no ano de 1977, o governo baixou o chamado “Pacote de Abril”, isto é, uma série de medidas para dificultar a inserção dos candidatos do MDB no legislativo das eleições de 1978. Criou-se a figura do senador biônico (eleito indiretamente, ou melhor, 1/3 dos senadores seriam indicados pelo Presidente da República e eleitos pelo voto indireto) para não ocorrer a derrota catastrófica do governo em 1974 nas eleições da câmara dos senadores.

Além disso, esclarece Guterman (2013, p. 193), “bastava maioria simples para aprovar emendas constitucionais, restabelecendo o poder legislativo da enfraquecida Arena. Por outro lado, a proporcionalidade de votos foi alterada de modo a dar mais peso para o eleitor do Nordeste, menos permeável à mensagem oposicionista. Por fim, o mandato do presidente da República foi estendido seis anos e todos os governadores de estados seriam escolhidos de modo indireto em 1978”. Tudo isso com o congresso fechado por 14 dias por Geisel, em 1.º de abril, com base no temível AI-5.

Assim, temos um governo que age paradoxalmente, projeta uma transferência para o regime democrático de modo gradual, seguro e lento. Disposto a abertura, utilizando, quando necessário, instrumentos autoritários ou rédeas para realizá-lo. Na segunda parte da década de 1970, gradativamente, o Planalto abriu diálogo com várias entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e Associação Brasileira de Imprensa. O motivo era estabelecer um

---

<sup>36</sup> Nas eleições de 1974 o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) havia conquistado 16 das 22 cadeiras para o senado.

diálogo com setores moderados da sociedade civil para fazer a transição segura, sem risco de ruptura institucional.

No entanto, os personagens que mais agiam para conturbar a transição lenta, segura e gradual, vinha das casernas, dos setores da direita do Exército Brasileiro que desprezavam qualquer tipo de transição democrática para outros setores da sociedade civil que não fossem os seus aliados <sup>37</sup>.

Para a escolha do presidente sucessor de Geisel, a ala da linha dura, propunha o candidato General Sylvio Frota que defendia a possibilidade de um levante comunista e via a infiltração vermelha no governo Geisel, “acusado por ele de “complacência criminosa” com a subversão” (194). Frota representava o que era de mais atrasado entre os militares, ou seja, propunha o fim do processo de transição política para os civis, do diálogo com os setores moderados da sociedade civil, perseguição violenta contra os progressistas, em outras palavras, somente haveria uma saída: o fechamento do regime de modo autoritário. Sem falar dos casos de conspirações de assolavam as relações entre Frota e Geisel. Resultado: Geisel o afastou sem consultar o Alto Comando, demonstrando grande força e poder entre as forças armadas e estava disposto a restaurar a hierarquia e o controle da transição rumo ao processo democrático à moda Geisel.

Os castelistas demonstraram que estavam com as rédeas nas mãos colocando o General castelista, chefe da SNI, como sucessor de Geisel e responsável para a continuação da abertura política que acontecera no seu governo.

### **3.3 A vocação democrática e as Diretas Já**

Quinhentos mil. Um milhão. Um milhão e meio. Ninguém sabe exatamente o número de manifestantes que compareceram ao maior dos comícios do movimento Diretas Já, em São Paulo, no dia 16 de abril de 1984. E poucos lembram que, entre a multidão que clamava por democracia, estiveram representantes de torcidas organizadas paulistas. Prova que as arquibancadas sempre foram um excelente caleidoscópio social para compreender a nossa sociedade. Se hoje essas

---

<sup>37</sup> É importante enfatizar que o nosso presidente Jair Bolsonaro era próximo dos militares da linha dura. General Heleno era capitão ativo e participara de uma conspiração contra o governo do General Geisel junto com General Sylvio Frota.

organizações frequentemente se enfrentam e vivem sob um clima de animosidade, houve um tempo em que elas se juntaram em torno de um objetivo comum: votar para presidente. "Nós atuamos muito em conjunto com a sociedade. A batucada da Gaviões da Fiel e da Torcida Jovem animava os comícios na luta pela anistia ampla, geral e irrestrita. A bateria das Diretas Já era a bateria da Torcida Jovem e da Gaviões. Foi uma coisa maravilhosa", conta Cosmo Damião, fundador da maior organizada santista. (WILKSON; LISBOA, 2021).

Presidente da Gaviões da Fiel nos anos 80, Ariovaldo Aparecido da Silva também lembra com carinho daquele momento. "A gente fazia as faixas da democracia e levava para a rua com o nosso dinheiro. Pintava as faixas dia e noite." (WILKSON; LISBOA, 2021).

Os brasileiros precisaram esperar para ver os resultados do movimento. A proposta para voto direto foi rejeitada pelo Congresso Nacional, que elegeu, via colégio eleitoral, Tancredo Neves para a presidência. Era o primeiro presidente civil após duas décadas de ditadura militar. Só em 1989 os eleitores puderam, enfim, escolher livremente o próximo presidente. (WILKSON; LISBOA, 2021, n. p.).

"Esse povo de hoje não sabe o que era a ditadura", diz Ariovaldo. Ele conta que, além de faixas e baterias, a torcida corintiana se mobilizou para levar apitos e camisetas aos protestos. "Tínhamos que fazer um barulho ensurdecedor, de povo na rua", diz o ex-presidente da Gaviões. "Eu aprendi a fazer *silk*, pintura de camisetas, e as pessoas começaram a pedir. O Sócrates, a Rita Lee, o Wladimir e o Jair Picerni, que veio para São Paulo ser técnico do Corinthians e dormia no chão do apartamento onde eu fazia as camisetas."

Em 2020, uma parte da Gaviões voltou a se unir em protestos contra o governo do presidente Jair Bolsonaro, invocando o passado de luta democrática da organizada. Em São Paulo, membros progressistas da Gaviões e da Mancha Verde, rivais históricos, foram vistos na mesma manifestação na Av. Paulista, embora eles tenham se estranhado no final da passeata. Foi um clima diferente daquele grande comício em 1984, quando, de acordo com os relatos dos presentes, houve harmonia entre os rivais. "Esses anos 80 foram brilhantes para as torcidas organizadas. Anos de politização e de conquistas", diz Cosmo Damião. "Nesse dia, nesse grande comício, havia a Leões da Fabulosa, a TUP e a Independente. Todas as torcidas que existiam na época compareceram, mas o carro-chefe era a Gaviões e a Torcida Jovem. Eu, inclusive, ajudei na organização do comício, com o nosso querido Osmar

Santos ali na locução. Foi uma coisa brilhante, inesquecível para esse país." (WILKSON; LISBOA, 2021, n. p.).

Neste contexto histórico, que o local escolhido pela Gaviões da Fiel para participar do comício das Diretas Já foi a Praça Patriarca conforme a matéria do jornal da Tarde de 17 de abril de 1984, *Na praça do Patriarca, a alegria dos Gaviões*, o jornal conta que às "18 horas em ponto, o grande momento de animação da praça do Patriarca ficou por conta de cerca de 300 integrantes das torcidas "Gaviões da Fiel" e "Coração Corintiano", que portavam faixas pedindo "diretas já" mas que estavam também muito preocupados em não deixar cair o ritmo do samba, animado por uma bateria completa com mais de 40 figurantes"<sup>38</sup>.

Assim, abre a possibilidade, de interpretarmos o torcedor organizado como agente protagonista político e/ou *torcedor cidadão* que ocupa a rua, a esfera pública com a sua singularidade de torcedor uniformizado, fazendo a alegria dos participantes do comício com a batucada, cantos e marchinhas, mas irmanados no mesmo ideal político de acabar com o regime ditatorial.

Quem ajuda a suscitar esta questão é Roberto Daga, ex-presidente da Gaviões da Fiel no biênio de 1979/1981, que segundo ele:

A Gaviões era uma linha de frente, junto com a maioria do povo brasileiro, queria as Diretas. E a gente sempre com um posicionamento muito importante e muito respeitado pelo povo. Tudo que saíamos na frente também tinha uma conotação maior. Então nós tivemos uma participação junto com o povo brasileiro. Foi uma coisa, tipo fogo no palheiro. Aquilo pegou de uma forma, que as Diretas Já vieram. Mas a participação da Gaviões foi junto com o povo brasileiro. Gaviões é povo, é uma parte muito importante do povo (2022, n. p.).

A fala do senhor Daga, possibilita uma percepção de conexão entre a Gaviões e as Diretas Já, conectando a torcida com o povo, isto é, ora como linha de frente, ora como parte constituinte da mesma substância. Gaviões é povo! Sua participação nas Diretas era quase intrínseca a participação popular.

Já Francisco Malfitani, um dos fundadores do grêmio, e um dos responsáveis por inserir a faixa polemica com os dizeres *Anistia ampla, geral e irrestrita* no estádio do Morumbi em janeiro de 1979 no jogo do Corinthians contra o Santos com um

---

<sup>38</sup> Não podemos deixar de mencionar, que nesse ambiente de processo de redemocratização, nos anos de 1980, ou melhor, já por volta de 1984, a escalada da violência aumentava crescentemente entre as torcidas organizadas de São Paulo resultando na morte, em 1988, do presidente da Mancha Verde, Cleofas Sóstenes Dantas da Silva, mais conhecido como Cléo.

público superior a 109 mil torcedores, compartilha com parte das afirmações do seu colega Roberto Daga, ao afirmar que:

A Gaviões junto com toda a sociedade brasileira lutava por democracia e por liberdade e quando surgiu o movimento das Diretas Já, a Gaviões também participou, com faixas nos estádios, 'presidente quem escolhe é a gente', jogo de futebol, jogo de basquete, Diretas Já.... Não teve uma participação na organização do movimento das Diretas Já, mas participava como um povo, assistindo aos comícios, indo nas manifestações. Essa foi a participação da Gaviões. Lembro que a Camisa 12 participou também do movimento das Diretas Já, porque Corinthians sempre foi povo e tudo que interessa para o povo, interessa para a Gaviões (MALFITANI, 2022).

O que Malfitani nos diz é que a torcida vivia uma homogeneidade em prol de uma causa, ou seja, da luta pela democracia, a torcida estava em plena sintonia com a sociedade civil. A Gaviões desde seus primórdios fora heterogênea e ao longo do seu processo histórico, cresceu em número de membros, ocasionando um espelho da sociedade, ou seja, contendo uma ala de membros identificados com o pensamento político conservador e outra ala progressista, ávido por mudanças políticas e sociais. A luta pela disputa da narrativa e pelo controle da Gaviões fora uma constante, mas ela sempre teve uma interface progressista que controlou em alguns momentos o comando da Gaviões. Um exemplo do que estamos falando foi a participação do grêmio nas Diretas Já e a Democracia Corinthiana.

O ano de 2016 foi uma loucura, pois a Gaviões chegou a ser fechada por falta de alvará do corpo de bombeiro, mas grande parte dos Hospitais da cidade de São Paulo não possuem alvará do corpo de bombeiro. Na verdade, em 2016 os Gaviões estavam denunciando a máfia da merenda com a participação do presidente da ALESP, deputado Capez, a rede Globo e a transmissão dos jogos no meio de semana às 22h — o que impedia o torcedor de retornar ao seu lar, com faixas e cantos nos na arena do Corinthians.

### **Figura 5 — Quadra da Gaviões, 2016**



Fonte: Acervo da Gaviões.

Resultado: perseguição por parte dos órgãos públicos, principalmente Polícia Militar, não há no Brasil outra torcida que tem uma participação tão ativa, para o desconforto da ala conservadora da Gaviões.

Sem mencionar que em 2018, a torcida se posicionou e colocou uma nota oficial afirmando que Gavião não vota em Bolsonaro. Talvez, a Gaviões não seja nem de direita e nem de esquerda, mas está em permanente disputa, heterogênea, com avanços e recuos. Um exemplo é que em 2022, a nova diretoria não soltou nenhuma nota oficial afirmando que Gavião não vota em Bolsonaro, em outras palavras, está diretoria se restringe só nos problemas da fiscalização do Corinthians. Portanto, a Gaviões é uma torcida em constante disputa e heterogênea, mas ao longo do seu processo histórico deixou espaço para sua interface progressista atuar em 1979, participação com a democracia corinthiana, *Diretas Já* e o fatídico ano de 2016.

**Figura 6 — Fala em quadra da Gaviões da Fiel**



Fonte: Acervo da Gaviões.

"Os Gaviões venceram os desafios de 1995 porque tinha muita essência e raiz. Nós somos os Gaviões da Fiel. Nós estamos aqui para enfrentar tudo o que precisar." (Digão, vice-presidente dos Gaviões da Fiel)

**Figura 7 — Fala na quadra da Gaviões da Fiel (2)**



Fonte: Acervo da Gaviões.

Nós falamos das perseguições da fundação (1969), de 1995 e de 2016. E hoje, mais do que nunca, nós precisamos estar juntos para enfrentar o sistema, pois não iremos parar. Não podemos aceitar e nos calar diante das perseguições políticas. Sexta-feira (15), a partir das 17h, terá manifestação dos Gaviões da Fiel no Vale do Anhangabaú. É para chegar todo mundo. Nós vamos vencer essa luta. (Diguinho, presidente dos Gaviões da Fiel).

**Figura 8 — Democracia na quadra da Gaviões**



Fonte: Acervo da Gaviões.

“Desde que fomos fundados somos perseguidos. Nós não podemos dar arma ao inimigo. E eles podem proibir todos os patrimônios, camiseta, boné, seja o que for... quero ver eles proibirem o nosso corinthianismo. Nossa corrente jamais será quebrada” (Julião, um dos fundadores dos Gaviões da Fiel, 2016).

### Figura 9 — Fala na quadra da Gaviões da Fiel (3)



Fonte: Acervo da Gaviões.

Estamos vivendo uma perseguição semelhante a 1995. Com uma diferença: a perseguição de nossas lideranças. Para vencer será preciso muita disciplina, união e organização. E o secretário de segurança pública, em vez de entender o universo do futebol e dialogar, exclui todas torcidas e isso está longe de ser o final da violência” (Pulguinha, liderança dos Gaviões da Fiel, 2016)

**Figura 10 — Fala na quadra da Gaviões da Fiel (4)**



Fonte: Acervo da Gaviões.

"Nós estamos mexendo com interesses poderosos. Eu não preciso engolir goela abaixo o que a imprensa tenta impor para mim todo o dia. Eles nunca irão acabar com a gente porque eles não têm como acabar com o povo" (Chico Malfitani, um dos fundadores dos Gaviões da Fiel).

E este histórico não é qualquer um que apaga. Isso é um ponto de apoio fundamental para combater outras visões, lembrando quem é a Gaviões das origens, de qual massa foi forjada.

### **3.4 Reflexões sobre a vocação democrática da Gaviões da Fiel**

A trajetória da Gaviões conserva um legado combativo, construído ao longo dos anos e que se mostra presente até os dias atuais. Chama-se a atenção para um episódio recente pós-eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência da República. No dia 2 de novembro de 2022, a torcida deslocava-se de São Paulo para o Rio de Janeiro com a intenção de ir ao jogo do Flamengo contra o Sport Clube Corinthians Paulista, no Maracanã. Manifestantes bolsonaristas tumultuavam e bloqueavam as estradas em atos antidemocráticos, pedindo novas eleições e intervenção militar para impedir Lula de tomar posse, questionando o resultado do 2º turno das eleições presidenciais na qual Jair Messias Bolsonaro foi vencido pelo seu adversário por uma diferença de 2,1 milhões de votos. A torcida se organizou para desbloquear a Via Dutra — rodovia que liga os dois estados. Além de liberar a pista e acabar com a

manifestação, membros da Gaviões arrancaram faixas e bandeiras utilizadas pelos golpistas (BRASIL 247, 2022).

Em sua história, a Gaviões foi marcada por lutas que a destacavam e que a colocavam em situação de vanguarda. Em 1971, participa de uma chapa de oposição para retirar Wadih Helu, presidente do Corinthians desde 1961, que não rendia bons resultados ao time — o Corinthians estava em jejum de títulos desde 1954. A Gaviões apoiava mais que uma renovação, isto é, uma *Revolução Corinthiana* com descentralização do poder e a implementação de seis vice-presidentes, para impedir o continuísmo e admitindo só uma reeleição. Também reivindicavam a impossibilidade do uso político-partidário do Corinthians; incompatibilidade entre o cargo da direção/presidência e os cargos políticos; e instituição da figura do sócio torcedor votante com mensalidade não acima de 20% do salário-mínimo vigente do estado de São Paulo.

Se for contextualizado o ano de 1971, veremos que essas propostas eram muito revolucionárias para a época, mesmo não saindo do papel. Vale lembrar que, desde a sua fundação, a entidade se estrutura burocraticamente para eleições permanentes e sem a reeleição de seus quadros de presidentes (em total discordância com o modelo ditatorial que governava o país). Outro passo importante é a aliança com o movimento de Anistia por meio do seu fundador Francisco Malfitani. Como relatado no segundo capítulo desta dissertação, parte da torcida era sensível às questões políticas e sociais da época, onde o governo militar perseguia e punia a oposição ao regime, o que causou um ambiente de insegurança e terror. Um momento marcante na história foi a faixa apresentada na arquibancada do Corinthians para mostrar apoio ao movimento de Anistia, em defesa dos direitos dos presos políticos.

Nos anos de 1980, a Gaviões da Fiel embarca na década no eufórico movimento da *Democracia Corinthiana*. Entra em cena uma nova cultura do time do Corinthians, a ideia de democratização das relações de trabalho e autogestão. Sócrates, Casagrande e Wladimir comandam o movimento com o sociólogo Adilson Monteiro, que chegou posteriormente. A Gaviões expressa seu apoio por meio da adesão à campanha de Waldemar Pires para a presidência ao Corinthians, em 1982, encerrando o reinado de Vicente Matheus. Pires indicou para a diretoria de futebol Adílson Monteiro Alves, um cartola inexperiente que dialogava com os jogadores.

Entre eles estavam os politizados Sócrates e Wladimir. Foi aí que começou a revolução. Entre outras medidas, os atletas liberaram os casados da concentração.

Em campo, a autogestão rendeu excelentes resultados. O técnico, Mário Travaglini, levou o time às semifinais do Brasileiro e faturou o Campeonato Paulista de 1982 e 1983. A *Democracia* começou a entrar em declínio a partir de 1984, quando Sócrates foi para a Itália e Casagrande para o time do São Paulo. Em 1985, Pires tentou eleger Alves como sucessor e foi derrotado. Era o fim da experiência mais libertária que o futebol brasileiro experimentou. É importante frisar que, no final da *Democracia Corinthiana*, parte considerável da Gaviões da Fiel não apoiava unanimemente a última fase do movimento -porque os resultados em campo não eram tão bons quanto no início da campanha. Sem falar da saída dos dois líderes do movimento, Sócrates e Casagrande.

Segundo José Paulo Florenzano (2009), a postura da Gaviões em relação à *Democracia Corinthiana* foi ambígua, ora de apoio, ora de cobrança. Exemplo disso foi a panfletagem que membros da Gaviões da Fiel fizeram em prol da campanha da chapa da Waldemar Pires para a eleição à presidência do Corinthians, em 1982. Por outro lado, em 1983, quando o Corinthians perde de 2 a 0 para o Taquaritinga, integrantes da Gaviões interceptam o ônibus do Corinthians após o jogo e quase entra em luta corporal com os jogadores.

Assim, um termômetro para essa aproximação ou animosidade eram os resultados em campo. Neste sentido, enquanto a *Democracia Corinthiana* jogou leve, obteve resultados e dois campeonatos paulistas, a liberdade vingou nos ares do Parque São Jorge. Porém, quando os resultados não representavam os anseios da Gaviões, a torcida cobrava “liberdade com responsabilidade” — ou seja, com vitórias. Sócrates era um dos comandantes do movimento vaiado, ameaçado e xingado pela torcida. Nessa ambiguidade foi marcada a relação tão tumultuada e instável entre a *Democracia Corinthiana* e a Gaviões da Fiel.

A *Democracia Corinthiana* se desfez em 1985. Waldemar Pires não consegue colocar seu sucessor Adilson Monteiro Alves e o futebol brasileiro nunca mais teve uma experiência libertária similar. A primeira coisa que a nova diretoria do Corinthians faz foi acabar com qualquer resquício da *Democracia Corinthiana*.

No campo das torcidas organizadas, em 1983 e 1984, surge a Mancha Verde do Palmeiras, como resultado da união de pequenas torcidas palmeirenses. O cenário das maiores torcidas de São Paulo muda de configuração. Em 1988, o presidente da Mancha, Cleofas Sóstenes Dantas da Silva, Cleo, foi morto a tiros em 1988, fruto da violência entre as torcidas. Isso acirrou a rivalidade entre as torcidas organizadas da capital paulista, com aumento de brigas e uma verdadeira segregação entre elas. Neste contexto, a ATOESP, que chegou a se reunir nos anos de 1970 com o secretário de segurança do Estado de São Paulo Erasmo Dias e fazia uma espécie de diplomacia entre as torcidas na década de 1970, deixa de funcionar. Uma perda irreparável para as torcidas e para o futebol paulista.

Nos anos de 1990, a cidade de São Paulo se apresenta como uma das rotas do narcotráfico na América Latina. Explode a violência na cidade e o número de homicídios cresce exponencialmente (FOLHA, 1998). Os integrantes das maiores torcidas organizadas de São Paulo são, na sua maioria, jovens de periferia que projetam nas torcidas suas sociabilidades, muitas vezes as violências oriundas de suas “quebradas”<sup>39</sup>. A vida nas periferias paulistanas é banalizada e o modo de encarar o rival é através da destruição e/ou eliminação. A torcida organizada corresponde ou reflete outras interfaces sociais que experimenta a sociedade que está inserida.

É no ano de 1995 que as relações entre as torcidas organizadas e órgãos públicos se modificam e as torcidas paulistas entram numa verdadeira clandestinidade. O motivo foi a final da Supercopa de Futebol Júnior, torneio que reuniu os campeões e vice-campeões da Copinha, em agosto. O estádio do Pacaembu recebeu a final, entre Palmeiras e São Paulo, mesmo em reforma, ou seja, com entulhos, pedras, madeiras e todo tipo de materiais que podem ser utilizados como arma para um confronto. Ao mesmo tempo, o número de policiais para atender o clássico era pífio. Resultado: as duas torcidas entraram em confronto e tiveram acesso aos entulhos que serviram de instrumentos para a briga. Foram 102 feridos e um morto: Marcio Gasparin da Silva, de 16 anos. Torcedor do São Paulo, ele foi atingido diversas vezes na cabeça e não resistiu aos ferimentos. (FOLHA, 1995a).

---

<sup>39</sup> Regiões periféricas de onde são oriundos os membros das múltiplas torcidas paulistanas.

A Mancha Verde do Palmeiras e a Independente do São Paulo foram extirpadas e todas as torcidas foram punidas com novas regras, como a proibição de bandeiras, adereços etc. A repressão foi forte e a mídia associou torcida organizada com selvageria (FOLHA, 1995b). Para os comentaristas de esportes, a violência urbana em São Paulo estava restrita ao âmbito das arquibancadas <sup>40</sup> (MURAD, 2012). Sem falar que quem organiza o evento esportivo futebolístico na cidade de São Paulo é o Batalhão de Choque especializado em confrontos físicos e reconhecido pela sua brutalidade na forma de trato com os torcedores (PALHARES, 2022). Reduzir a violência urbana ao fenômeno das torcidas organizadas parece uma suposição insustentável.

Com a ameaça das torcidas organizadas acabarem <sup>41</sup> por meio das articulações dos poderes públicos, surge um canto na arquibancada, por vezes tímido, nos estádios da capital paulistana como parte do refrão *A Gaviões não acabou/ e jamais acabará/ você pode acreditar/ Nossa corrente não será quebrada (...)*. É neste ambiente de perseguição, de perda de direitos básicos de manifestação nas arquibancadas, que a segunda fase da década de 1990 é marcada. Mas é interessante notar que a imposição dos aparatos dos órgãos públicos não diminuiu a violência.

De maneira autoritária, sem diálogo com as torcidas, as autoridades <sup>42</sup> restringem o acesso a bandeiras e adereços, mas ao mesmo tempo não tem um projeto alternativo para os jovens que participam das múltiplas torcidas organizadas. Qual foi o novo espaço de sociabilidade disponibilizado pelo Estado? Qual foi o grande projeto de política pública para a população juvenil paulista/paulistana para a segunda parte da década de 1990? Proibir bandeiras é uma ação para coibir a violência ou o início de uma tentativa de padronização de torcer conforme o modelo inglês?

---

<sup>40</sup> Maurício Murad apresenta em seu livro *Para entender a violência no Futebol* que as “guerras” das arquibancadas são frutos das estruturas sociais violentas em outros campos ou outras interfaces sociais. No nosso caso brasileiro, temos as relações humanas marcadas por conflitos violentos, isto é, o conflito no trânsito também é resolvido através da violência e assim sucessivamente.

<sup>41</sup> Após o fatídico episódio no Pacaembu que resultou na morte do torcedor São Paulino, a Gaviões também foi proibida de entrar nos estádios paulistas com sua camisa oficial e cantar seus cânticos.

<sup>42</sup> Utilizo o termo autoridade para reforçar o termo autoritário, que é fruto da imposição histórica do poder público contra a população. Penso na imposição da Vacina que gerou a revolta da Vacina. Como pode as autoridades pleitearem uma mudança nas arquibancadas paulistas sem qualquer canal de diálogo com as torcidas organizadas?

No século XXI, a Gaviões, com a sua interface progressista, assume a diretoria da entidade e promove uma aproximação com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que chega a ficar acampado na quadra da Gaviões da Fiel, em 2001. Nesse ambiente, membros da torcida participam do curso de formação do movimento social. Resultaram dessa relação um gavião que foi à Venezuela cursar medicina e hoje, formado, atua em assentamento do MST no Brasil; uma liderança atual do MST que atua em Brasília era professor de Inglês em São Paulo e fazia parte da liderança da Gaviões, abandonou emprego estável e iniciou um processo de inserção nos quadros permanentes do Movimento.

Neste sentido, para Alex Sandro Gomes, conhecido como Minduim e ex-diretor da agremiação, a Gaviões não se funde com outros movimentos sociais, mas sua interface progressista defende algumas de suas bandeiras, como as reformas agrária e urbana. “A arquibancada para nós significa mais que acompanhar o Corinthians, é o espaço para defender uma sociedade mais fraterna, justa e igualitária”, avalia (O VERMELHO, 2006, n. p.).

Uma nova relação entre os poderes públicos, cartolas e torcidas organizadas é possível. A partir da análise que fizemos nesta dissertação da participação política da Gaviões, proponho que as torcidas organizadas sejam chamadas para o debate da organização do futebol no Brasil, a exemplo do que acontece na Espanha. Parte-se da experiência da Gaviões da Fiel para assinalar a experiência singular de participação política/social, que poderia estar dialogando e ajudando na organização do evento mais popular do Brasil. Mas, para isso, o torcedor não pode ser reduzido a mero consumidor de "commodities esportiva". Nem o futebol pode ser guiado única e exclusivamente pela lógica do lucro e sua consequente elitização. Trata-se da democratização do acesso de um esporte que é um patrimônio nacional e do povo brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais desta pesquisa, algumas reflexões finais exaltam a importância da Gaviões. A Gaviões, apesar de não possuir um histórico homogeneamente progressista, mostrou ao longo da sua história que se posicionou em prol da democracia, como, por exemplo, com relação a anistia política, as eleições diretas, opôs-se a governos fascistas, esteve contra o monopólio midiático e a elitização do futebol por meio dos preços dos ingressos etc. Representa, portanto, uma torcida com grande capital simbólico de lutas atreladas a pautas progressistas.

Na presente pesquisa de dissertação, apresentada neste trabalho, buscou-se perpassar períodos importantes da história do Sport Club Corinthians, relacionando a ação da sua torcida, principalmente a Gaviões da Fiel, com ações de defesa dos próprios torcedores, da democracia e da classe trabalhadora. Por isso, foi retratada a trajetória do clube desde sua origem até os dias mais atuais, ressaltando o posicionamento e as manifestações da sua torcida. O ponto mais importante que essa dissertação esclarece é que a Gaviões da Fiel, como uma torcida de um time de futebol, também tem sua ação política. Trata-se de um coletivo que desde seu nascimento tem um forte engajamento social, por representar e pertencer a classe trabalhadora. As ações aqui relatadas mostram que a Gaviões da Fiel, embora um coletivo ligado ao esporte, possui posicionamento político e atuação.

Assim, na primeira sessão deste trabalho a intenção foi de apresentar o surgimento da Gaviões da Fiel e tentar enquadrá-lo como um movimento coeso. Como tal, ele representa uma parcela da população que, mesmo sendo um grupo que tem como sua função principal participar do futebol brasileiro torcendo para o Sport Club Corinthians, a Gaviões também se comporta como um novo movimento social porque levanta bandeiras politicamente. Na primeira sessão é contada a história da formação da Gaviões e de outras torcidas, onde pretende-se mostrar a sua ligação com a base trabalhadora mostrando a sua identidade de grupo popular. Sendo assim, a atuação política da Gaviões faz sentido na defesa da democracia e dos trabalhadores.

Na segunda sessão é relatado o evento da abertura da faixa que defende a anistia política no Brasil. O futebol na década de 1970 é apresentado como um espaço de entretenimento dos brasileiros, mas ao mesmo tempo um espaço que mobiliza as classes populares. Nesse período, o futebol do Sport Club Corinthians passou por uma fase de ausência de títulos, o que despertou na torcida a mobilização para

reivindicar mudanças internas do clube, principalmente na direção acreditando que o problema da falta de títulos estava na gestão, impondo sua importância como parte constituinte do que é o Corinthians. É também aí que ocorre a abertura da faixa, em uma clara atividade de oposição ao regime ditatorial que vigorava no Brasil até 1985. Embora essa ação não tenha sido uma unanimidade na Gaviões, este evento mostra que os fundadores tinham ligação direta com um sentimento democrático e de demanda de justiça.

Em seguida, na terceira sessão, é destacado um dos fundadores da Gaviões da Fiel para ilustrar e comprovar o caráter associativo da torcida e, também, a sua posição identitária como um grupo ligado as classes populares. Flávio La Selva é, então, retratado como o fundador da torcida, assim como é relatada a sua vida como presidente da Gaviões da Fiel e outras atividades, que mostram que ela passa a ser entendida como um agrupamento bem organizado com autonomia e seriedade. Depois, conta-se sobre a ATOESP, a Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo, como uma associação que surge para assegurar que as torcidas organizadas, tanto a Gaviões quanto de outros times, tenham suas necessidades atendidas e que participem de forma organizada da construção do futebol nacional. A ATOESP une, de certa forma, todos os movimentos de torcidas organizadas no estado, criando um ambiente de valorização do torcedor, defendendo-o e criando um canal de relação e comunicação entre as autoridades e o torcedor.

Buscando dar continuidade a explicação sobre a relação das torcidas com momentos importantes da democracia brasileira no século 20, a pesquisa conta sobre a presença da Gaviões nas Diretas Já e na Democracia Corinthiana. Na década de 1980, a população brasileira clamava pela abertura democrática e isso resultou em uma grande mobilização nacional pelo fim da ditadura. A Gaviões da Fiel não se esquivou em entrar nesta luta junto com o povo brasileiro, posicionou-se e manifestou-se em favor da democracia mais uma vez. O que se mostra muito lógico que a Gaviões da Fiel mantenha sua atuação e posicionamento democrático também neste momento, porque assim como discutido nas seções anteriores a sua identidade é a das classes populares. Além do mais, a sua trajetória criou conseqüentemente uma cultura democrática orientadora dos atos da Gaviões. Por isso, essa dissertação alcança êxito em colocar em relação esses dois espaços: política e futebol.

O futebol/torcida organizada e política são indissociáveis. É possível ver parcela da sociedade brasileira representada na faixa da Anistia, Geral, Ampla e Irrestrita. É possível também, perceber os anseios da sociedade civil sendo representado nas ações da *Democracia Corinthiana*, ou seja, no voto paritário de todos os trabalhadores do time, do roupeiro ao técnico, ou ver Sócrates, Casagrande, Wladimir <sup>43</sup> e a Gaviões da Fiel participando de uma das maiores manifestações cívicas da história brasileira, as *Diretas Já*, na abertura democrática, colocando fim à ditadura militar. Momento histórico em que o mundo do futebol, representado pela *Democracia Corinthiana*, tinha um forte elo com a sociedade civil.

Devem ser defendidas e ansiadas experiências frequentes de resistência no campo e nas arquibancadas, de posicionamento político. De dentro do campo, ressalta-se a atuação firme de alguns deles, como ocorreu no comício das *Diretas Já* quando Sócrates prometeu não ir para Itália firmar contrato com o clube da Roma se a Dante de Oliveira <sup>44</sup> — faz parte de uma série de movimentos em prol do retorno da democracia no Brasil através de eleições diretas para Presidente da República — fosse aprovada. Já nas arquibancadas, enfocando apenas a Gaviões, temos como exemplos a participação da faixa de 1979, nos comícios das *Diretas Já* e o fatídico ano de 2016, onde foram realizadas manifestações contra a Máfia da merenda e a monopolização da transmissão da rede globo que transmitia os jogos às 22:00 horas, horário que não respeitava o descanso do trabalhador e não permitia os torcedores voltarem ao seu lar com segurança.

Não se pode esquecer da nota oficial de 2018 em que a Gaviões lançou o manifesto “Gavião não vota em Bolsonaro”. Mesmo criando problemas internos com a divulgação da nota, a torcida, desde o início da primeira eleição presidencial de Bolsonaro contra Haddad, lança nota na qual reflete a sua história contra a ditadura e sua contradição em votar num candidato favorável a tortura e que valoriza torturadores, se referindo à uma fala de Bolsonaro no durante a votação pelo

---

<sup>43</sup> Grandes jogadores da história do Corinthians.

<sup>44</sup> Em fevereiro de 1983, o deputado federal Dante de Oliveira apresentou projeto de emenda constitucional, que se tornaria conhecida com seu nome, propondo o restabelecimento da eleição direta em todos os níveis e marcando para 15 de novembro de 1984 a eleição para presidente da República. A campanha pelas “Diretas Já” ganhou o apoio popular. A manifestação que começou em São Paulo foi seguida por comícios em quase todas as capitais brasileiras.

*impeachment* de Dilma Roussef em que dedica seu voto a Carlos Brilhante Ustra, um reconhecido terrível torturador da ditadura brasileira.

Em 2020, membros da Gaviões da Fiel saem às ruas contra as manifestações bolsonaristas e pedem por democracia. Em outras palavras, membros do Coletivo Democracia Corinthians e da Gaviões da Fiel protestavam contra o presidente Jair Bolsonaro e defendiam a democracia. O Evento ocorria na avenida Paulista e foi rechaçada violentamente pela Polícia Militar. Mesmo não tendo o aval institucional da Gaviões, corinthianos organizados que enxergam o mundo à esquerda e passam a lutar por uma sociedade democrática e com plenos direitos é um fato social raríssimo, quando se pensa na condição que a estrutura do “futebol moderno” projeta para o torcedor passivo/protótipo que está atrelado ou reservado a consumir e assistir a programas de debates esportivos pós jogos.

É importante frisar também que esta dissertação enfoca as torcidas organizadas que estão associadas ao mundo futebolístico, que na definição de Sócrates é “um meio extremamente paternalista, autoritário, conservador, até”. O futebol, na sequência dessas palavras ditas por ele, “inibe as pessoas de se manifestarem” (PEINADO, 2017). As experiências contadas aqui sofreram retaliações internas e de todas as formas. A rebeldia contada em suas múltiplas facetas, desde as os acontecimentos em campo até as manifestações nas arquibancadas, ou foram engolidas ou foram rechaçadas. Mas para enfrentar o fascismo, a modernização do futebol com a imposição do torcedor protótipo/consumidor, só reagindo com rebeldia. A interface progressista da Gaviões para continuar existindo precisa continuar (re)existindo. No modelo do futebol moderno impede ou dificulta abertura de espaço para torcedores organizados que pleiteiam cidadania e participação na organização do esporte.

O futebol tradicional, talvez, seja mais próximo da representação da orgia gastronômica realizada por parte dos jogadores da seleção brasileira (Gabriel Jesus, Vinicius Junior, Eder Militão, Bremer e o ex-jogador Ronaldo Fenômeno) no restaurante Nusr-Et, em Doha, no Catar, conhecida por servir excêntricas peças de carne folheadas em ouro que podem custar o prato, sem acompanhamento, até 9 mil reais. Essa extravagância ocorreu no dia 29 de novembro de 2022, após a vitória da seleção brasileira sobre a seleção da Suíça. Indaga-se o fato somente porque os jogadores, teoricamente, representam um povo que tem aproximadamente um terço

da sua população em vulnerabilidade alimentar. Tal postura não incomoda nem a Fifa e nem a CBF.

Pensar como a *Democracia Corinthiana* incomodou parcela significativa da mídia esportiva e das múltiplas lideranças de clubes do Brasil a fora, defendendo a classe trabalhadora, em contraposição ao gasto excessivo do jantar relatado acima pela pura ostentação. São necessárias mais experiências de “ser do contra” no Brasil, onde os torcedores organizados sejam livres para representar suas respectivas entidades segundo a sua própria configuração cultural. Da mesma forma, abrir cada vez mais espaço e dar acesso aos mais diferenciados corpos, isto é, periféricos, favelados, negros etc. Para isto, deve haver uma revolução copernicana na estrutura de conceber a relação estádio/público pagante. O público do estádio deve possuir as faces multirraciais que compõe a sociedade brasileira e as múltiplas classes sociais, por isso deve ser democratizado. Aqui, defende-se uma reformulação da forma de conceber o acesso aos estádios ou arenas. O lucro e o capital não podem ser a medida de todas as coisas.

Dentro da reflexão sobre faixa exposta na final do campeonato paulista de 1983, na qual se lia “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”, junto a outras experiências de faixas expostas, ao longo da trajetória histórica da Gaviões, e suas manifestações, é evidente pensar na possibilidade que, em um futuro próximo, a atual *Democracia Corinthiana* —como um coletivo— e parte da Gaviões possam chegar ao nível da consciência sócio/política dos torcedores da equipe *Sankt Pauli, da Alemanha, que defendem causas sociais e minorias*. Podemos classificar o Sankt Pauli como um time revolucionário que em crise financeira nos anos de 1980 foi reconstruído pela sua torcida que é ‘dona’ do clube. O clube é dos torcedores que são sócios do clube. A torcida, de maneira, homogênea, se posicionou contra o neonazismo dos anos de 1990, na Alemanha, onde todos os simpatizantes da doutrina foram expulsos do clube. O clube colocou no estatuto ser um time antinazista, antirracista e anti-homofóbico. Atualmente a torcida defende o antifascismo, defende as causas LGBTQIA+, entre outras tantas causas.

Defende-se, portanto, que uma nova relação entre os poderes públicos, cartolas e torcidas organizadas é possível. A partir da análise que fizemos nesta dissertação da participação política da Gaviões, propõe-se que as torcidas organizadas sejam chamadas para o debate da organização do futebol no Brasil, a

exemplo do que acontece na Espanha. Parte-se da experiência da Gaviões da Fiel para assinalar a experiência singular de participação política/social, que poderia estar dialogando e ajudando na organização do evento mais popular do Brasil. Mas, para isso, o torcedor não pode ser reduzido a mero consumidor de "commodities esportiva". Nem o futebol pode ser guiado única e exclusivamente pela lógica do lucro e sua consequente elitização. Trata-se da democratização do acesso de um esporte que é um patrimônio nacional e do povo brasileiro.

A faixa içada na trincheira alvinegra assinalava o alinhamento progressivo da torcida com o conjunto de forças democráticas que iriam desencadear, no início de 1984, no movimento pelas *Diretas Já*, ponto de convergência dos movimentos sociais, políticos e culturais engajados na transformação do país. No dia 25 de janeiro, data comemorativa do aniversário da cidade de São Paulo, a Praça da Sé afluiria uma massa estimada em cerca de trezentas mil pessoas manifestando o desejo pelo fim da Ditadura Militar. Luis Carlos Calderone, um dos diretores dos Gaviões da Fiel, assim justificava a presença da agremiação no comício: "Dentro do Corinthians resistimos a ditadores, como o presidente Wadiah Helu e Vicente Matheus e sempre lutamos pela democracia, defendendo o voto do sócio torcedor" (FLORENZANO, 2021, p. 417).

## REFERÊNCIAS

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

A MECÂNICA do continuísmo, por um adversário de Wahir Helu. **Folha**, São Paulo, cad. 1, 26 dez. 1970.

ASSASSINATO de jovens cresce 128%. **Folha**, São Paulo, 23 jul., 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff23079802.htm>. Acesso em: 15 ago. 2022.

A TORCIDA reclama; a polícia explica. **Folha**, São Paulo, 3 ago. 1975. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/compartilhar.do?numero=5565&anchor=4353561&pd=20774bece2ba68d49ee812347aebf87d>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERTÉ, I. L. Anistia ampla, geral e irrestrita: um estudo sobre a relação entre futebol, luta pela anistia e torcidas organizadas. *In*: ANJOS, L. A. (org.). **Resenhas de Arquibancada**: publicações do Grecco no Ludopédio. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2018. p. 31–41.

CANALE, V. S. **Um movimento em muitas cores**: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). 2020. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) — FGV, São Paulo, 2020.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1980.

CORINTIANOS liberam bloqueio na Marginal Tietê e na Dutra em SP; bolsonaristas fogem. **Brasil 247**, 2 nov. 2022. Disponível em: <https://www.brasil247.com/regionais/sudeste/corintianos-liberam-bloqueio-na-marginal-tiete-e-na-dutra-em-sp-bolsonaristas-fogem-videos>. Acesso em: 22 nov. 2022.

DAGA, R. Nosso Lema: Lealdade, Humildade e Procedimento. **Gaviões**, [S. l.]. Disponível em: <https://gavioes.com.br/ideologia.php>. Acesso em: 19 out. 2009.

DIAFÉRIA, L. Coração corinthiano: grandes clubes do futebol brasileiro e seus maiores ídolos. **Fundação Nestlé de cultura**, São Paulo, v. 2, p. 314–317, 1992.

DIAS, L. A.; FARINA, M. C. S. Preto no branco: a democracia corinthiana nas páginas do jornal Folha de São Paulo. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1–21, jul./ dez. 2016.

EM OUTROS países, leis do torcedor são costumeiras. **Folha**, São Paulo, 22 mai. 2003.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FLORENZANO, J. P. **Afonsinho e Edmundo**: a rebeldia do futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 2003.

FLORENZANO, J. P. **Democracia Corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro, São Paulo: FAPESP: EDUSC, 2009.

FRANCO, A. **O PT e o Marxismo**, São Paulo: Teoria & Debate, 1995.

FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GAVIÕES da Fiel defende reforma agrária e urbana. **O Vermelho**, [S. l.], 16 nov. 2006. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2006/11/16/gavioes-da-fiel-defende-reforma-agraria-e-urbana>. Acesso em: 19 out. 2022.

GOHN, M. G. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigma clássico e contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOHN, M. G. **Teoria(s) da ação social na análise dos movimentos sociais**. 31 Encontro Anual da ANPOCS, p. 1–38, 2007.

GOHN, M. G. **Reivindicações populares e urbanas**. São Paulo: Cortez, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUTERMAN, M. **A moral nazista**: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler. São Paulo: [s. n.], 2013.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2013.

HOLLANDA, B. B. B. **O clube como vontade e representação**: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas de futebol do Rio de Janeiro (1967–1988). 2008. Tese (Doutorado em História) — Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008.

HOLLANDA, B. B. B. *et al.* A torcida brasileira. **Rio de Janeiro**, v. 7, 2012.

HOLLANDA, B. B. B.; RODRÍGUEZ AGUILAR, O. G. **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

HOLLANDA, B. B. B.; CANALE, V. S. Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP — Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0306, set./dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0306>. Acesso em: 17 abr. 2022.

KFOURI, J. **Por que não desisto**: Futebol, dinheiro e política. [S. l.]: Disal, 2013.

LA SELVA, W.; GOYOS JR., D. N. **O Escudeiro de São Jorge**: Flávio La Selva e a Gaviões da Fiel. São Paulo: Observador Legal, 2020.

MATHEUS, procure um novo técnico!. **Folha**, São Paulo, 13 ago. 1979c.

MAURER, J. Longe dos estádios, torcedores da Gaviões da Fiel ajudam os impactados pela pandemia. **National Geographic**, [S. l.], 23 mai. 2021. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/05/longe-dos-estadios-torcedores-da-gavioes-da-fiel-ajudam-os-impactados-pela-pandemia>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MAZUCATO, T. *et al.* **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: Funep, 2018.

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2003.

MORRE torcedor do São Paulo vítima do conflito no Pacaembu. **Folha**, São Paulo, 29 ago. 1995b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/29/esporte/2.html>. Acesso em: 5 set. 2022.

MURAD, M. **A violência no futebol**. São Paulo: Benvirá, 2012.

NEGRELLO, M. **Democracia corinthiana**: da gestão que contrariou a cartolagem até as "Diretas Já" no Corinthians de hoje. Campinas: Unicamp, 2008.

NEM a chuva atrapalhou esse grande jogo. **Folha**, São Paulo, 12 fev. 1979a.

NUZZI, V. **Greve de 1978 enfrentou patrões e ditadura**: “Aquela ousadia tem de se repetir”, diz Lula”, Rede Brasil Atual, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/lula-greve-1978-scania-ousadia-radicalizacao>. Acesso em: 9 mai. 2022.

O GAVIÃO Arenista não quer se comprometer. **Folha**, São Paulo, p. 32, 13 fev. 1979b.

O 1.º de maio no Pacaembu vazio. **Jornal de São Paulo**, São Paulo, 2 maio 1979.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 2. ed. Campinas: Papiros, 1997.

PALHARES, M. F. S. **Torcidas organizadas e jornalismo esportivo**: discursos sobre violência no futebol. 2022. Tese. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

PAOLI, M. C. Movimentos Sociais no Brasil: em busca de um estatuto político. *In*: HELLMANN, M (org.). **Movimentos sociais e democracia no Brasil**: sem a gente não tem jeito. São Paulo: Marco Zero, 1995.

PEINADO, Q. **Futebol à esquerda**. São Paulo: Madalena, 2017.

PERRUSO, M. A. A temática dos movimentos sociais urbanos no Brasil dos anos 1970/80. **Revista Mundos do Trabalho**, v. 4, n. 7, p. 32–56, 2012.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, p. 122–128, 2000.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escrita**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Comissão da Verdade da PUC-SP. **PUC-SP**, São Paulo, s. d. Disponível em:

<https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/lutas-pela-anistia-historico.html>. Acesso em: 22 nov. 2022.

REGIS, V. M. **O acontecimento democracia corintiana**: cartografando estratégias de resistência ao mundo da subjetivação capitalística através do plano das práticas esportivas. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

RODEGHERO, C. S. Pela "pacificação da família brasileira": uma breve comparação entre as anistias de 1945 e de 1979. **Revista Brasileira de História**, v. 34, p. 67–88, 2014.

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1988.

SADER, E. E agora, PT: caráter é identidade, São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

SANTOS, J. R. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SINGER, P.; BRANT, V. C. (org.). **São Paulo**: o povo em movimento. Petrópolis. Vozes, 1982.

SKIDMORE, T. **Brasil**: de Castelo a Tancredo. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SOARES, T. N. Gritam os muros: "anistia ampla, geral e irrestrita". **Revista Tempo e Argumento**, v. 8, n. 17, p. 350–383, 2016.

SOCRÁTES; GOZZI, R. **A Democracia Corinthiana**: a utopia em jogo. São Paulo: Boitempo, 2003.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. [S. l.]: Autores Associados, 1996.

TORCIDAS apontam o caminho contra a violência. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 23, 7 set. 1977.

TORCIDAS já pensam em fazer boicote. **Folha**, São Paulo, 4 out. 1979d.

VIOLÊNCIA gera interdição no estádio e congestionada a tabela do Brasileiro. **Folha**, São Paulo, 24 ago. 1995a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/24/esporte/17.html>. Acesso em: 19 set. 2022.

WEFFORT, F. C. **Por que democracia?**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WILKSON, A.; LISBOA, D. Ha 37 anos, torcidas rivais marchavam juntas contra ditadura e por diretas. **UOL**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/12/06/torcidas-organizadas-estiveram-no-diretas-ja-com-batuque-faixa-e-camiseta.htm>. Acesso em: 25 out. 2022.